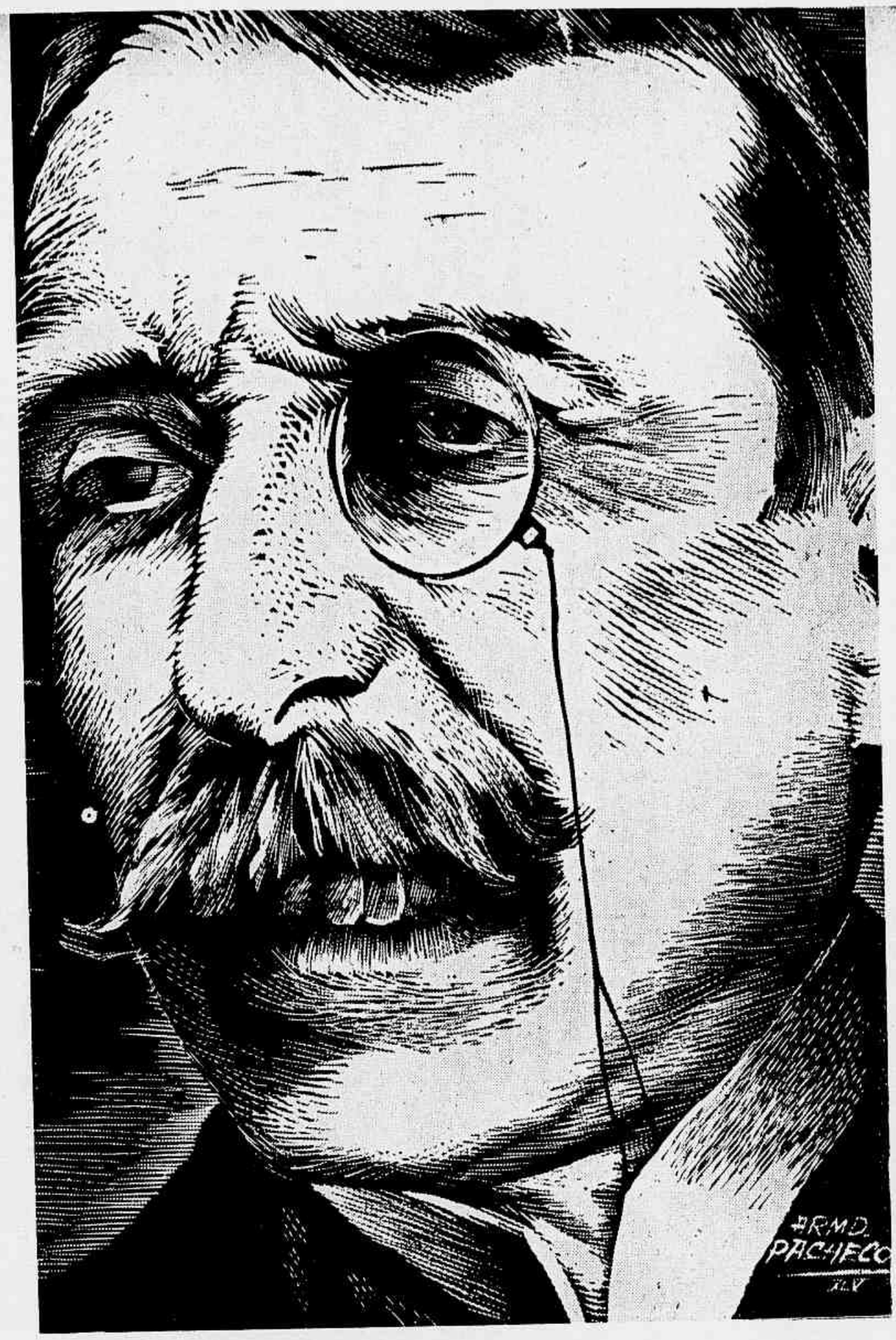
REVISTA DA SEMANA

N°. 47
24 - 11 - 1945
Cr$ 1,50

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL

KOLYNOS
AUMENTA
A SIMPATIA
DO SORRISO
AS mulheres que triunfam são as que mostram simpatia ao sorrir, e KOLYNOS faz encantador o sorriso porque torna brilhantes os dentes e dá frescura e fragrância ao seu hálito.
Adote hoje mesmo KOLYNOS e verá como aumenta a simpatia de seu sorriso! E não se esqueça de visitar seu bom amigo, o dentista.
E COMO É ECONÔMICO
Basta 1 centímetro na escova seca, e terá aumentado o encanto de seu sorriso, porque
KOLYNOS
LIMPA MAIS
AGRADA MAIS
E RENDE MAIS
KOLYNOS
CREME DENTAL



AS FRONTEIRAS DA PERSONALIDADE

Escreveu FRANKLIN DE OLIVEIRA

UM capítulo que ainda espera redação definitiva, no plano das literaturas comparadas é, sem dúvida, o das influências: amplo campo de afinidades espirituais, identificando escritores, através do tempo e do espaço. Fonte de apaixonante interêsses, suas surprêsas são estonteantes e permitem-nos um sereno equilíbrio no julgamento da contribuição individual de cada autor, quando a apreciamos, relacionando-a com a fôrça criadora da literatura a que pertence.

Encontro em Eça de Queiroz, para falar de um nome intimamente ligado à formação artística de todos os bons escritores brasileiros, farta seara para essas pesquisas. Êle domina inteiramente o problema das fontes. Comecemos lembrando a crítica que o nosso velho Machado de Assis faz ao "Crime do Padre Amaro", permitindo que os espíritos menos atilados o aproximassem, grosseiramente, de "La faute de l'Abbé Mouret", de Zola.

Preliminarmente, teria Machado, conhecedor, por experiência própria, do delicado fenômeno da elaboração mental, o direito de tentar essa maliciosa aproximação, em que só se sente o desejo de inutilizar o esfôrço de um dos maiores estetas da língua portuguêsa?

Ainda há pouco o sr. Mário Matos mostrava a grande influência de Xavier de Maistre sôbre Machado, influência que se revela nos processos de pura técnica literária, como êste de definir tipos pelos pequenos casos, no mesmo gôsto das mulheres, enfim, na mesma concepção do mundo. "Braz Cubas" vem, em linha reta, da "Viagem à volta do meu quarto". E, esclarecendo estas aproximações, comenta o brilhante crítico mineiro: "As observações feitas não visam inculcar de plágio, antes reforça a verdade comum de que a originalidade não se encontra em nenhum escritor. Os que pertencem à mesma família espiritual imitam-se e se repetem, apresentando feição muita vez idêntica no modo de enunciar o pensamento ou descrever a vida. De alguma maneira estamos presos ao que admiramos e, inconscientemente, somos levados a parafrasear tudo o que nos despertou entusiasmo ou emoção. Em literatura, o fenômeno da imitação inconsciente não revela carência de personalidade, ao contrário, mostra identidade de temperamento e gôsto.

Muito antes de Machado, Eça recebeu, em vida, a acusação de "papel carbono". A "Fôlha do Sul", em Evora, iniciou o páreo, insinuando artigos decalcados em Victor Hugo. "As Farpas", depois, não esconderam sua origem: as "Guepes", de Karr. A conferência do Casino trazia a marca de Proudhon, em "Du principe de l'art et sa destination sociale". "O Mistério da Estrada de Cintra" sugeria Balzac. "O Mandarim", Balzac, de novo, em "Père Goriot". "O Primo Basílio", a "Madame Bovary", de Flaubert. "Os Maias", Dickens em "Pickwick" e Flaubert, na "Educação Sentimental". E a vida dos santos, de novo Flaubert, com suas legendas místicas. Essas identidades e aproximações são tão claras que hoje é um axioma literário a afirmativa de que Eça só escrevia quando podia dispor de reminiscências literárias ou pessoais. "A originalidade de seus enredos, comenta o sr. Viana Moog, não é indiscutível: êles trazem, sempre, muito à vista a marca de origem". Diante de Eça, de quem já se assegurou que não nasceu para "criar o belo absolutamente novo, e sim para interpretar e construir, com o belo existente, o belo que ainda não existe", o sr. Alvaro Lins escolheu uma atitude rica em compreensão e sabedoria, quando traçou as páginas lúcidas de "Um centro de influências", em sua "História Literária de Eça de Queiroz".

Apoiado em Gide, que fez a apologia de tôdas as influências, o crítico do "Correio da Manhã" afirma que recebê-las "não diminui nem desfigura, de modo algum, a personalidade". "Em geral, adianta, a influência, a ida até os grandes mestres é um gesto de que resulta o enriquecimento e não a escravidão. Insensato seria querer alguém fechar-se em si mesmo, murado e bloqueado, como em guerra com o mundo. Nem tal atitude significaria uma defesa, mas uma confissão de medo. O medo de perder a personalidade que já implica, aliás, uma outra confissão, muito mais penosa: a dúvida da própria personalidade. Quando ela existe, as influências não a sufocam: completam e ajustam sua expansão". E ilustrando suas afirmações: "É Goethe, "o mais inteligente de todos os seres", confessando que devorara tudo o que Herder lhe quisera ensinar e exclamando ao chegar em Roma: "Enfim, nasci"; é Racine aproveitando-se dos jansemitas; é Shakespeare levantando, em cena, os heróis de Plutarco. E — conclui o crítico — fecha-se a argumentação com os dois períodos mais ricos da história da cultura: o século de Augusto, influenciado pelos gregos; o século da Renascença, influenciado pela antiguidade".

Não sei bem se, em face das acusações que sofria Eça, teria êle o bom humor, o "fair-play" de responder como Shakespeare, quando o inculcavam de se haver apossado de tal frase ou cena: "Foi uma filha que tirei da má companhia para fazê-la entrar na boa". Molière não se humilhava em confessar: "Je prends mon bien où je le trouve". Goethe declarava que, para o "Fausto" devia a intriga a Calderon, a visão a Marlow, a serenata ao "Hamlet", e o prólogo ao "Livro de Job". Victorien Sardou, acusado de ter-se apropriado de algumas cenas de "Madame Sans Gêne" respondia serenamente: "Que culpa tenho eu que uma boa idéia vá parar na cabeça de um idiota?". Ainda são de Victorien Sardou estas palavras: "Nós não fazemos mais do que tomar, constantemente, a obra daqueles que nos anteciparam. A propriedade não está na idéia, mas no partido que dela se tira. Um assunto é de todo o mundo, o que é do indivíduo é o aspecto particular sob o qual êle o encara, a maneira como combina a sua fábula, e realiza sua execução artística". Isto lembra Schiller quando dizia: "O que tu pensas é de todo o mundo: só é teu o que tu sentes".

Prefaciando um estudo de Casimir Strienki sôbre Stendhal, L. Belugou pergunta: "A quem pertence uma idéia? A quem a enuncia em primeiro lugar ou a quem lhe dá vida, pondo-a em circulação?".

Eça é um exemplo que justifica a indagação de Du Ryet: "De bonne foi, peuton faire au génie un reproche d'avoir changé le cuivre en or?".

Sabendo, com Kostyleff, em "Le mécanisme cérébral de la pensée", que "A inspiração não nasce do nada", o genial creador de "A ilustre Casa de Ramires" não recuava em procurá-la, em suas fontes preferidas, nas fontes de suas simpatias e afinidades literárias. E, por uma ironia de seu destino, êle, que foi o escritor de originalidade mais combatida em seu tempo, foi, de seu tempo, o escritor que maior influência exerceu no Brasil e Portugal. O seu caso lembra, neste particular, o de Chaucer, tal como de Chaucer fala Emerson: "A influência de Chaucer em nossa literatura é evidente: a uma só hora, não só Pope e Dryden, senão todos os escritores inglêses podem referir-se a êle. E' admirável a sua opulência que nutre a tantos. Mas aqui é que Chaucer é um terrível "carbono". Chaucer se inspirou em Lydgate e Caxton, em Gido de Colognna, cujo romance latino da guerra de Troia é, por sua vez, uma compilação de Dures Frígio, Ovídio e Stacio. Também êle se abeberou em Boccacio e nos poetas provençais. O Romance da Rosa é uma tradução livre de Guillermo de Lorris e Juan Neun; Troilo e Criseida é de Lolio de Urbino. Mas — acrescenta Emerson — para anular essas faltas, salientamos o valor e a vida que Chaucer dá a tudo quanto decalca. O pensamento é de quem melhor o compreende, melhor o divulga".

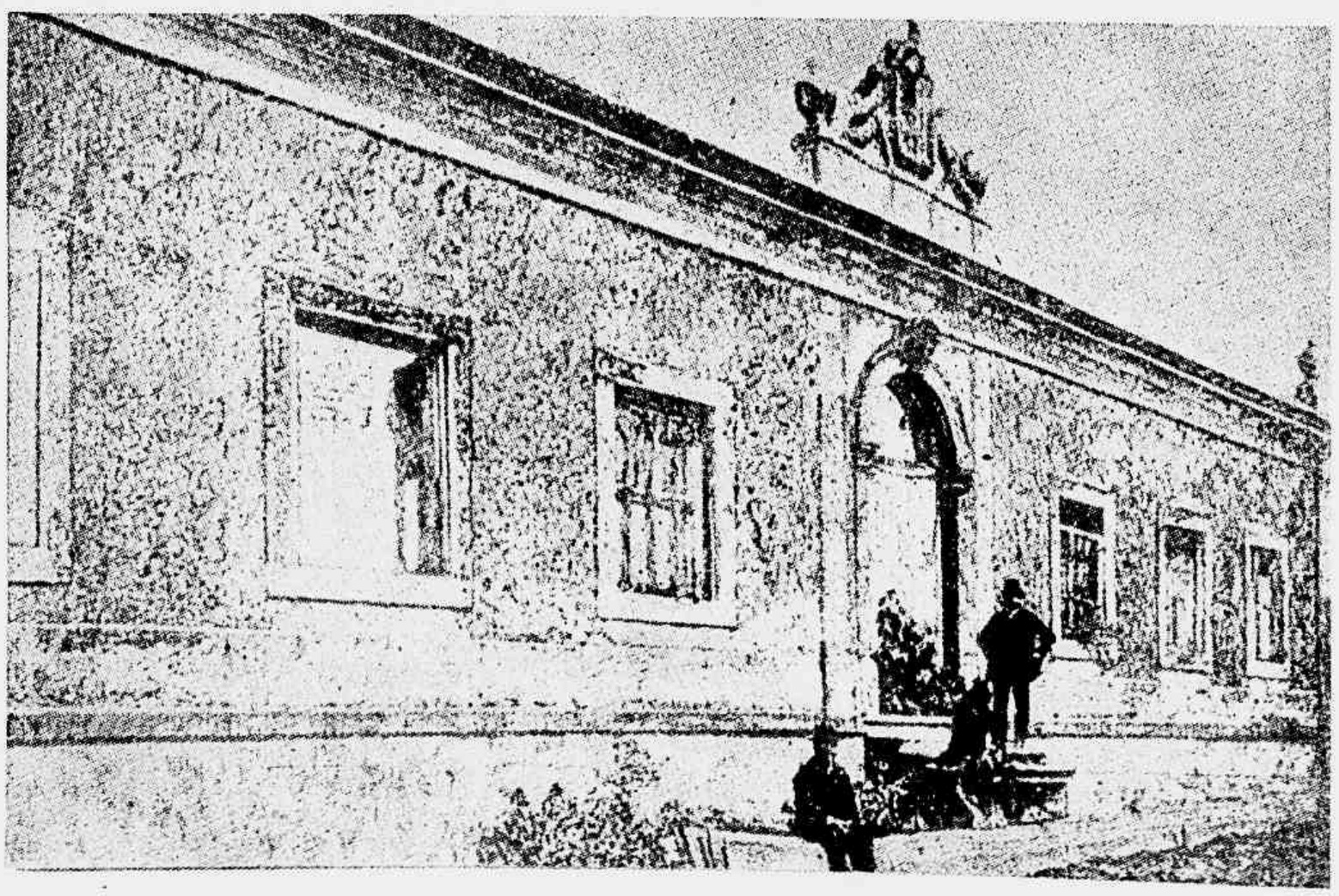
Um precioso retrato de Eça: pastel feito em 1887 por Columbano.

Eça na época de "Os Vencidos da Vida". Foto batida em 1900.

O CENTENARIO DE EÇA DE QUEIROZ

O centésimo aniversário do nascimento de José Maria Eça de Queiroz, comemorado precisamente amanhã, 25 de novembro, tem pôsto em evidência maior o nome do autor de "A Cidade e as Serras". Associando-se à grande data das letras portuguêsas, oferecemos aos leitores, no presente número, vários trabalhos sôbre a personalidade e a obra de Eça, e, linhas abaixo, um fragmento daquele de seus consagrados romances:

Ruinas da casa dos avós de Eça, em Verdemilho, onde o romancista passou a melhor parte de sua infância. Ficava a uma légua de Aveiro. Foi frequentemente citada em seus trabalhos, mais tarde.



"E foi justamente numa dessas noites (um sábado) que nós passámos, naquele quarto tão civilizado e protegido, por um dêsses brutos e revoltos terrores como só os produz a ferocidade dos Elementos. Já tarde, à pressa (jantáramos com o Marizac no clube, para o acompanhar depois ao "Lohengrin" na Ópera), Jacinto arrocheava o nó da gravata branca — quando no lavatório, ou porque se rompesse o tubo, ou se dessoldasse a torneira, o jato de água a ferver rebentou furiosamente, fumegante e silvando. Uma névoa densa de vapor quente abafou as luzes — e, perdidos nela, sentíamos, por entre os gritos do escudeiro e do Grilo, o jôrro devastador batendo os muros, esparrinhando uma chuva que escaldava. Sob os pés o tapete encharcado era uma lama ardente. E como se tôdas as fôrças da natureza, submetidas ao serviço de Jacinto, se agitassem, animadas por aquela rebelião da água — ouvimos roncos surdos no interior das paredes, e pelos fios dos lustres elétricos sulcaram faíscas ameaçadoras! Eu fugira para o corredor, onde se alargava a névoa grossa. Por todo o 202 ia um tumulto de desastre. Diante do portão, abrindo as pela fumarada que se escapava das janelas, estacionava uma multidão. E na escada esbarrei com um repórter, de chapéu para a nuca, a carteira aberta, gritando sôfregamente "se havia mortos?".

Domada a água, clareada a bruma, vim encontrar Jacinto no meio do quarto, em ceroulas, lívido:

— Ó Zé Fernandes, esta nossa indústria!... Que impotência, que impotência! Pela segunda vez, êste desastre! E agora aparelhos perfeitos, um processo novo...

— E eu encharcado por êsse processo novo! E sem outra casaca!

Em redor as nobres sedas bordadas, os brocáteis Luiz XIII, cobertos de manchas negras, fumegavam. O meu Príncipe, enfiado, enxugava uma fotografia de madame d'Oriol, de ombros decotados, que o jôrro bruto maculara de empolas. E eu, com rancor, pensava que na minha Gulães a água aquecia em seguras panelas — e subia ao meu lavatório, pela mão forte da Catarina, em seguras infusas! Não jantámos com o luque de Martzac, no clube. E, na Ópera, nem saboreei "Lohengrin", e a sua branca alma, e o seu branco cisne, e as suas brancas armas — entalado, aperreado, cortado nos sovacos pela casaca que Jacinto me emprestara e que rescendia estonteadoramente a flôres de Nassari.

★

No domingo, muito cedo, o Grilo, que na véspera escaldara as mãos as trazia embrulhadas em seda, penetrou no meu quarto, descerrou as cortinas e, à beira do leito, com o seu radiante sorriso de preto:

— Vem no "Fígaro"!

Desdobrou triunfalmente o jornal. Eram, nos "Ecos", doze linhas, onde as nossas águas rugiam e espadanavam, com tanta magnificência e tanta publicidade, que também sorri, deleitado.

— E tôda a manhã o telefone, siô Fernandes! — exclamava o Grilo, rebrilhando em ébano. — A quererem saber, a quererem saber... "Está lá? Está escaldado?" Paris aflito, siô Fernandes!

O telefone, com efeito, repicava, insaciável. E quando desci para o almôço, a toalha desaparecia sob uma camada de telegramas, que o meu Príncipe fendia com a faca, enrugado, rosnando contra a "maçada". Só desanuviou ao lêr um dêsses papéis azuis, que atirou para cima do meu prato com o mesmo sorriso agradado com que de manhã sorrimos, o Grilo e eu:

— E' do Gran-Duque Casimiro... Ratão amável! Coitado!

Saboreei, através dos ovos, o telegrama de S. Altesa. "O que o meu Jacinto inundado! Muito chic, nos Campos Elíseos! Não volto ao 202 sem bóia de salvação! Compassivo abraço! Casimiro..." Murmurei também com deferência: "Amável! Coitado!". Depois, revolvendo lentamente o montão de telegramas que se alastrava até ao meu copo:

— Ó Jacinto! Quem é esta Diana que incessantemente te escreve, te telefona, te telegrafa, te...?

— Diana?... Diana de Lorge. E' uma "cocotte". E' uma grande "cocotte".

—Tua?

— Minha, minha... Não! Tenho um bocado.

E como eu lamentava que o meu Príncipe, senhor tão rico e de tão fino orgulho, por economia duma gamela própria chafurdasse com outros numa gamela pública — Jacinto levantou os ombros, com um camarão espetado no garfo:

— Tu vens das serras... Uma cidade como Paris, Zé Fernandes, precisa ter cortezãs de grande pompa e grande fausto. Para montar em Paris, nesta tremenda carestia de Paris, uma "cocotte" com os seus vestidos, os seus diamantes, os seus cavalos, os seus lacaios, os seus camarotes, as suas festas, o seu palacete, a sua publicidade, a sua insolência, é necessário que se agremiem uma poucas de fortunas, se forme um sindicato! Somos uns sete, no clube. Eu pago um bocado... Mas meramente por civismo, para dotar a cidade com uma "cocotte" monumental. De resto não chafurdo. Pobre Diana!... Dos ombros para baixo nem sei se tem a pele côr de neve ou côr de limão.

Arregalei um ôlho divertido:

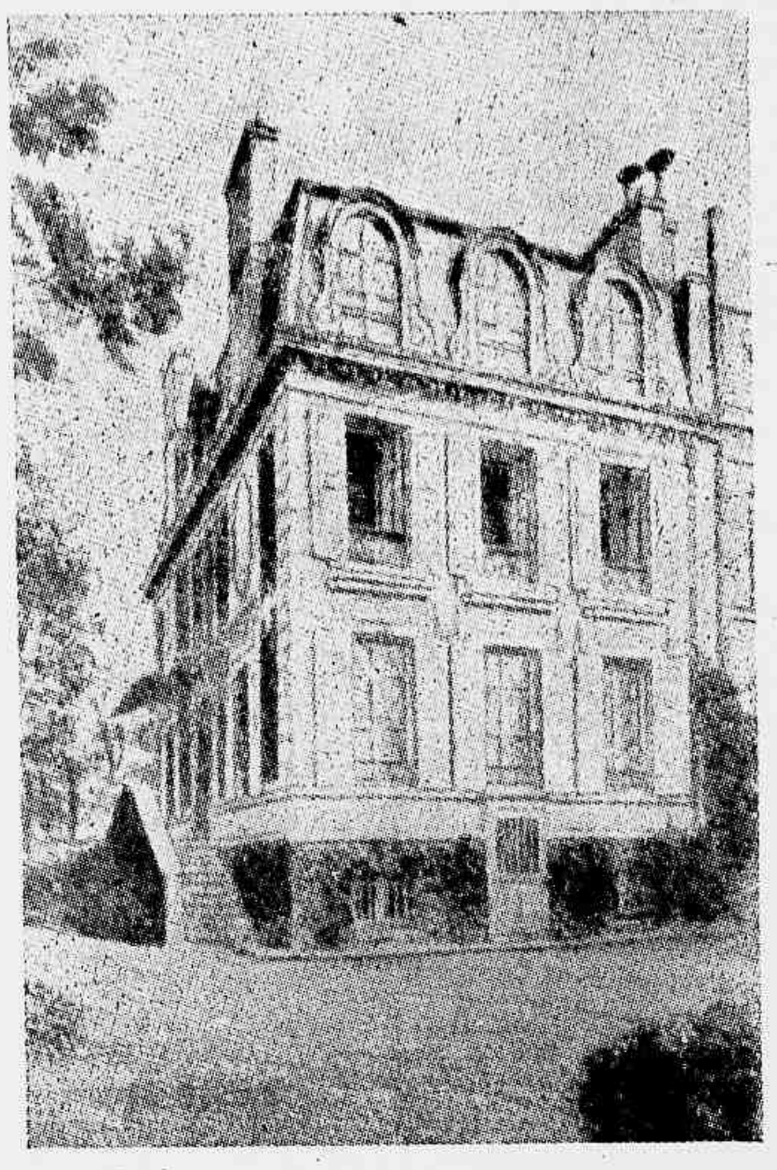
— Dos ombros para baixo?... E para cima?

— Oh! para cima tem pó de arroz!... Mas é uma seca! Sempre bilhetes, sempre telefones, sempre telegramas. E três mil francos por mês, além das flôres... Uma maçada!

E as duas rugas do meu Príncipe, aos lados do seu afilado nariz, curvado sôbre a salada, eram como dois vales muito tristes, ao entardecer.

Acabávamos o almôço, quando um escudeiro, muito discretamente, num murmúrio, anunciou madame d'Oriol. Jacinto pousou com tranquilidade o charuto; eu quase me engasguei, num sôrvo alvoroçado de café. Entre os reposteiros de damasco côr de morango ela apareceu, tôda de negro, dum negro liso e austero de Semana Santa, lançando com o regalo um lindo gesto para nos sossegar. E imediatamente, numa volubilidade docemente chalrada:

— E' um momento, nem se levantam! Passei, ia para a Madalena, não me contive, quis ver os estragos... Uma inundação em Paris, nos Campos Elíseos! Não há senão êste, Jacinto. E vem no "Fígaro"! O que eu estava assustada, quando telefonei! Imaginem! Água a ferver, como no Vesúvio... Mas é duma novidade! E os estofos perdidos, naturalmente os tapetes... Estou morrendo por admirar as ruinas!



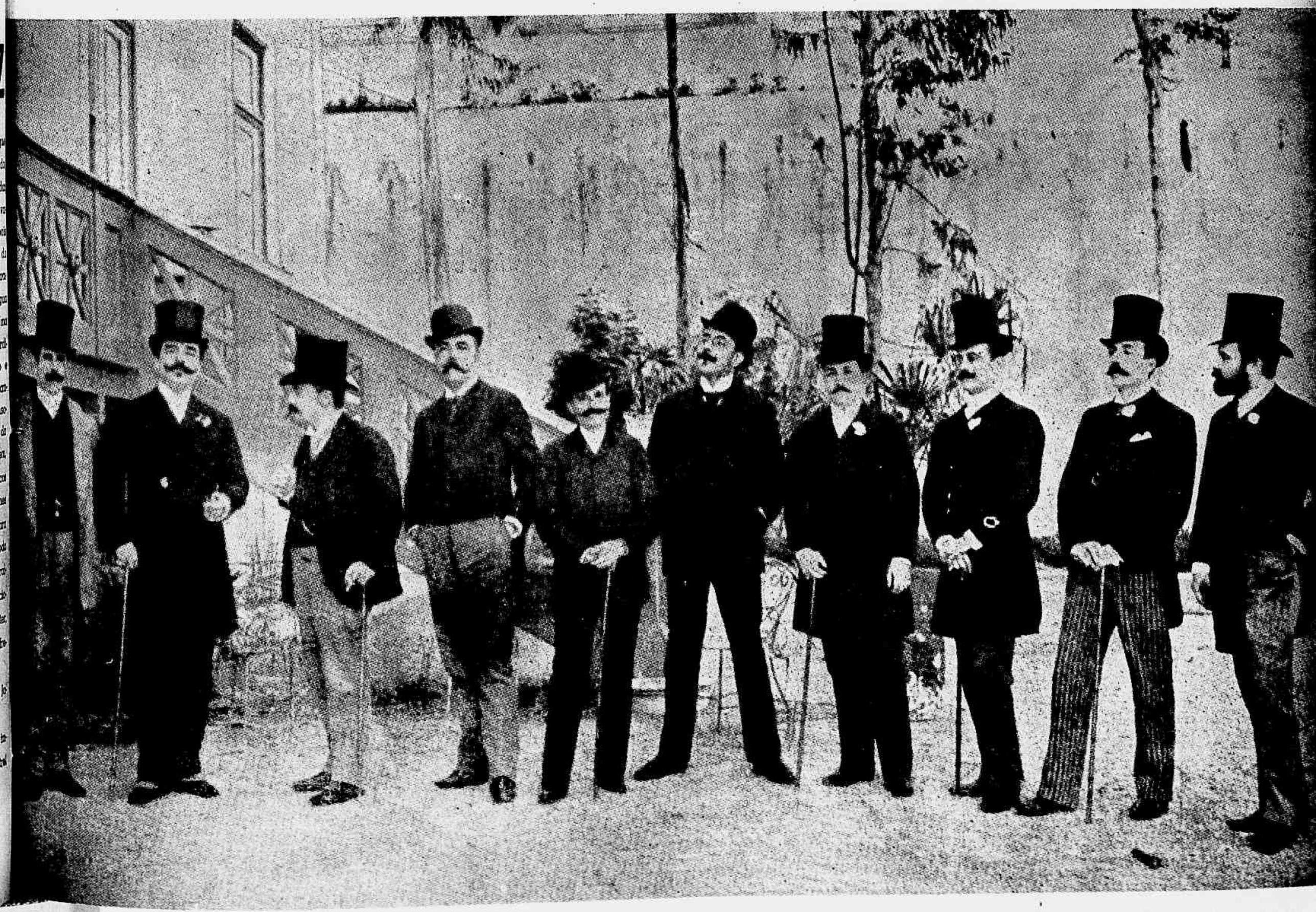
Reprodução da casa onde Eça morreu, em Neuilly, França.

Jacinto, que não me pareceu comovido, nem agradecido com aquêle interêsse, retomara risonhamente o charuto:

— Está tudo sêco, minha querida senhora, tudo sêco! A beleza foi ontem, quando a água fumegava e rugia! Ora, que pena não ter ao menos caído numa parede!

Mas ela insistia. Nem todos os dias se gozavam em Paris os destroços duma inundação. O "Fígaro" contara... E era uma aventura deliciosa, uma casa escaldada nos Campos Elíseos!"

Conde de Sabugosa — Marquês de Soveral — Carlos Mayer — Conde de Ficalho — Guerra Junqueiro — Ramalho Ortigão — Carlos Lobo d'Avila — Conde d'Arnoso — Eça de Queiroz e Oliveira Martins, o grupo famoso de "Os Vencidos da Vida", por essa ordem, da esquerda para a direita.



A SEMANA EM REVISTA

AINDA HAVERÁ JUIZES NO RIO?

O jôgo corria às mil maravilhas. O juiz evitava assinalar tôdas as pequenas faltas involuntárias, fugindo assim do que os entendedores chamam um "jôgo amarrado". O placard começara marcando 2x0 a favor do Flamengo, e todos esperavam que êste fôsse o escore final, se os locais não aumentassem a contagem, como queria a sua torcida. Mas... o homem põe e o diabo come os ovos. Foi assim que a turma do Almirante reagiu. Izaias pegou a pelota na área perigosa e vazou a cidadela do rubro-negro. O tento entusiasmou a colônia. Os "hurrahs" vitoriosos quase põem abaixo a arquibancada da Gávea. E Izaias, também entusiasmado com o seu feito, investiu novamente numa ofensiva atômica, aninhando de novo a pelota nas rêdes do Flamengo. Até então nada de mais. Mas quando houve um encontro entre Jair e Biguá, o árbitro assinalou falta dêste último. O "Índio" virou antropófago. O amargor da derrota, misturado à revolta contra a injustiça, subiu-lhe à cabeça otocne, numa efervescência de tempestade. Chutou para longe a bola e pôs-se a reclamar em altas vozes contra o juiz. Dizem que êste respondeu-lhe com palavras pouco delicadas. E as coisas ficaram pretas. Jogadores, juiz, torcida, tudo entrou na zaragaita. Nas populares abriu-se um claro enorme entre a torcida vascaína e o pessoal do Popeye. A terra de ninguém. Quem se aventurasse a atravessar aquêle território contestado seria sem dúvida morto pela saraivada de pedras e tijolos que cruzavam os ares. Era o diabo. O campo foi invadido por uma compacta multidão luso-brasileira que, aproveitando a "munição" fornecida por um muro que ruiu durante o conflito, bombardeava-se furiosamente. O jôgo terminou antes do fim. A Federação Metropolitana, de acôrdo com os ditames legais, marcou para setenta e duas horas depois a disputa dos minutos finais, em campo neutro. Assim, o público nada terá a reclamar. Tudo voltou à normalidade. Só não ficaram contentes os trinta feridos que se contaram depois do conflito, entre os quais figuravam senhoras e crianças. Assim, termina outro campeonato carioca de futebol. Assim termina a história da atuação dos juizes da Federação Metropolitana de Futebol, a cuja atuação se devem em geral os conflitos dessa natureza. Embora o futebol seja considerado por muitos como uma futilidade, não há dúvida que êle é o divertimento popular número um do carioca. Assim, não é justo que o povo continue a se expor involuntariamente a perigos desnecessários, por causa de uma deficiência técnica ou de uma leviandade por parte dos árbitros. Será que não há mais juizes no Rio?

"UM POBRE HOMEM DE PÓVOA DE VARZIM"

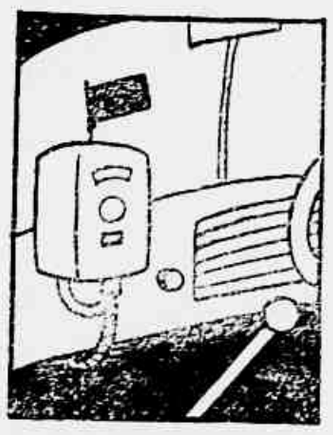
"Não tenho orgulho nem vaidade. O orgulho é a vaidade dos gênios, e a vaidade é o orgulho dos imbecis. E eu, sinceramente, não penso pertencer a qualquer dêsses dois gêneros". Assim falou Guerra Junqueiro. Assim poderia ter também falado Eça, apesar de gênio. Mas Eça, apesar de modesto, não fazia da modéstia uma arma. Nunca declarou que era modesto. E sempre o foi. Um dia, declarou de público: "Eu sou apenas um pobre homem de Póvoa de Varzim". Estava enganado. Êle já havia escrito então "O Crime do Padre Amaro". E o autor dêsse livro não podia dizer, sem errar, que era um homem dessa ou daquela província, de um país ou de outro. Era um homem do mundo e ao mundo pertencia. E tanto o era que continua a sê-lo ainda hoje, cem anos passados de seu nascimento. Agora, comemorando o centenário do "pobre homem de Póvoa de Varzim", os jornais de dois continentes, embora seja grande a sabotagem do Govêrno Salazarista, estampou em letras grandes e corpo gordo o nome de Eça, nome que é um símbolo e uma bandeira. Um símbolo de trabalho desinteressado e heróico; uma bandeira de honestidade e virtude. Entre os jornais que ora o homenageiam está a REVISTA DA SEMANA, que no presente número, graças aos esforços de todos os que trabalham nesta casa, consegue estampar em suas páginas noticiário farto e documentação interessante em tôrno da grande figura de literato e lutador que foi o vulto inconfundível e imortal de José Maria Eça de Queiroz, português por nascimento e cidadão do mundo por merecimento. Nascida justamente no ano da morte do grande escritor ibérico, a REVISTA vem acompanhando com interêsse e dedicação todos os grandes acontecimentos que de então para cá têm ocorrido em todos os pontos do Globo. E vem marcando, durante êsses quarenta e cinco anos, a marcha acelerada da glória de Eça de Queiroz, que cada dia maior se faz e cada ano mais alto levanta o clamor de suas vozes e a revolta de suas atitudes. Hoje, traduzido para muitas línguas, levado para o cinema, Eça de Queiroz leva a todo o mundo a beleza de sua bondade de revolucionário e revolta de sua palavra de esteta. Ninguém, como êle, até hoje tem conseguido, com tanta perfeição e tanta lisura, pôr o belo a serviço do bem. Ninguém, como êle, em tão sublime estilo e em tão grandes e belas imagens, tem feito chegar ao coração dos homens as palavras da revolução. Ninguém, como êle, tem feito ver com clareza, sob o "manto diáfano da fantasia, a nudez forte da verdade". E é por isto que hoje tôda a imprensa lhe rende homenagem, pois êle continua a ser, cem anos depois de nascido, a glória e a honra da imprensa de língua portuguêsa.

AMÉRICA VITORIOSA

A Academia de Ciências da Suécia vem de conferir o Prêmio Nobel de Química ao professor alemão Otto Hann, ex-diretor do Instituto Kaiser Wilhelm, autor de importantes descobertas relativas à desintegração atômica. Êsse cientista, como tantos outros, foi um dos fatores definitivos da consumação da desintegração da energia nuclear que resultou na maior revolução química até hoje registrada. E como até o momento não tenha chegado a notícia de que a humanidade viesse a ser beneficiada com o aproveitamento do desequilíbrio eletrônico, julgamo-nos no direito de acreditar que o Prêmio Nobel de Química ainha sido conferido ao precursor da mais tremenda arma de guerra até hoje descoberta. Assim, anos sem conta depois de sua morte, a dinamite presta um tributo à sua neta evoluida — a bomba atômica. Isto seria lógico se não fôssem conhecidos os propósitos de Nobel. Quando êle, em seu laboratório, após várias pesquisas, descobrindo que a nitroglicerina misturada a terras mortas tinha a sua ação multiplicada por um meio, enquanto diminuia o perigo de explosão por atrito, inventou a dinamite, havia creado uma nova e poderosa arma de guerra. Pensou que o seu invento rasgaria as montanhas às estradas da paz. Êle entretanto mais serviu para a demolição de pontes e edifícios a serviço da guerra. E então Nobel, arrependido, legou a sua fortuna aos que servissem, de um modo ou de outro, à felicidade humana. Um dia os Curie ganharam o seu quinhão na herança do cientista. E hoje o ganha um dos inventores da bomba atômica.

O fato seria constrangedor se não chegasse, no mesmo telegrama, a notícia de que a poetisa e educadora chilena Gabriela Mistral havia sido a detentora do Prêmio Nobel de Literatura de 1945. Assim, a autora de "Sonetos de la muerte" reabilita o Prêmio Nobel. Ela, que durante tôda a sua vida se dedicou exclusivamente à poesia, à arte e à educação, ela que sempre foi a mais pacifista de tôdas as diplomatas, ganha agora a sua parte na herança da dinamite. Essa entretanto não foi apenas uma vitória de Gabriela Mistral. Foi, acima de tudo, uma vitória da América do Sul. Sim, pois pela primeira vez na história o Prêmio Nobel atravessa o Equador para vir ao Novo Mundo. E não foi sem tempo. Era preciso que a uma figura de pacifista serena fôsse dado o prêmio, para que em paz continuasse a alma de Nobel, o inventor arrependido da dinamite.

O PROBLEMA DO "TAXI"



Inicialmente é mister reconhecer que o uso do "taxi" não constitui, em muitos casos, mais que uma necessidade intrínseca para a população. Se muita gente se dá ao luxo dêsse transporte por mera comodidade, outras pessoas lançam mão dêsse veículo em casos de emergência: levar uma pessoa da família ao médico, por exemplo, ou socorrer terceiros. Feita essa ressalva, registre-se a estranheza de não ter sido ainda solucionado o importante problema do reajustamento dos preços de "corridas" e "bandeiradas". Declarou o chefe de Polícia, na última semana, que o assunto se encontrava em estudo, mas nada faz prever que seja resolvido imediatamente, enquanto os "taxis" continuam adotando as tarifas do tempo de racionamento da gasolina, do "câmbio negro" e de outras calamidades que já desapareceram. Há mais e pior, entretanto. Há o quase desaparecimento total do "taxi", substituido pelos "lotações". Em outros tempos prevalecia um horário especial para a adoção dos "lotações"; mas agora, a qualquer hora do dia ou da noite, mesmo nas de menor movimento na cidade, qualquer "chauffeur" improvisa o seu carro em "lotação" e rejeita passageiros do "taxi... a menos que seja feita uma combinação especial. Acresce que uma "corrida" sob o funcionamento do relógio nunca dá a féria de outra pelo processo do "lotação", quando se espremem seis ou oito passageiros, pagando cada um dêles o equivalente a um total realmente absurdo. Os "chauffeurs" alegam agora os preços altos das peças sobresalentes, dos consertos, etc.; mas êsses agravos já existiam quando prevalecia a falta do combustível, e a êles então ninguém aludia. Claro que agora é preciso descobrirem-se motivos para justificar a manutenção dos aumentos escorchantes. Enquanto não vier o resjustamento da situação por parte das autoridades, quem paga é o povo, aquêle que não tem carro particular e, vez por outra, precisa utilizar um "taxi" na muito leal e heróica cidade do sacrifício e do hercismo, que é esta onde vivemos. Evidentemente, ninguém quer o prejuizo da laboriosa classe dos motoristas; porém o mesmo deve prevalecer em relação ao povo. Venha quanto antes o reajustamento, com um horário determinado para os "lotações" e uma redução nas tarifas dos relógios de "taxi". Tal como está sendo feito, é que não pode nem deve continuar.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVI N. :-: 47-24-11-945

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr$ 63,00; Seis meses — Cr$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr$ 80,00; Seis meses — Cr$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr$ 170,00; Seis meses — Cr$ 90,00

O número avulso custa Cr$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr$ 2,00.
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866.
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149.

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevidéo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores
Êste número consta de 60 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

SUMARIO

REPORTAGENS

O Rio, êsse desconhecido 9/16
Figuras e Fatos 18
A REVISTA em Hollywood 38/39
Jockey Club Mundano 58

LITERATURA

As fronteiras da personalidade (Franklin Oliveira) 3
O Centenário de Eça 4/5
A Inspiradora (Lucy Jardine) 23
O outro Eça 24/25
Eça de Queiroz (Escragnolle Doria) 26
Janjão (José Etcheverry) 28/29
O homem de sobretudo (Edgar Wallace) 35
Livros Novos 36/37

SECÇÕES

A Semana em Revista 6
Cinema e Música 20/21

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos 27
Para tôdas as horas 32/33
Modelos avulsos ..... 52 e 54

TEATRO

"A Família Barrett" 56/57

CARICATURA

Era uma vez... 17
"Charge" de Raul 46

CURIOSIDADE

Uma lição de Conga 42/43

ILUSTRAÇÃO

Brigadeiro Eduardo Gomes 30/31

★

NA CAPA

Um sorriso e uma atitude provocante de Evelyn Keyes, da Columbia, oferecidos aos leitores da REVISTA.

★

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos

Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá peorando cada vez mais.

É esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use *Regulador* **Gesteira** sem demora.

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador **Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* **Gesteira**

ENCERRA-SE NA PRÓXIMA SEXTA-FEIRA, 30, O PRAZO PARA RECEBIMENTO DAS PEÇAS E ROMANCES

Dentro de seis dias, impreterivelmente sexta-feira da semana vindoura, dia 30, será encerrado o prazo para recebimento dos originais de teatro e dos romances relativos aos dois grandes concursos literários instituidos pela REVISTA DA SEMANA. As bases para êsses certames foram largamente divulgadas em números anteriores. Nestes últimos dias temos recebido maior quantidade de peças de teatro, tudo fazendo crêr que êsses originais, bem como o de romances, venham a intensificar-se bastante na semana de encerramento, em a qual estamos agora entrando.

No dia 1.º de dezembro todos os originais recebidos serão entregues às comissões julgadoras, de acôrdo ainda com as condições pre-estabelecidas.

OS PRÊMIOS

O autor da peça de teatro classificada em primeiro lugar receberá a quantia de Cr$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), prêmio instituido pelo Clube Ginástico Português, que também ficará com a prioridade de representar a peça premiada pelo conjunto de amadores da sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso. Também o Clube Ginástico representará os originais colocados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outras peças que julgar interessantes para êsse fim.

O autor do romance classificado em primeiro lugar será premiado com uma artística medalha de honra, recebendo ainda um diploma honorífico, o que facilitará a edição da obra. A REVISTA DA SEMANA se encarregará da propaganda do lançamento do romance.

O CONCURSO DE CONTOS CONTINUA

Agora, dia 30, encerram-se apenas os concursos de teatro (Prêmio Apolônia Pinto) e de romances (Prêmio REVISTA DA SEMANA). Quanto ao concurso permanente de contos (Prêmio Aureliano Machado), de acôrdo com as condições publicadas, prosseguirá até dia 31 de dezembro.

NÃO HAVERÁ PRORROGAÇÃO

Prevenimos aos interessados que não será feita nenhuma prorrogação de prazo nessas datas. Convém, portanto, que os mesmos se movimentem no sentido de seus trabalhos chegarem até qualquer hora de sexta-feira, dia 30 do corrente, no que diz respeito às peças de teatro e romances. Os trabalhos de leitura e seleção devem estender-se por algumas semanas; todavia envidaremos os melhores esforços para que ainda em dezembro, ou em princípio de janeiro de 1946, os nomes dos premiados sejam conhecidos.

"Ruas que cantam"
GUIA SENTIMENTAL
DE CIDADES ERITMOS
Cuba
VIENNA
Veneza
Orca
RESERVA DE MESAS-FONES: 26-5550 E 26-5558

CASAS DE MADEIRA — Essa é a pitoresca vila de madeira que está situada junto à praia do Caju. Não tem as características das favelas tortuosas e imundas, mas não é também o que se pode chamar um bairro higiênico e confortável. E' porém mais um aspecto do Rio desconhecido.

O RIO, ESSE DESCONHECIDO

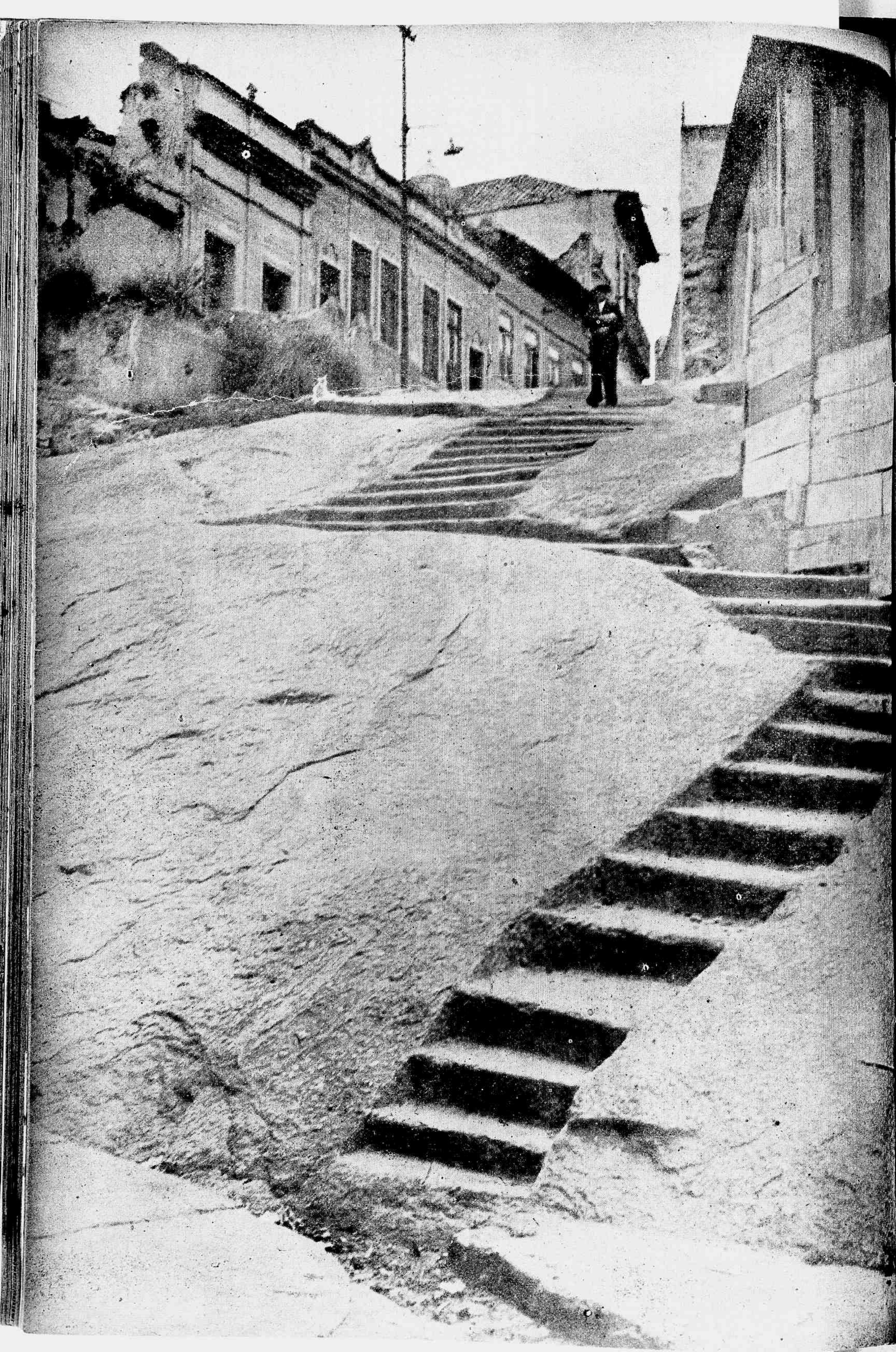
Aspectos da cidade que o carioca ignora — No Rio Comprido, uma paisagem rural — A "Bica da Rainha" e o "Manequinho" — A ruina enfeitada do Pavilhão Mourisco

PARA entrar em contacto com o Rio desconhecido, não é preciso ir muito longe. No próprio centro da cidade, a dois passos da Galeria Cruzeiro, deparamos com ruas exóticas e pitorescas, cujas fotografias, se nos forem mostradas sem esclarecimentos, nos farão supor qualquer cidade do mundo, menos a nossa. E todos êsses panoramas e paisagens urbanas, muitos dos quais de mais de dois séculos, representam verdadeiramente o Rio desconhecido, por isto que o carioca, prêso durante oito horas por dia ao trabalho intenso, vê apenas no cinema e no teatro os meios de se divertir nos momentos de ócio. No entanto, nada poderíamos encontrar que tanto nos enlevasse a mente e o espírito que uma visita a êsse Rio desconhecido, que se nos mostra em tôda a sua beleza pitoresca e simples, das margens da lagoa Rodrigo de Freitas às praias do Caju e de Ramos.

ROUPAS NO VARAL

Subindo por uma ladeira tortuosa de pedras irregulares, vamos galgando o morro que se ergue atrás do edifício de "A Noite". A sombra do arranha-céu sobre tôda a extensão da velha via pública que nos leva ao alto, e a estrutura de cimento domina a elevação com estatura portentosa de seus vinte e dois andares. Continuamos a caminhar pela ladeira de João Homem, em direção ao Jôgo da Bola, um dos logradouros mais antigos e tradicionais do velho Rio. O próprio nome parece emergir de outros séculos, quando em tôdas as cidades havia um lugar assim deno-

DO VIGÉSIMO ANDAR — Do alto do edifício em construção na esquina da avenida Presidente Vargas com a rua Santana, foi colhido êste magnífico aspecto da nossa mais larga via pública. Os ônibus parecem automovelzinhos de brinquedo, vistos daqui, das alturas do andaime. Mas acima das vistas do fotógrafo está o relógio gigantesco da Central do Brasil assinalando, minuto por minuto, o desenvolvimento da vida da nova artéria carioca.



NA PRAINHA — No fim da rua São Francisco da Prainha está o largo dêste nome, do qual divergem ruas as mais pitorescas e exóticas. Aqui está uma delas, que sobe pelo morro acima, numa escada tortuosa e escorregadia talhada na própria pedra.

minado, naturalmente destinado a um jôgo hoje desconhecido, avô do moderno futebol.

O "Jôgo da Bola" do Rio de Janeiro fica justamente no fim da ladeira de João Homem, junto ao prédio antiquíssimo onde está agora instalado o Serviço Geográfico. Apesar de situado a poucos metros da praça Mauá, êsse trecho é inteiramente desconhecido e apresenta o aspecto pitoresco e interessante de uma pequena rua de cidade do interior.

Essa ruazinha pequena, que termina de repente no ponto final de uma muralha de granito, talvez tenha tido a sua origem nos tempos em que ainda não aportara ao Rio, à frente de sua heróica comitiva, D. João VI de Portugal, o rei fujão. Muitas dentre essas casas anciãs, que margeiam as ruas adjacentes, tiveram estampadas em seus frontispícios assobradados as iniciais do Príncipe Regente, como uma ordem de requisição da moradia para os membros da matilha do rei fugitivo. Nas salas amplas e claras dêsses casarões coloniais, arrancados aos seus habitantes pela magia das letras P. R., dormiram muitos condes e barões da côrte lusa, quando a nuvem de gafanhotos do rei João assolou a cidade.

Hoje, as casas guardam as suas recordações, memórias perdidas nos anos incontáveis, dentro das paredes ruidas e remendadas, que teimam em permanecer de pé entre os prédios modernos, como objetos de um museu de antiguidade postos sob campanulas de vidro inquebrável.

E por tôda a extensão do morro, ladeando

UMA FAZENDA NO RIO — Num dos mais tradicionais bairros da cidade, atrás dos edifícios de apartamentos de Santa Teresa, está situada esta fazenda de plantação de verduras. Custa-se a acreditar, mas é verdade.

O MANGUE MUDOU DE ROUPA — O Mangue, já mais conhecido. Mas ainda não o é bastante sob êsse aspecto — de roupa nova e nome trocado. Agora as ruas marginais do canal têm o nome coletivo de avenida Presidente Vargas, e aparecem ainda, na praça Onze, os restos do ex-futuro obelisco. As velhas palmeiras continuam ainda de pé, e as trepadeiras lutam desesperadamente para anular o cheiro da água do canal, com o pobre perfume de suas flôres.

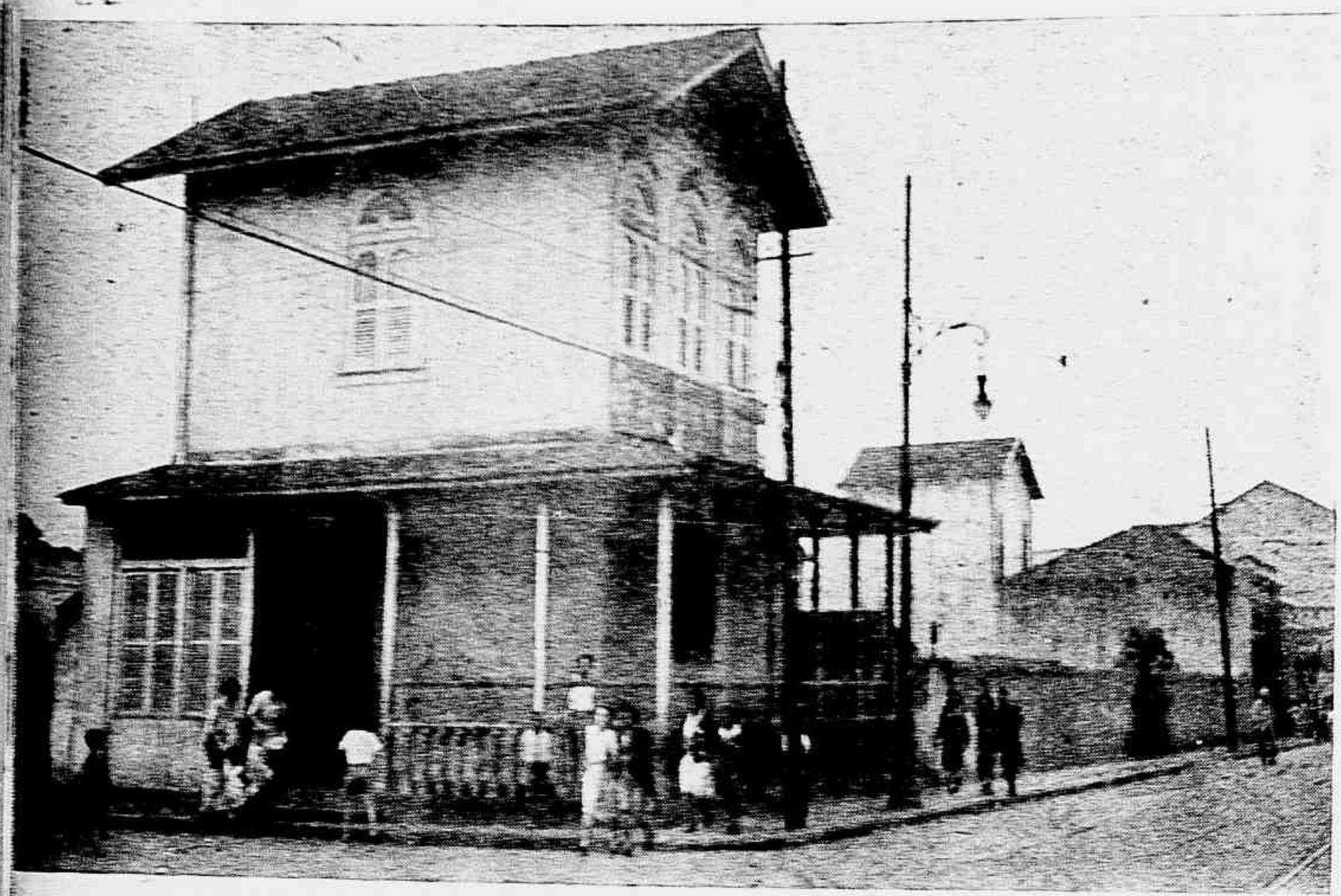
as ladeiras por onde outrora desfilaram coches reais, as velhas casas ensombream o pavimento antigo. Hoje, em vez de condes e barões, uma pequena burguesia empobrecida e triste povoa os seus quartos de aluguel barato. E pelas ruas estreitas as lavadeiras estendem os seus varais, onde as roupas brancas dão uma nota de alegria àquela paisagem morta.

CAMINHO DE CONCRETO

Nem só êste Rio antigo é desconhecido dos habitantes da cidade. Há ainda também o Rio super-novo, cujos aspectos nunca foram vistos senão por aquêles que se vêem obrigados a passarem pelos lugares que os apresentam, por fôrça de circunstâncias alheias à sua vontade.

Entre as maravilhosas visões que nos oferece o desconhecido Rio moderno, destaca-se, em primeiro plano, a avenida Brasil, a mais jovem de tôdas as vias públicas da Capital Federal, que corta agora uma grande área dos subúrbios da Leopoldina, perdendo-se para os lados de Ramos.

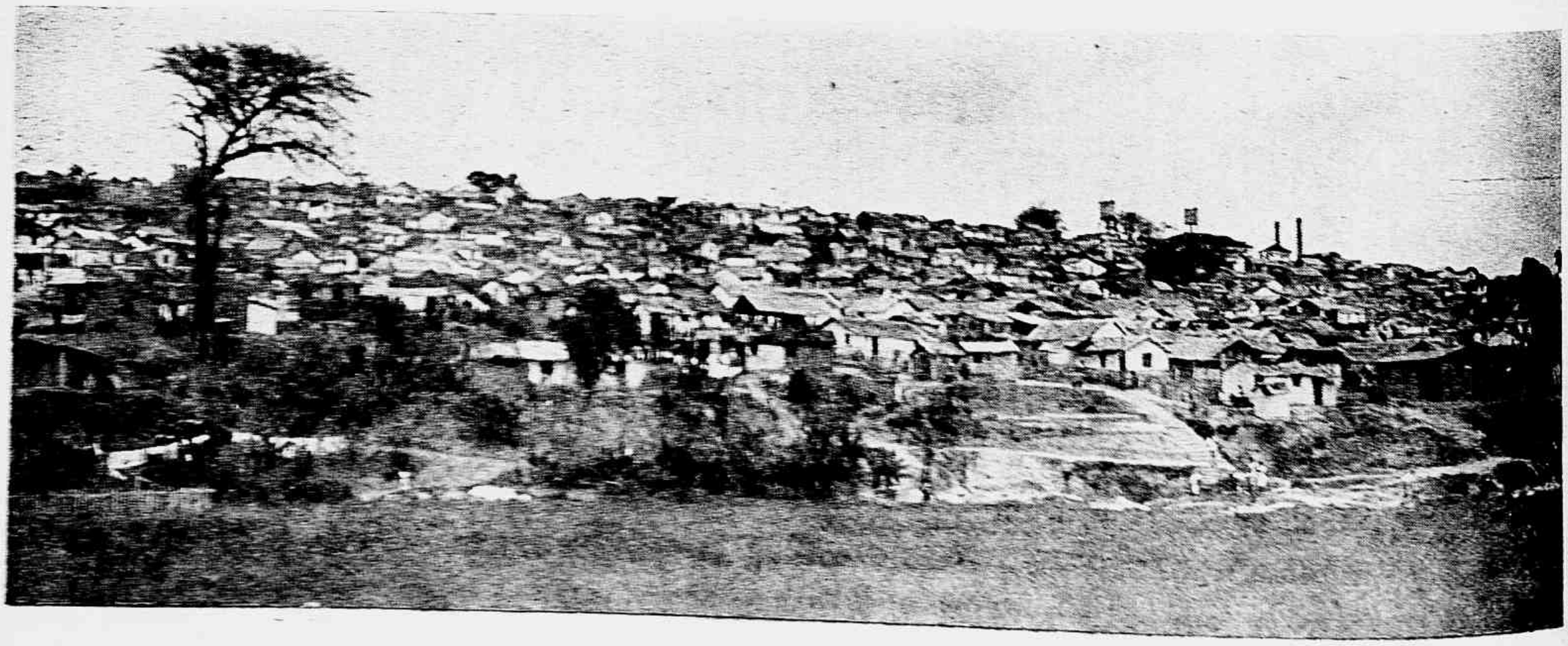
Os que agora transitam pela grande artéria,



VERGANÇA DA AVE DA LIGHT — No Saco do Alferes está ainda de pé esta velha estação de bondes, construída no tempo em que êstes veículos eram ainda puxados a burro. Pertenciam então os bondes do Rio de Janeiro à Companhia de Carris Urbanos, avó da Light and Power. Vieram os bondes elétricos, os "baratinhas" apareceram, tornaram-se de novidade em coisa velha, e de coisa velha em arcaísmo. Hoje, que os nossos bondes são anacrônicos e ineficientes, ainda vive esta estação que abrigava os seus precursores.

CASA DE CÔMODOS — No centro do Rio, e mesmo nos bairros mais aristocráticos, espalham-se as imundas e miseráveis "cabeças de porco". A casa de cômodos, onde vivem em uma promiscuidade promíscua homens, mulheres e crianças, talvez seja a mais antiga das tradições das classes pobres de nossa cidade. Êste aspecto foi colhido num dos maiores cortiços do Rio, situado junto da avenida Presidente Vargas, na rua Santana. O próprio Aluísio de Azevedo seria capaz de dizer: corrente dêste panto.

O BAIRRO DOS HOMENS-SARDINHAS — De um dos lados da avenida Brasil, a mais moderna via pública do Rio de Janeiro, engulo-se êsse miserável bairro, que sobe pela encosta acima até alcançar o alto do morro. As casas se aglomeram em linhas desiguais, numa confusão completa e absoluta. As edificações parecem se agrupar aqui como sardinhas em lata. E em cada uma dessas residências, de um cômodo único, aconchegam-se às vêzes famílias numerosíssimas. Olhado assim o morro é curioso e pitoresco. Mas visto por dentro é chocante e triste.



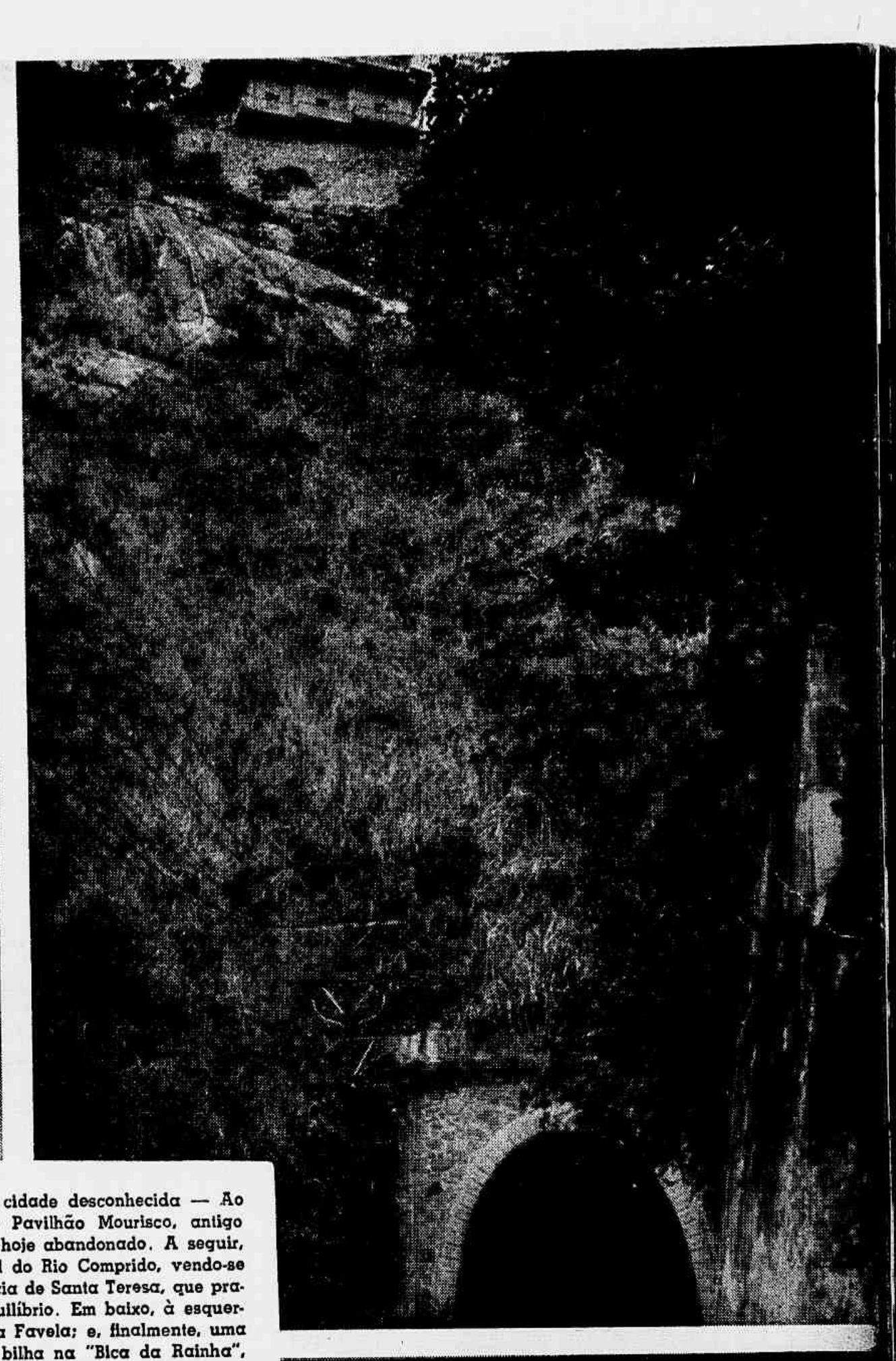
tôda pavimentada em concerto, não podem sequer supor o que representa esta grandiosa obra de engenharia. No entanto, ela é tôda uma epopéia de trabalho e suor, um poema de cimento elaborado em louvor da técnica moderna. Para a sua construção foram necessários os esforços ininterruptos de milhares de operários, multiplicados por dias inúmeros de labor exaustivo. Durante muitos anos, para que se pudesse rasgar a portentosa avenida, no seio de natureza adversa, as dragas funcionaram dia e noite, sugando os pântanos e secando as lagunas. Os arroios incontáveis que cobriam o terreno, transformando-o num charco infindável, foram canalizados e levados até o mar através de rotas determinadas pelos cálculos matemáticos.

Assim, transformada pela mão do homem, a natureza bruta e áspera se metamorfoseou, abrindo-se em caminhos e rios largos, onde outrora só houvera a agressividade das águas turvas e a barreira dos espinheiros bravos. Hoje, ao lado dos terrenos que a mão do homem arrancou à avareza da água, corre a avenida larga, por onde trafegam os automóveis aerodinâmicos em velocidade. E as edificações vão surgindo uma a uma ao lado da pista cimentada.

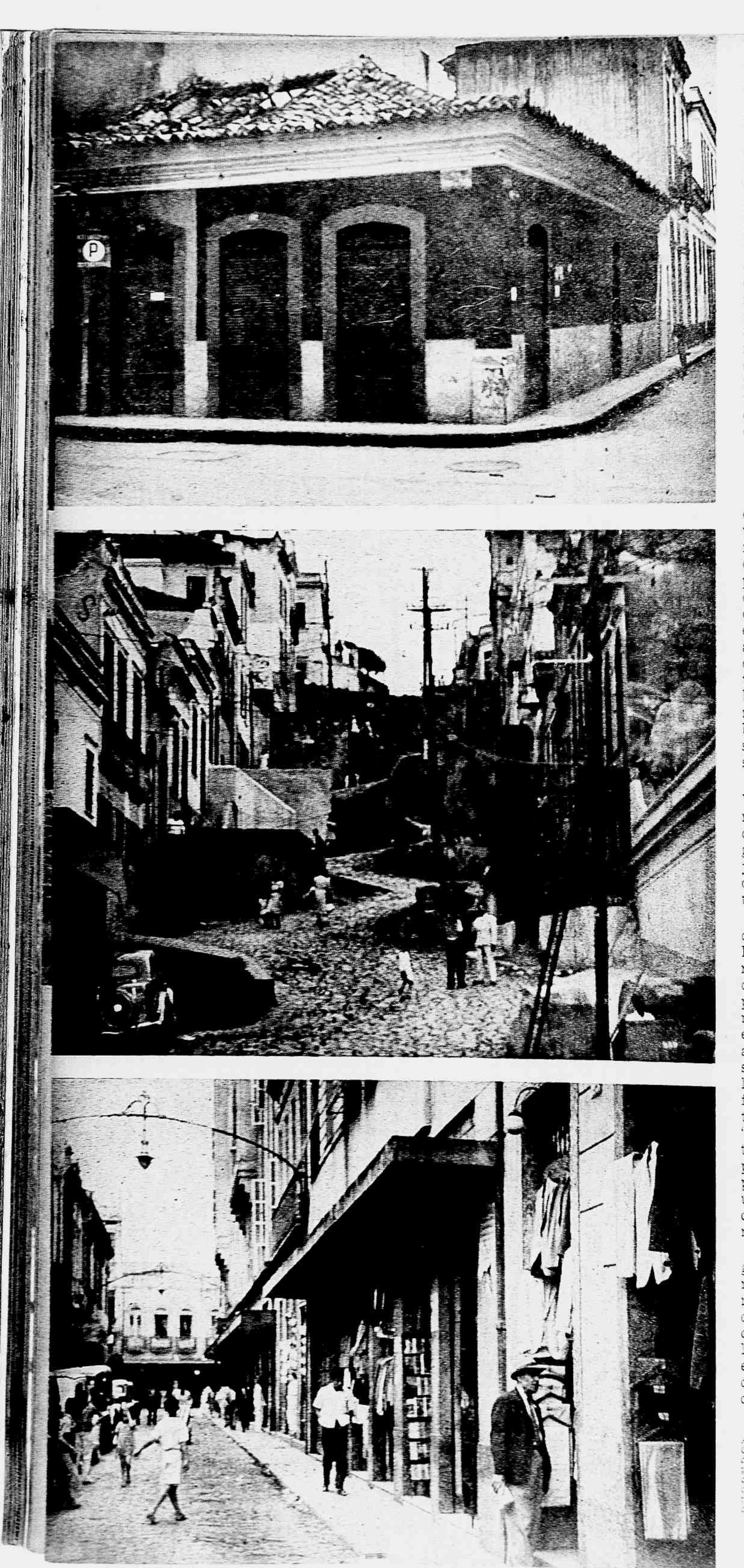
E a avenida vai marcando o contraste chocante de duas épocas distintas: a de sua construção e a da construção da Igrejinha da Penha, que se avista no alto, quando o dia se aclara de sôbre a neblina que a envolve pela manhã.

"AQUI OUTRORA RETUMBARAM HINOS"

De todos os lugares pitorescos do Rio, talvez seja entretanto o velho bairro de Águas Férreas o que nos apresenta aspectos mais interessantes e poéticos. E' ali, pouco além dos prédios de apartamentos da Cidade Jardim Laranjeiras, que vamos encontrar os mais nítidos vestígios de uma aristocracia desaparecida, que vivia em solares majestosos, lado a lado com a pobreza proletária do segundo império, cujos casebres miseráveis medravam à sombra de seus palacetes. Hoje, ainda lá se encontram muitos dêsses palácios, habitados agora por diplomatas estrangeiros e capitalistas fartos, amantes do bucolismo silencioso do bairro, que dorme durante vinte e quatro horas por dia, protegido pelo pára-sol do Corcovado. Mas também a velha e imutável classe dos "sem coulote" ainda mora em Águas Férreas. As "cabeças de porco", respeitadas pela fúria renovadora dos corretores de imóveis, tiram aqui e ali a harmonia do bairro aristocrático, pondo uma nota de



Quatro aspectos da cidade desconhecida — Ao alto, à esquerda, o Pavilhão Mourisco, antigo restaurante de luxo, hoje abandonado. A seguir, um aspecto do túnel do Rio Comprido, vendo-se ao alto uma residência de Santa Teresa, que pratica prodígios de equilíbrio. Em baixo, à esquerda, o campanário da Favela; e, finalmente, uma mulher enchendo a bilha na "Bica da Rainha", em Águas Férreas. Olhadas assim, estas fotos parecem saídas de um livro de viagens por continentes estranhos. Mas, se quiser o leitor tomar o trabalho de percorrer o Rio num dia de folga, poderá apreciar de perto todos êstes recantos pitorescos.



tristeza no conjunto respeitável das residências senhoriais.

E entre os velhos palácios de jardins aparatosos e os raros edifícios novos da rua Cosme Velho, lá está ainda, velha de muitos anos, derrocada de infinitos embates, a "Bica da Rainha", onde as mucamas de outrora iam encher os cântaros, quando a canalização da água potável ainda era, no Rio, uma utopia arrojada, da qual se riam os espíritos práticos dos maiorais de então. E até hoje, sem tomar conhecimento das modernas rêdes de abastecimento, por onde de vez em quando corre o precioso líquido, a "Bica da Rainha" fornece água de graça aos habitantes do bairro, que não se pejam de curvar-se sôbre ela, de moringa em punho. E esta velha bica, que nos ficou como uma herança de nossos avós escravos e escravocratas, continua hoje, indiferente e democrática, a fornecer água indistintamente aos habitantes da casa de cômodos que se ergue em frente, e ao dono do palacete que fica ao lado.

OUTRO AGUADEIRO

No Ceará, na Bahia, em Sergipe, enfim em todos os lugares onde a água só é encontrada no seio da natureza, correndo farta ou restrita, nos rios e nos arroios, existe uma classe de operários que vive de conduzir o precioso líquido às moradias dos mais abastados. São êles os aguadeiros, camponeses típicos e pitorescos, já por demais fotografados e pintados, como curiosidade turística. Isto acontece lá fora. Aqui no Rio, onde acontece o contrário, isto é, onde existem encanamentos mas não existe água, devíamos ter também os nossos aguadeiros. E temo-lo, embora muitos não o saibam. Aguadeiros fixos, trabalhados em pedra, esculturas caridosas que se encarregam de "dar de beber a quem tem sêde", como mandava o doce Nazareno.

Um dêsses aguadeiros é o garoto de mestre Valentim, que existe há mais de dois séculos no Passeio Público, e que nada mais faz, desde o seu nascimento, que fornecer água de graça à população do Rio. E a água continua jorrando, ininterrupta e cristalina, do cântaro que êle levanta acima das cabeças dos sedentos, como um maná precioso.

Mais popular entretanto é o outro aguadeiro da cidade, o concorrente dêsse garoto. E' outro menino simpático, duzentos anos mais moço que o primeiro. Já fez seu ponto em diversos lugares da cidade, entre os quais a própria avenida Rio Branco. Hoje, está morando definitivamente na praia de Botafogo, em frente ao Pavilhão Mourisco. Quando apareceu não tinha nome. Mas o carioca, na sua mania de batizar a tudo e a todos, apelidou-o logo "Manequinho". E "Manequinho" ficou sendo por tôda a vida. Vida igual, vida triste de chafariz imóvel. Talvez seja êle, o "Manequinho", a criança mais infeliz do Distrito Federal. Nunca desceu de seu pedestal para brincar. Nunca pôde dar um pulo à praia que fica mesmo junto de seu nariz, para um banho revigorante. E êle está mesmo precisando de um banho, coitado. Há muito que ninguém se lembra de lavá-lo.

Antigamente o "Manequinho" ainda se alegrava, sabendo-se útil. O seu desprendimento renal mitigava a sêde de muita gente. E todos riam-se do seu despudor inocente, e elogiavam o seu sorriso simpático. Hoje, entretanto, secada a fonte orgânica de seus rins de pedra, lá ficou êle, na praia de Botafogo, esquecido e inútil, sêco e triste. E por cúmulo, a êle que nunca se negou a lavar o rosto de quem quer que seja, ninguém se lembra de lavar

A DOIS PASSOS DA AVENIDA — No próprio coração da Cidade Maravilhosa foram conseguidas estas fotos. A de cima nos mostra a casa velhíssima, agora semi-destruída por fogo, que se ergue na esquina da rua Regente Feijó com Senhor dos Passos. Ao centro aparece um apanhado da ladeira do Senado, que sobe da rua Riachuelo para o morro Paula Matos. E finalmente, em baixo, um flagrante da pitoresca colônia de beiramors que está instalada na rua Regente Feijó

NO PÔRTO DE MARIA ANGU — O garoto procura apanhar mariscos na beira da praia. Ao lado, postas a secar, estendem-se as velhas rêdes dos pescadores. Ao fundo, uma velha casa metida dentro dágua, que parece a morada de um primitivo habitante lacustre da Ásia. Tudo é inteiramente novo e desconhecido pelo carioca, cuja noção do Rio de Janeiro se prende aos aspectos da Galeria Cruzeiro e dos bars de Copacabana. No entanto, bem perto dêle está o pitoresco Pôrto de Maria Angu.

o seu. E parece que êle pede aos que passam, na sua linguagem de estátua pétrea: "Não vêem como estou sujo? Dêem-me um banho, por favor".

Pobre "Manequinho", ninguém se lembra mais dêle; morreram os dias de sua glória. Foram-se os tempos em que a própria canção popular o consagrava:

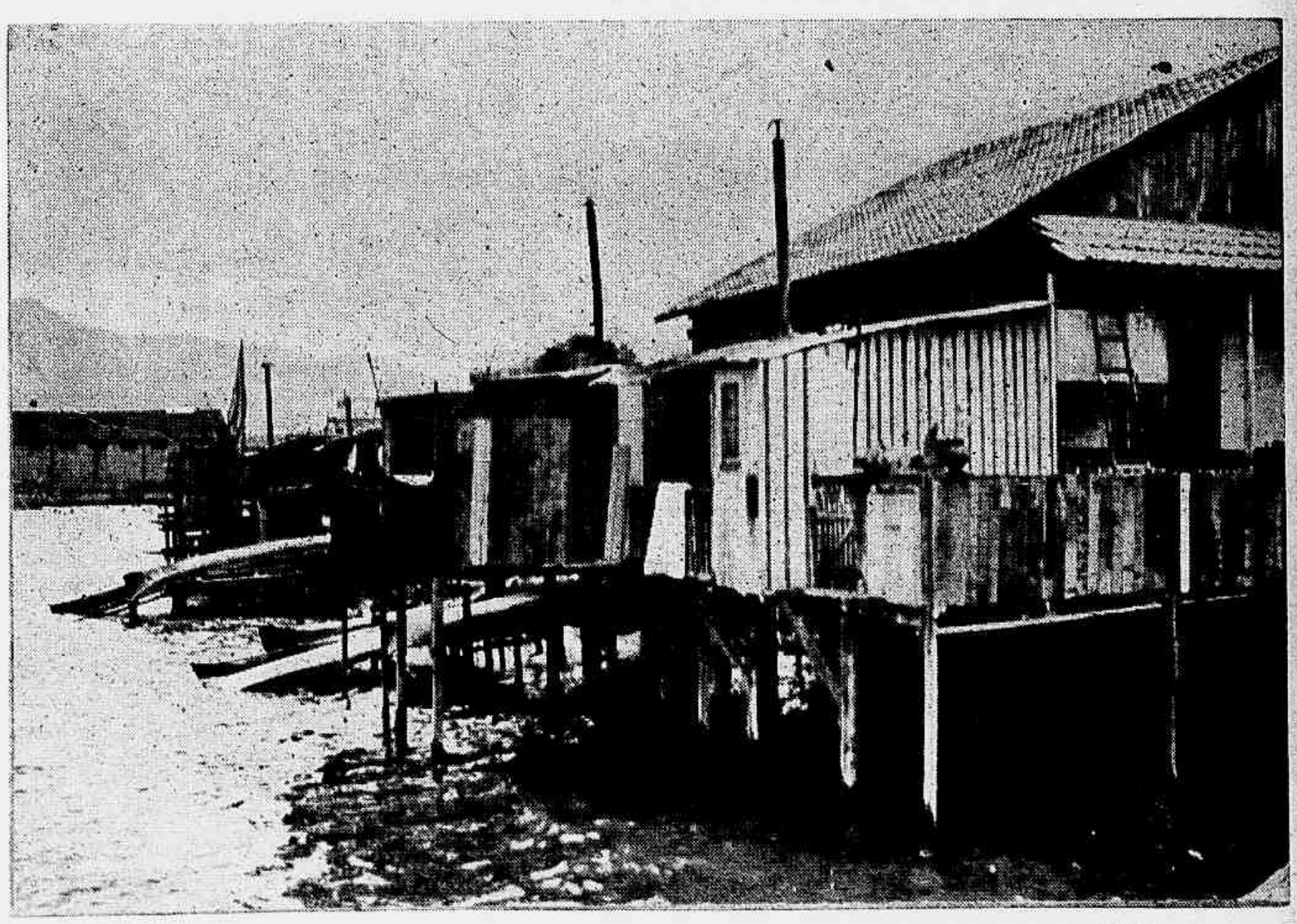
"Lá estava o "Manequinho",
Lá estava sem mexer.
Lá estava o "Manequinho"
Dando água p'ra beber."

O ALCAZAR ABANDONADO

Já que visitámos o "Manequinho", que mora na praia de Botafogo, não nos custa dar um pulo até o Pavilhão Mourisco, que fica em frente, e que é, apesar de ponto de referência de muita gente e ponto de secção de muitos ônibus, uma das peças mais curiosas do Rio desconhecido.

E fomos. Subimos pela escadinha moura que nos leva à varanda de mosaicos em arabescos, que circunda todo o edifício. Um vigia da Prefeitura, que dormia ao sol, não impediu a nossa visita ao belo pavilhão. Só então conseguimos apreciar, em todos os seus detalhes, a arquitetura pitoresca do tradicional prédio.

SÔBRE AS ONDAS — Sôbre as ondas das águas mansas do Pôrto de Maria Angu, que fica no fundo da baía, perto da praia de Ramos, há uma verdadeira cidade edificada sôbre estacas construidas de tábuas velhas. Aqui nestas pequenas e rudimentares habitações moram dezenas de pescadores. O Pôrto de Maria Angu é uma visão maravilhosa do Rio desconhecido, cuja existência passa despercebida à quase totalidade da população do Distrito Federal.



O FAMOSO MANEQUINHO — O afamado "Manequinho", que já serviu de argumento para uma tantas carnavalesca, continua firme na praia de Botafogo, em frente ao velho Pavilhão Mourisco. Hoje, parece que os seus tijolos não estão funcionando muito bem, a finta secou.

Antigamente, quando poucos anos haviam se passado da data de sua construção, que se vê em letras azuis sôbre as portas, estava instalado em seu interior um restaurante de luxo, onde vinha jantar a boemia literária do Rio. Muitas discussões de Olavo Bilac e Emilio de Menezes foram ouvidas pelas paredes do Mourisco. Em suas salas árabes espalhavam-se então o frou-frou das sedas de muitas inspiradoras de poetas e artistas.

Agora, que diferença! As paredes de azulejos derrocados, cobrem-se de cupins demolidores, que desenham novos arabescos na fachada nua, formando um labirinto de linhas disformes pelos muros e abóbadas.

No interior, vários bancos escolares estão postos diante de um quadro negro, onde são dadas instruções aos empregados de um serviço da Prefeitura que funciona hoje no antigo e aristocrático restaurante.

Lá dentro, como cá fora, o aspecto de ruina e destruição é o mesmo. Já nada quase resta do velho pavilhão, além de ladrilhos soltos e das geloisas prateadas das cúpolas. O Mourisco é um marco de uma época muito próxima ainda, no entanto já completamente esquecida: a época de Olavo Bilac e de Emilio de Menezes.

POR BAIXO DA MONTANHA

Laranjeiras é "granfa", metida entre as montanhas e os jardins, enfeitada pelas roseiras e ficus das cércas vivas de seus parques. O Rio Comprido é pobre, de uma pobreza limpa de comerciário arranjadinho, que compra a crédito nas alfaiatarias da cidade. O primeiro é o bairro da gente que gosta de sossêgo e não gosta da praia. O segundo é o bairro da gente que gosta de muita coisa, mas que tem que morar ali porque os aluguéis são mais baratos na zona Norte.

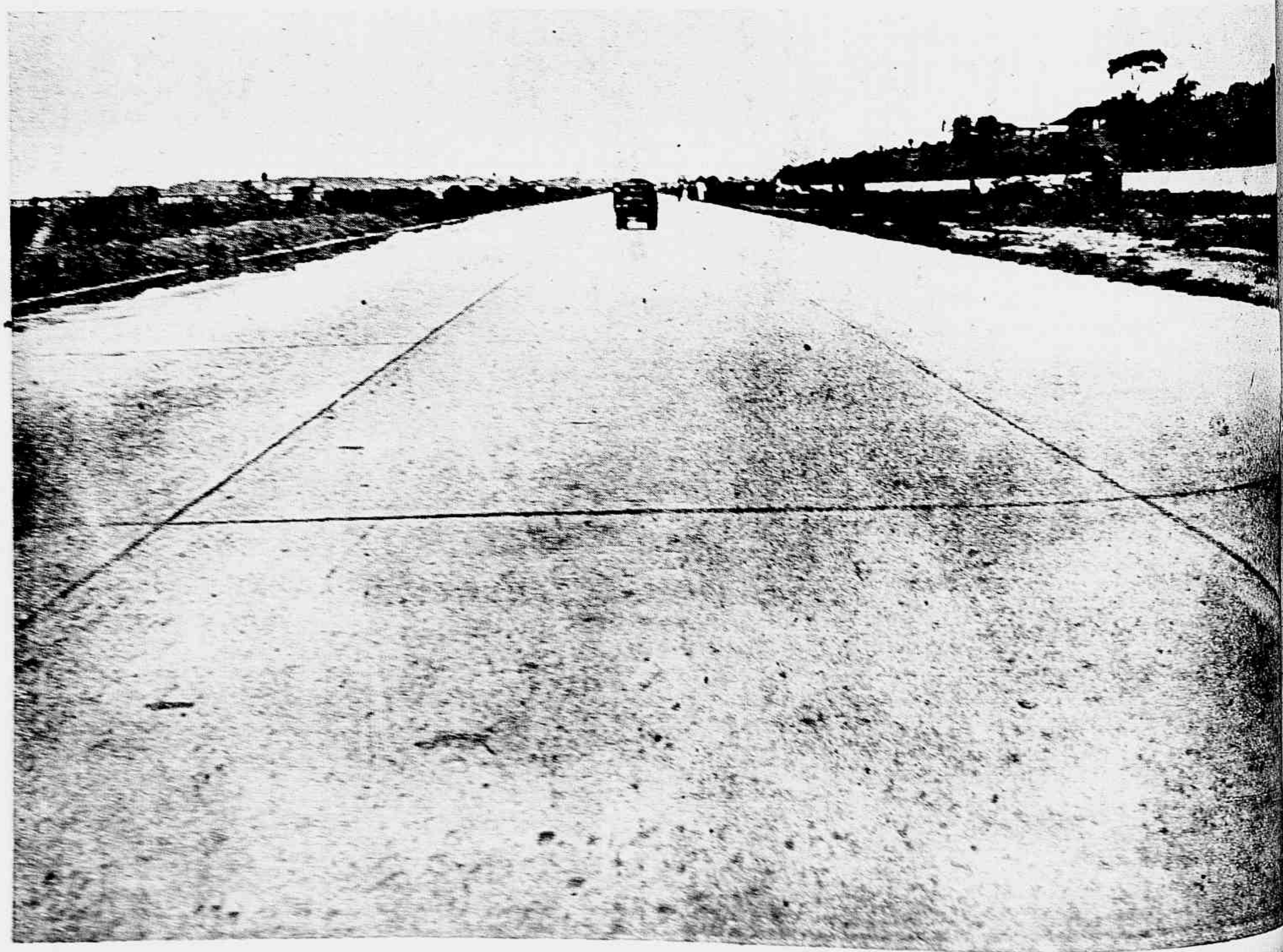
Nada mais diferente, nada mais antag nico que a feição dêsses dois bairros vizinho Vizinhos? Sim.

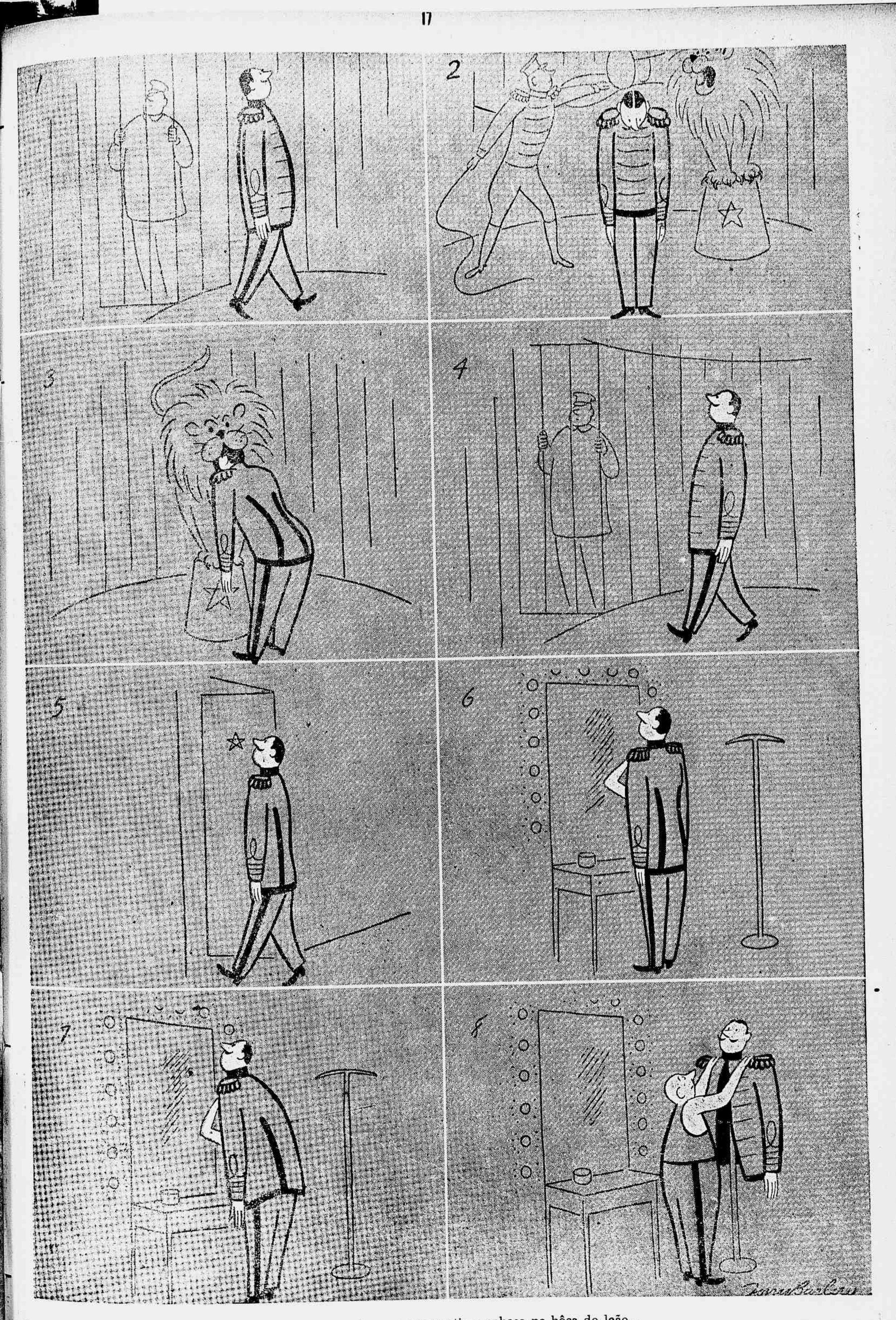
No entanto, para a maioria dos habitante do Rio de Janeiro, o Rio Comprido é um bai ro "antípoda" de Laranjeiras. Isto porque para se ir lá é preciso passar pelo centro, t mar uma condução que o leve ao velho bair através da rua Haddock Lobo. Mas para curioso, o homem que conhece mesmo o R a viagem de um bairro a outro se faz pelo t nel da rua Alice, que os liga entre si, por bai do morro de Santa Teresa. Foi por ali q passámos, na faina de descobrir novos as ctos desconhecidos da Cidade Maravilhosa. mal atravessando o túnel, descendo a lade da rua Barão de Petrópolis, caímos dentro d uma paisagem rural, que dormia sob os edi fícios de apartamentos do Silvestre. Uma grande chácara, metida dentro de uma vi gem ampla, mostrava quadrados verdes de matizes diversos e alegres, na policromia fa dos legumes novos. Era a visão de uma fa zenda do interior de Minas Gerais ou de São Paulo transplantada para o perímetro urbano do Rio de Janeiro. Nada melhor para simbo lizar a nossa cidade, onde são tão diversas maravilhosas as paisagens, que por tôda vida poderíamos vagar pelas suas ruas se que nunca a monotonia nos viesse fatigar olhos e o espírito.

Assim é o Rio. Assim quisemos apres tá-lo aos nossos leitores, em todos os seus pectos desconhecidos. Não nos move interê de propaganda turística: não queremos tam bém fazer a apologia da Cidade Maravilho onde, à sombra dos bairros aristocráticos, p liferam as favelas sórdidas.

Nosso interêsse não foi outro, leitor, mostrar-lhe em todo o seu esplendor e tôda a sua miséria, os aspectos mais típ do Rio, êsse desconhecido.

AVENIDA BRASIL — Ai está uma visão da avenida Brasil, artéria que liga a cidade com os subúrbios da Leopoldina. Tôda pavimentada em concreto, ela representa tôda a perfei da moderna técnica urbanística. Ao lado estendem-se charagais ainda incultos, onde não chegou a picareta do progresso. Mas o caminhão que vem de longe, das estradas asfal que cortam a Serra do Mar, é um marco da civilização que avança pela faixa de cimento, no rumo da Baixada Fluminense. Uma visão do Rio que muito poucos conhecem. perspectiva animadora do surto de progresso que atravessa a velha cidade de São Sebastião.





Era uma vez um homem que metia a cabeça na bôca do leão...

Flagrante do enlace matrimonial da sta. Maria Isaura do Castro Pinheiro com o sr. Guy Prouvo, realizado nesta Capital com a presença de elementos destacados de nossa sociedade.

Realizou-se no dia 7 do corrente, às 16.30 horas, na matriz do Sagrado Coração de Jesus, o enlace matrimonial da senhorita Maria Madalena de Albuquerque Cunha com o sr. Luiz Leal Zimmermann. Na foto acima vêem-se os noivos quando assinavam o contrato nupcial.

Cezira Laura, filha do industrial sr. Augusto Conceição e d. Cezira Malheiros Conceição, e afilhada do escritor Paulo H. Luquin Filho, no dia de seu aniversário natalício.

Os funcionários das três alas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística prestaram significativa homenagem, na última sexta-feira, aos seus colegas que integraram a Fôrça Expedicionária Brasileira na Itália. A fotografia mostra um aspecto da sesão civica, no auditório do Edifício do I. B. G. E., quando discursava a srta. Dulce Sobral, pelo funcionalismo do Serviço Nacional de Recenseamento.

FIGURAS E FATOS

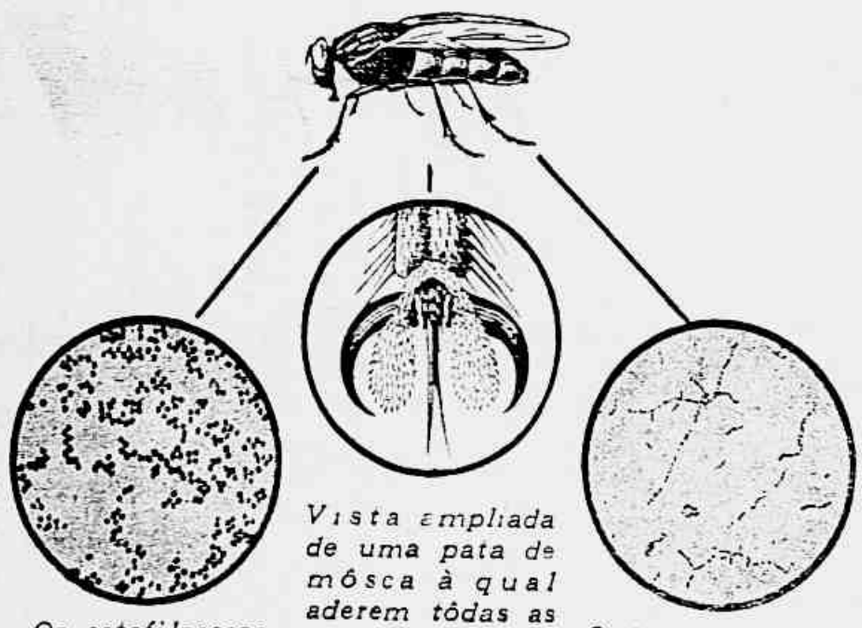
Instantâneo feito por ocasião da homenagem que os inspetores da Agência Metropolitana da Sulacap prestaram a seu chefe, sr. Albertus de Carvalho, nosso confrade, vendo-se no "cliché", além da espôsa do homenageado, destacadas figuras daquela organização.

Sra. Armenia de Oliveira Souza, espôsa do conceituado comerciante e industrial sr. Manuel Maria Julio de Souza, cujo aniversário natalício transcorreu no dia 10 do corrente.

Façam os seus pedidos à CARUSO & FONSECA Ltda., por registrados, vales postais ou cheques, pagáveis no Rio de Janeiro, e mais o porte de Cr$ 3,00.

A CONJUNTIVITE
e as môscas

Entre a grande variedade de doenças que as môscas podem provocar, encontram-se as infecções dos olhos chamadas comumente conjuntivites.
As môscas carregam em suas patas ou fezes muitos tipos de micróbios que logo depositam nos móveis ou nas mãos dos seres humanos. Êstes, ao esfregarem os olhos, põem tais micróbios em contacto com a delicada membrana que cobre aquêles orgãos. Além de incomoda, a conjuntivite é contagiosa e pode provocar um enfraquecimento da visão.
Evite êsse contágio: coopere suprimindo os fócos onde as môscas se criam e reproduzem, tais como depósitos de detritos, esterqueiras e, em geral, tôda a matéria em decomposição.
Complete esta campanha, pulverizando SHEELTOX em seu lar, o inseticida científico que extermina môscas, mosquitos e outros insetos daninhos.



Os estafilococos, micróbios que provocam um tipo de conjuntivite.

Vista ampliada de uma pata de mósca à qual aderem tôdas as espécies de micróbios.

Outros causadores da mesma enfermidade: os estreptococos.

Não tonteia os insetos: MATA-OS!

ANGLO MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.

PRODUTOS DE PETRÓLEO

CINEMA

"ESPOSAS SOLTEIRAS"

Têm sabido os norte-americanos tirar um tempero gracioso da falta de apartamentos. Os apuros em que se vêem aquêles que procuram um teto não vem a ser privilégio nosso, quando já pela América do Norte fora apuros parecem muitas vêzes maiores, ou não fôsse a América a terra do "maior do mundo"... Quase todos os brasileiros que têm visitado Nova York voltam relatando episódios, envolvidos dos percalços em que se viram para não dormir ao relento. Hollywood tem glosado com senso de humor êsse tema. E ainda versando o mesmo assunto, embora sob um novo prisma, a comédia da Warner que o Palácio exibiu, mostrando que a coisa difícil não é tanto o casar, mas encontrar um ninho para os pombinhos. E "Quem quer casar" não é tarefa das mais fáceis, pela indecisão dos rapazes ou o excesso de material feminino.

Isso também aconteceu às garotas do filme em aprêço. Elas acabaram sofrendo as consequências mais desastrados cômicos para o público mas dolorosas para os personagens da comédia. Sem casa para morar, jamais conseguiram realizar o "enfim, sós". As modalidades provisórias que instituem os vários pares de noivos, os arranjos para morarem juntos aguardando casas distintas provocam uma confusão tal, que se os rapazes não conhecessem de sobra as noivas sabe-se lá que tragédia mais tarde seriam reveladas!

Daí a justificativa do título "Espôsas solteiras". Espôsas que se casaram, com todos os preceitos e preconceitos, mas que não podem, a rigor, praticar a vida de casado. Eis no que se resume o filme, com um grupo de pequenas interessantes, bregeiras e maliciosas, chefiado por Ann Sheridan. E com Alexis Smith, Jane Wyman e Irene Manning elas completam uma equipe deliciosa. A destacar entre os maridos atormentados por falta de casa, êsse esplêndido Jack Carson em grande forma, Charles Ruggles, mais atarantado do que nunca, e outros equilibrados no elenco. Como divertimento, "Espôsas Solteiras" é uma das boas coisas que se tem visto ultimamente. E a sátira à falta de cômodos vale por um conselho para os noivos brasileiros, para as futuras espôsas patrícias, que devem, quanto antes, tratar da solução do problema. Casa, senhores noivos, apartamento, um quartinho em casa de família amiga, ou o que for. Do contrário, podem repetir-se ao natural, os "qui-pro-quo" desta divertida comédia. O noivo pensa em tudo e vence todos os obstáculos, conserta as finanças, arranja crédito para endividar-se, compra os móveis a prestações, as louças na liquidação, dá o enxoval à pequena e cuida do enxoval próprio, melhora de emprêgo e certo dia resolve-se. Veste o terninho faqueiro dos domingos, ruma para casa da "suspirada" e passa pela tormenta do pedido. O pedido convencional, é claro, porque êle já faz parte da família há muito. Do pedido ao casamento é um pulo. Os papéis correm com a velocidade de um taxímetro "dobrado". Mas... e casa para morar? Se os pais dela arranjam espaço dentro daquela onde moram, ainda tudo se vem a solucionar sumariamente. Portas fechadas tudo são cômodos. Mas se não há espaço vital o mísero começa a sua odisséia maior pela pensão do bairro...

Bem, mas preferível será assistir "Espôsas solteiras". E não confiar demasiadamente nos "Aluga-se" do "Jornal do Brasil". — C.

COTAÇÃO: 2½.

Charles Ruggles, Ann Sheridan, Alexis Smith e Jane Wyman em "Espôsas Solteiras".

MUSICA

AUDIÇÃO DOS ALUNOS DO CONSERVATÓRIO NACIONAL DE CANTO ORFEÔNICO NO CLUBE GINÁSTICO

Iniciativa Vila Lobos

Difícil seria destacar o que mais encanta nessa audição; se a doçura das vozes, a beleza das composições, a firmeza da regência. Mas que digo! Destacar, para que? No orfeão a individualidade do artista desaparece; é apenas uma parte, mas uma parte imprescindível. Quando canta, o panorama do mundo para êle se modifica, pois a vista percebe apenas o regente, enquanto a música o arrasta para uma atmosfera superior, onde parece sentir Deus, porque caminha para a perfeição.

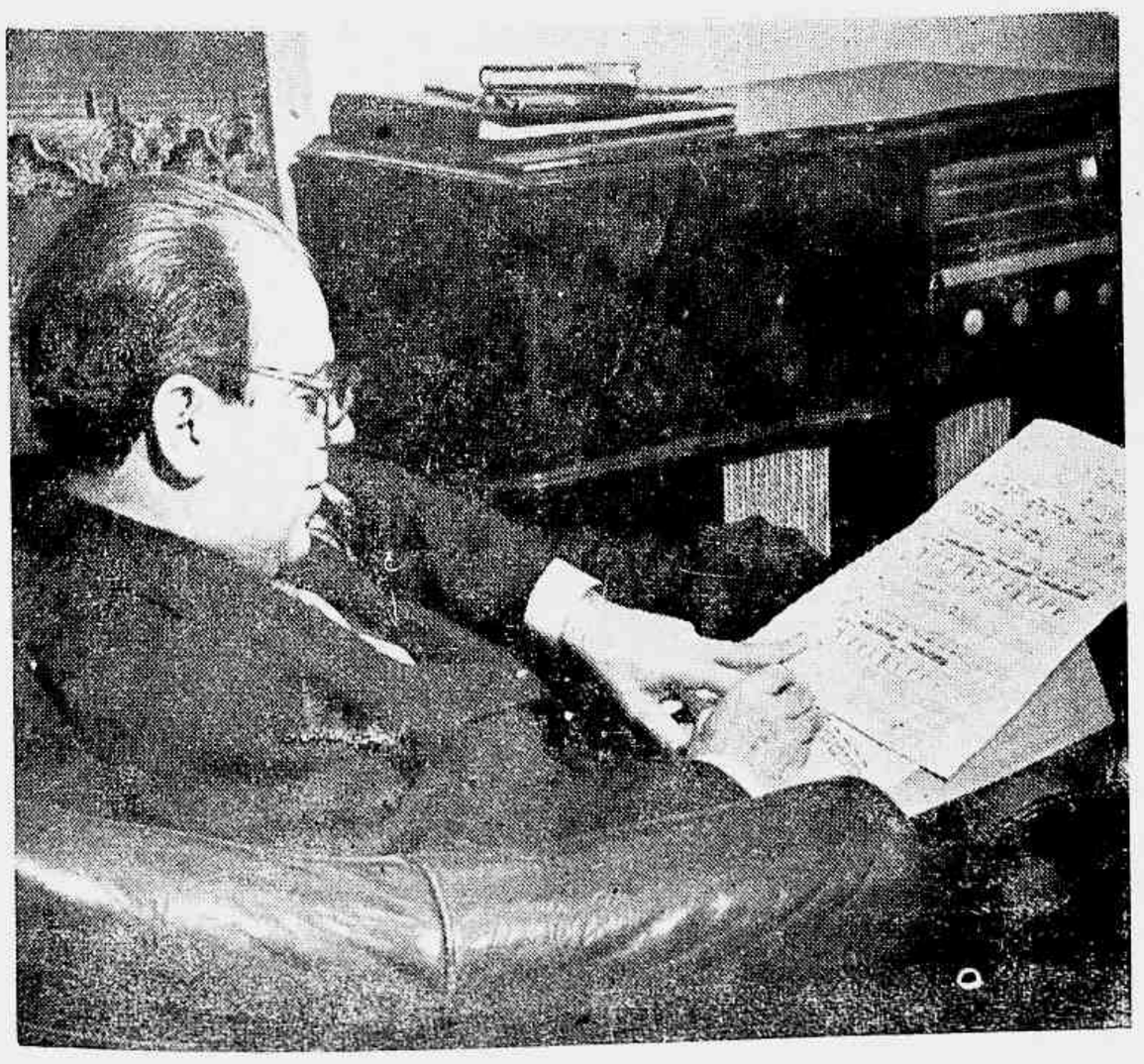
"Anoitece", uma peça de muita sensibilidade, mostrou-nos o talento compositor de Lucy de Andrade Mendes. Numa policromia encantadora, tivemos Haydn, Mozart, Rameau, encontrando-se, através de dois séculos, em pleno 1945, com Vieira Brandão e Lorenzo Fernandez, graças aos arranjos de Vila Lobos. De tôdas as peças a que me falou mais intimamente foi "Estrêla é lua nova", de Vila Lobos. Aí, do fluxo das demais vozes, acima do acompanhamento cadenciado, emerge a voz límpida e sutil de Alice Velon.

E' realmente grandioso êsse orfeão, mas ainda mais grandioso é tudo que Vila Lobos tem feito pela música nacional. Não é somente um compositor, é muito mais para nós: é um compositor brasileiro que sente brasileiramente e que brasileiramente compõe. Através de suas páginas, as mais ingênuas e sentimentais do cantar da mãe preta, das cantigas de roda das crianças de bairro, através da Natureza que êle arranca da terra pátria, recolhe no coração e transplanta para a pauta; dos nossos índios que êle canta podemos sentir o espírito de um gênio que ama a sua Pátria acima de si próprio, e que procura captar tôda a alma do seu país nas suas manifestações mais sublimes, em acordes profundamente sonoros, profundamente vibráteis como o espírito do nosso povo.

Ouvindo "Impressões Seresteiras", suscitou-me uma dúvida: Vila Lobos, nessa composição, deixou de ser um autor tipicamente nacional? Aí não permanece na serra: ultrapassa o Itatiaia, deixa o Brasil e alcança o nosso céu tão azul... Mas novamente caio em mim. Um verdadeiro brasileiro nunca — e êsse nunca é inquebrantável — poderá deixar de ser brasileiro, e Vila Lobos, mesmo numa esfera superior em que a Divindade ilumina, não deixaria nunca de ser brasileiro, porque êle é a própria alma do Brasil posta em música.

Maria da Gloria

MAESTRO VILA LOBOS



Quem gosta de lavar panelas?

DIAGNÓSTICO PRECOCE DA GRAVIDEZ PELO EXAME DE URINA
Exames de sangue, escarro e fezes. Vacinas autógenas
Laboratório CURVELLO DE OLIVEIRA
Rua São José, 85, 4.º andar Salas 405-406
(Edifício Candelária) — Fone 22-2717

18 VOLUMES · 5.914 PÁGINAS - 6.000 ILUSTRAÇÕES - 200 GRAVURAS A CÔRES

Nesta época em que todos os pais cogitam sôbre os presentes de Festas que vão ofertar a seus filhos, é oportuno lembrar que jamais outro objeto conseguiu superar, em utilidade, o Thesouro da Juventude. Êste constitui, com efeito, uma lembrança duradoura, que por muito tempo causa prazer sempre renovado, porque se trata de uma obra substancial, onde o interêsse para o leitor salta de cada linha, de cada frase.

O THESOURO DA JUVENTUDE constitui presente valioso, quer pela sua beleza gráfica, quer pela sua utilidade, e quer, ainda, pelo extraordinário interêsse que desperta no leitor. Trata-se de uma obra em 18 *volumes*, profusamente ilustrada, que tem a faculdade muito rara de instruir divertindo, porque foi organizada especialmente para instruir, de maneira atraente, crianças e jovens.

Nas *5.914 páginas*, nas *6.000 ilustrações* e nas *200 gravuras a côres*, do THESOURO DA JUVENTUDE, encontra a criança e encontra o jovem um manancial inesgotável de conhecimentos e diversão. Ali se acham as respostas claras e explícitas a milhares de dúvidas que ocorrem freqüentemente aos cérebros jovens, ainda inexperientes. Sòzinho, o THESOURO DA JUVENTUDE tem a equivalência de centenas de professôres amigos e bem humorados sempre prontos para ministrar todos os ensinamentos sôbre diversões, ciências, artes, literatura, geografia, história e sôbre todos os conhecimentos humanos.

Por tudo isso o THESOURO DA JUVENTUDE é o melhor presente de Festas. E pode ser adquirido mediante suave pagamento parcelado.

Encomende agora para obter a entrega antes do Natal

As pessoas que desejarem ofertar o THESOURO DA JUVENTUDE como presente de Natal, Ano Novo ou Reis, aconselhamos fazer os seus pedidos imediatamente, para que a entrega seja feita em tempo. Portanto, para receber esta obra com a desejada rapidez, faça hoje o seu pedido.

Gratis

Visite as nossas lojas. Se não puder, remeta-nos hoje mesmo o cupom abaixo, para receber gratuitamente um lindo folheto do "Thesouro da Juventude", ou da obra que mais lhe interessar.

FACILIDADES DE PAGAMENTO REMESSAS PARA O INTERIOR

Tanto o THESOURO DA JUVENTUDE como as nossas outras obras, podem ser adquiridas mediante uma pequena entrada inicial, com o pedido, sendo o restante pago em suaves prestações mensais. As nossas obras são vendidas e remetidas para qualquer parte do território nacional.

W. M. JACKSON INC. EDITORES

SÃO PAULO
Rua São Bento, 250
(loja)
Caixa Postal, 2.913
Tel.: 2-2348

RIO DE JANEIRO
Rua do Ouvidor, 140
(loja)
Caixa Postal, 360
Tel.: 42-0671

PORTO ALEGRE
R. dos Andradas, 991
(loja)
Caixa Postal, 475
Tel.: 5.736

W. M. Jackson, Inc. Caixa Postal, 360 - Rio de Janeiro

Queiram enviar-me, "Gratis" e sem compromisso algum, o folheto relativo à:

OBRA: .....
Nome: .....
Profissão: .....
Endereço: .....
Cidade: .....
Estado: .....

OUTROS ÓTIMOS PRESENTES: — Se V. S. quiser presentear a um amigo, escolha uma destas obras: — Coleção Obras Literárias de Afrânio Peixoto — O Mundo Pitoresco — Obras Completas de Machado de Assis — Obras Completas de Humberto de Campos — A Côrte de D. João no Rio de Janeiro — Dicionário Cândido Figueiredo — Prática Comercial Norte-Americana — História do Brasil de Rocha Pombo — Encyclopedia e Dicionario Internacional — Série Conselheiro XX — Tratado Completo de Clínica Moderna Klemperer — Enciclopedia Sopena — Historia de América — Enciclopedia de la Música — Grandes Novelas de la Literatura Universal — Encyclopedia Americana — Webster's New International Dictionary.

A INSPIRADORA

Conto de LUCY JARDINE

LEMBRO-ME que a última visita que eu fiz a êle foi para resolver uma dúvida sôbre a tese que eu estava preparando para o concurso na Faculdade. Escolhera os últimos românticos para estudar e estava escrevendo um trabalho sôbre êles(que deveria apresentar no concurso para professora de literatura inglêsa. Quando comecei a tomar umas notas sôbre George Ramsay descobri que, talvez mesmo em virtude de ser um dos poucos poetas daquele grupo que ainda estava vivo, que os dados que tínhamos sôbre êle eram insuficientes. Era, sobretudo, importante descobrir quem inspirara aquêles poemas do **Livro Dela**, que fôra, durante vários anos, a poesia lida por todos e recitada sempre. Escrevi uma carta a êle, apelando para a sua generosidade e êle respondeu marcando uma entrevista. Fui encontrá-lo no leito de morte. Nunca me esquecerei daquele olhar onde ainda brilhava um pouco do entusiasmo da juventude romântica: pergunte a Ela. Ela lhe dirá. Talvez o último gesto que tenha feito fôsse apontando para a mulher de preto que, perto do leito, de pé, com ar impassível, via-o morrer, traindo a sua emoção unicamente por duas lágrimas que escorriam lentamente de seus olhos parados.

Não tinha sido apresentado a ela. Mal tivera tempo de ser levada à presença dêle para assistir aos últimos momentos. O médico dissera:

— Mr. Ramsay, eis aqui uma professora de literatura... Veio visitá-lo.

Êle voltara para mim os olhos já enevoados e, com mais uma cintilação do velho brilho, dissera aquela frase:

— Pergunte a Ela.

Uma semana depois do entêrro recebi uma carta d'Ela.

"Venha ver-me amanhã, às quatro horas."

Ela morava num palacete antiquado, numa rua sossegada. Respirava-se naquela casa um ar de môfo, como de um lugar sempre fechado. Desconfio mesmo que aquela sala de visitas se abrira pela primeira vez, havia muitos anos, para me receber.

— Boa tarde, Miss Martin.

Era a primeira vez que ouvia a sua voz. Naquele dia, no momento triste da morte dêle, ela estivera calada. Nada dissera. Agora achava estranha a sua voz, porque daquele corpo de porte majestoso saía uma vozinha que algum dia talvez tivesse sido fresca e juvenil, mas agora era incongruente. Uma voz fina e baixa, uma voz, por assim dizer, trôpega, contrastando com o porte.

— Boa tarde, madame.

— Esperava-a. Sente-se.

Sentei-me numa incômoda poltrona vitoriana.

— A senhora quer saber alguma coisa sôbre a vida dêle, não é?

— Sim.

— Diga-me, Miss Martin, que sabe a respeito de George?

— Quase nada. Interessa-me sobretudo conhecer a sua mocidade e a inspiradora do "Livro Dela", que talvez seja o último documento importante da poesia vitoriana.

Ela repetiu minhas palavras lentamente:

— O último documento importante da época vitoriana.

Depois prosseguiu, com a voz fina:

— Miss Martin, a senhora não calcula quanto isso me parece estranho. Até hoje não me convenci de que George morreu.

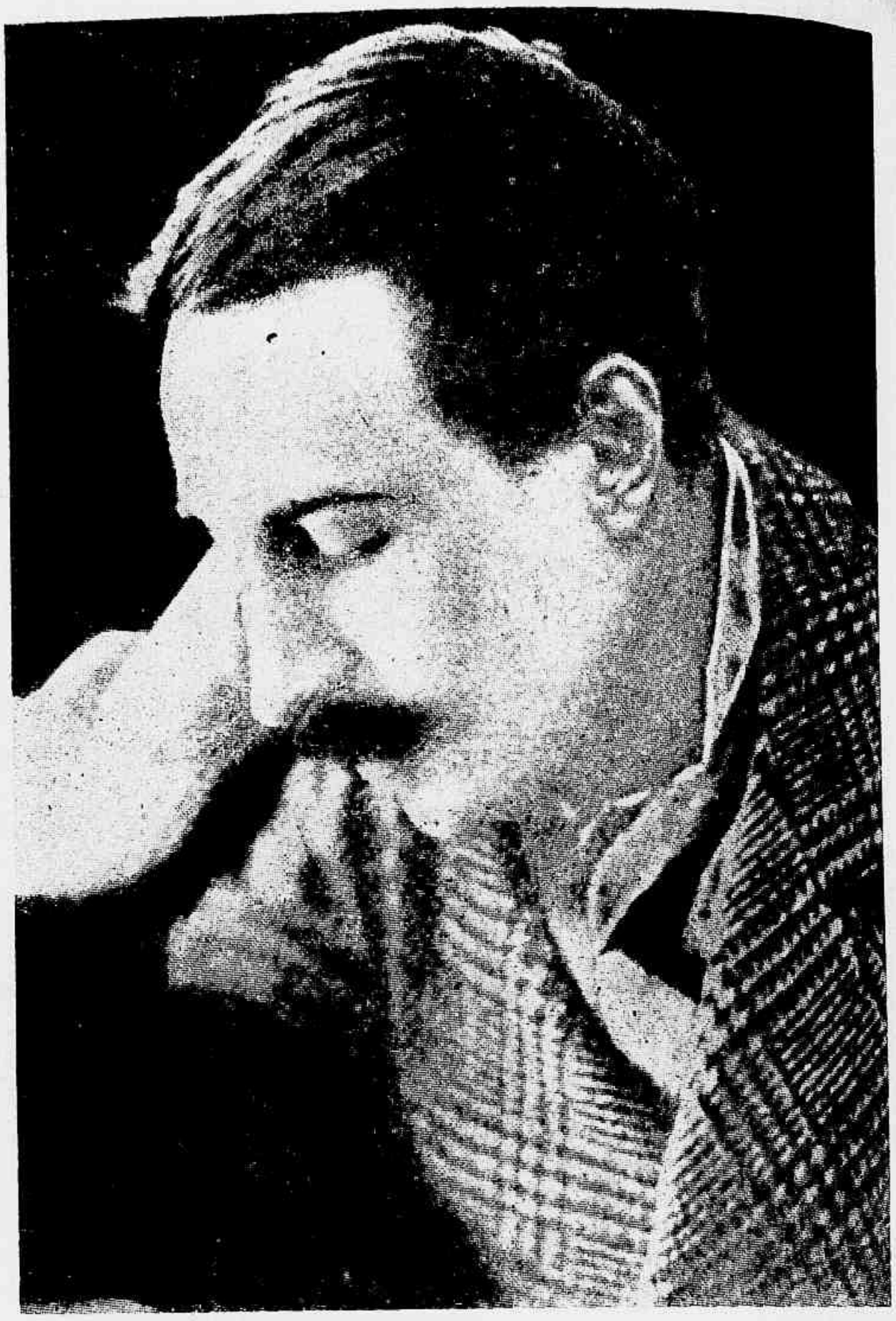
Era estranho. De repente uma sonoridade grave entrava na voz dela. Aquêle "morreu" saíra grave, como se ela o tivesse arrancado do peito.

— George era tão alegre, tão despreocupado. Moço... A senhora compreende que eu o vejo sempre como aquêle rapaz que conheci há cinquenta anos. Eu tinha então dezoito anos e êle vinte. A senhora sabe que fomos noivos?

— Não foi por esta época que êle escreveu o "Livro Dela"?

— Sim.

Continua na pág. 51



Sua obra era muito mais divulgada que sua vida particular. E assim devia ser com justos motivos. Mas existia outro Eça de Queiroz, que só os mais íntimos penetravam. Aqui está um flagrante histórico batido no jardim de Neuilly: Eça e sua espôsa.

"Eça de Queiroz não podia deixar de ser magro, magríssimo, esquelético. Como compreender aquela sensitividade, aquela argúcia, aquela agudeza acicular num organismo rotundo, rubicundo, feito de presunto de York". De fato. E aqui está o Eça da mocidade.

O OUTRO EÇA

Onde vivia o autor de "Os Maias". Um detalhe da residência de Eça na Avenue du Roule, 38, Paris: a sala de visitas. Isso aconteceu em 1897. Nesse ambiente, à moda antiga, o romancista produziu algumas de suas mais brilhantes e decisivas páginas.

Eça de Queiroz teve duas personalidades distintas, como tôda gente. Foi o romancista, o escritor de figura marcante, o autor consagrado da "Ilustre Casa de Ramires", e foi, na vida real, um homem que lutou, não pouco, para manter a sua ascensão e guindar-se a invejáveis postos na diplomacia e nas letras do nosso idioma. Analisando a outra personalidade de Eça, Antonio Cabral reuniu apontamentos preciosos em "Eça de Queiroz — Nascimento e Mocidade", de onde extraímos os seguintes dados:

Suponho que hoje em dia já não há quem tenha dúvidas acêrca do local onde nasceu o grande romancista Eça de Queiroz.

Essa glória pertence, indiscutivelmente, à Póvoa de Varzim.

Houve, em tempo, vacilação, incertezas e indecisões. Levaram elas alguns a crêr que êle tinha vindo à luz em Vila do Conde. Por que? — Por aí ter sido batizado, e criado nos primeiros anos da existência, aquêle que, pelo seu gênio, conquistou o alto pôsto a que ascendeu na literatura de Portugal.

Contudo, Vila do Conde não se resigna, facilmente, a perder um filho de tanto e de tão justo renome. Aqui tenho eu o curioso bilhete postal em que se vêem as "casas notáveis" da "praia de Vila do Conde". São elas: a "casa onde residiu Camilo Castelo Branco", a "casa onde residiu Antero de Quental", a "casa onde residiu Guerra Junqueiro" e a "casa onde se diz ter nascido Eça de Queiroz".

Vila do Conde já não afirma com segurança que Eça de Queiroz nasceu numa casa de uma das suas ruas; mas, pelo sim, pelo não, insiste em dizer que Eça de Queiroz "se diz ter nascido" numa das suas casas. E mostra essa casa ao público, em gravura estampada ao lado de outras casas ilustres, num interessante bilhete postal.

Não! Eça de Queiroz nasceu na Póvoa de Varzim. Vila do Conde tem, porém, a honra de lhe ter dado a água batismal na bela Matriz Colegiada. A casa onde êle nasceu, em 25 de novembro de 1845

é a da antiga praça do Almada, n.º 1 a 3, na pitoresca Póvoa de Varzim, onde naquela época residia Francisco Augusto Pereira Soromenho, parente de José Maria d'Almada Teixeira de Queiroz, pai do futuro romancista. A casa da linda Vila do Conde, "onde se diz ter nascido Eça de Queiroz", é aquela em que então morava a boa mulher, sua madrinha, Ana Joaquina Leal de Barros, costureira, que o amamentou, e era casada com António Fernandes do Carmo, alfaiate, depois oficial de diligência, o qual pertencia à capela do músico espanhol D. Manuel Gil Ermida, que em Vila do Conde fôra fixar residência.

Tenho aqui presente a cópia da certidão de batismo de Eça de Queiroz. Reza assim:

"Domingos da Soledade Sillos, Pregador Regio de todas as Reaes Capellas, Cavalleiro da Ordem de Christo, Prior da Matriz Collegiada de São João Baptista de Villa do Conde e Arcipreste do Districto, et cetera, et cetera, et cetera — Certifico em como revendo o actual livro dos baptizados, n'elle a folhas sessenta e uma verso, existe o seguinte Assento — José Maria, filho natural de José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz, e de mãe incognita; neto paterno de Joaquim José de Queiroz e de sua mulher Dona Theodora Joaquina d'Almeida Queiroz: nasceu aos vinte e cinco de Novembro de mil oitocentos e quarenta e cinco, e no primeiro de Dezembro foi solemnemente baptizado n'esta Matriz Collegiada de Villa do Conde, com imposição dos Santos Oleos pelo Reverendo Pedro António da Silva Coelho, a quem dei minha jurisdição: foram padrinhos o Senhor dos Afflictos, tocando com o seu resplendor o mesmo baptisante, e madrinha Anna Joaquina Leal de Barros, casada com António Fernandes do Carmo. Declaro que fiz este assento sem assignatura do Pai, por estar ausente em Ponte do Lima, e me ser apresentada uma carta, que fica em meu poder, escripta pelo mesmo, datada d'aquella Villa em Dezoito de Novembro, na qual expressamente recomenda o que acima fica escripto. E por isso fiz este assento que asigno. Era ut supra. O Prior Domingos da Soledade Sillos. Continuado está o seguinte: Declaro que para não levar descaminho na minha mão a carta a que se refere o assento da lauda opposta, fica unida a êste livro para evitar no futuro toda a responsabilidade. O Prior Domingos da Soledade Sillos. A margem do principal assento está o seguinte: Averbo que passei certidão em o dia primeiro de Dezembro de mil oito centos quarenta e cinco. Soledade Sillos. Nada mais contem no dito assento, o qual do próprio livro aqui fielmente copiei e ao mesmo me reporto, o que se tanto preciso fôr, jurarei. Villa do Conde dezoito de Janeiro do anno de mil oito centos quarenta e seis. O Prior Domingos da Soledade Sillos."

★

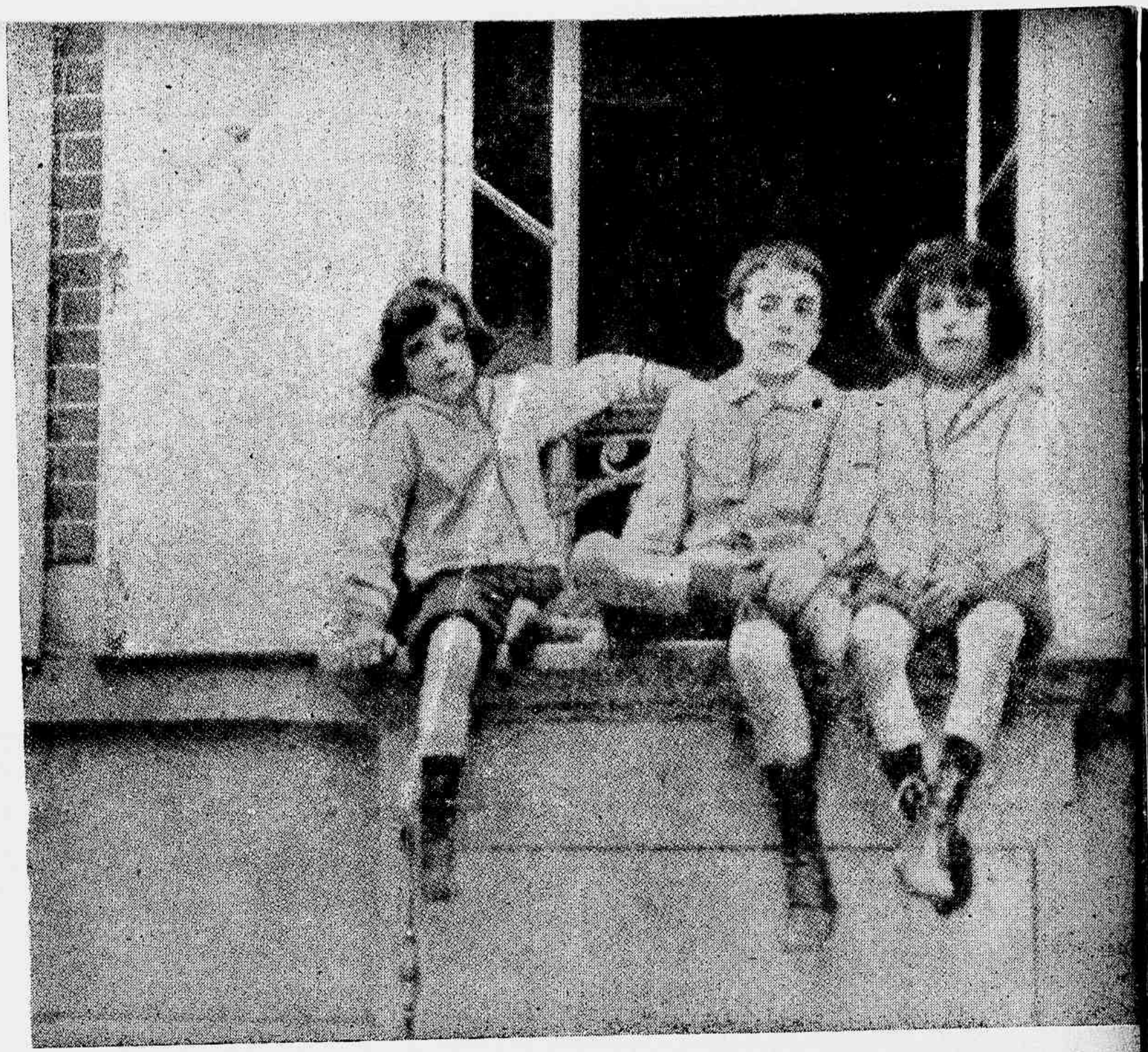
Em Lisboa, Eça de Queiroz resolveu dedicar-se à advocacia. Para êsse fim, em 10 de outubro de 1866, — quatro meses depois de formado — inscreveu-se, como advogado, no Supremo Tribunal de Justiça, como se pode ver nos registros da respectiva secretaria. Ao mesmo tempo que praticava no escritório de um afamado causídico, escrevia os seus primeiros folhetins na **Gazeta de Portugal**, e conspirava...

Conspirava?!... Sim. Êle o afirma, a páginas 179 da segunda edição do seu livro **Cartas familiares e bilhetes de Paris**, onde se lê:

"Na minha mocidade, quando eu conspirava em Lisboa, na Travessa da Conceição Nova, contra Napoleão III, havia em Paris um Lissagaray, também terrível, em quem Cassagnac dera alegremente ou estocadas ou bengaladas."

No artigo **O Francesismo**, inserto nas **Últimas páginas**, escreveu Eça:

"E, naturalmente, eu, moço e ardente, cheio de idéias de Liberdade e de Republica... lancei-me vivamente na oposição ás Tulherias. O que eu conspirei! Jesus, o meu desejo era filiar-me na Internacional."



Êle foi espôso e pai. Êle, o outro Eça, diferente e quem sabe se um legítimo burguês? Na gravura superior, dona Emilia de Resende Queiroz, espôsa de Eça, e seu filho mais velho. Na inferior, um curioso instantâneo dos três filhos mais velhos do escritor. Eram os grandes amigos com que êle contava embora não o deixasse transparecer nas páginas de seus livros. Eça precisava manter suas características de forte ironista. O pai, o espôso ficavam em casa. Vinha para a rua o outro, o "poste d'osso, emaranhado de fios nervosos, cegonhoso, recurvado, tipo de demônio dandy"...

EÇA DE QUEIROZ

O Brasil e Portugal, o primeiro após o reconhecimento de sua Independencia pelo segundo, cuidavam de confiar suas reciprocas representações diplomaticas ou consulares principais a pessôas de relevo, algumas de nomeada literaria.

Em posto alto ou mediano, em tal carater, Lisboa conheceu Maciel Monteiro, Salvador de Mendonça, Luiz Guimarães Junior, Raimundo Corrêa, Porto Alegre, exceto Salvador, poetas os demais.

Por sua vez, o Rio de Janeiro acolheu Antonio Ennes e Tomás Ribeiro, ministros de Portugal representantes de letras na patria comum.

Nem se deslembre ter Camillo pretendido ser adido à legação de Portugal no Rio de Janeiro. Esteve a pique de permanecer no paiz ao qual, por maneira diversa, tantas vezes se referio na sua obra amontanhada de volumes. Neles são considerados homens nossos e cousas brasileiras por um escritor ora bem, ora mal humorado, de temperamento desigual sobre enfermiço.

Escritôr português, e notavel, Eça de Queiroz, para tantos apenas o Eça, bem poderia ter sido mandado servir no Brasil, em consulado da sua terra.

Na carreira consular, Eça conheceu America em Cuba, daí transferido para Bristol e desta cidade para Paris, os diplomatas e os consules do mundo inteiro atraidos pelos imans de Paris.

Até aqui ligeiros traços da vida publica de Eça de Queiroz, o minhoto, nascido na Povoa do Varzim, segundo uns em 1845, conforme outros em 1846. Mas acaso vale a duvida de um anno para o peso de um seculo?

Segunda vida estava reservada a Eça de Queiroz na literatura do seu paiz, a de uma lingua de difusão limitada, de entre paredes, qual a lingue portuguêsa.

Nesta foi bastante a influencia de Eça, grande a impressão produzida em Portugal e no Brasil por alguns certos personagens dos romances do escritor, personagens cujos nomes entraram até na corrente da linguagem de todos os dias. Nela se sabe logo o que quer dizer um Acacio.

O Brasil sempre foi bom mercado para livros portuguêses. Em tal mercado os livros de Eça não deixam mal a afirmação, a obra do escritor de brilho na variedade.

Colaborador de Ramalho Ortigão, nas *Farpas*, até 1872, na caustica publicação ensaiou Eça de Queiroz a ironia profusamente espalhada por sua produção de mais tarde. No *Mysterio da Estrada de Cintra*, ensaiou Eça o que depois o romance policial tanto desenvolveria para mal da imaginação popular.

Por fim seria Eça o naturalisador do naturalismo em Portugal. Conforme o nacionalisador, o realismo representava "a nudez fórte da Verdade", ainda assim força estender sobre tal nudez "o manto diaphano da fantasia."

Mulher semi-nua, com extrema poupança de manto, figura na estatua de Eça devida a Teixeira Lopes, estatua posta em Lisboa no largo do Quintella onde o palacio no qual Junot poz mão na condessa da Ega, privado de pôl-a no Principe Regente em mar de longo para o Brasil.

ESTATUA DE EÇA DE QUEIROZ EM LISBOA. OBRA DO ESCULTOR TEIXEIRA LOPES.

Filiou-se Eça ao realismo iniciado por Flaubert, tão de nojo às vulgaridades da vida na *Madame Bovary* quão magnificador de sociedades mortas nas paginas de *Salambô*.

O naturalismo prometeu durar. Escola, tinha que passar para o museu da literatura. Deixou marca em Portugal e no Brasil, em Portugal aos remoques de Camillo no decalque proposital nos *Velhos de Lavra*.

Escritor notavel, de obra importante, Eça de Queiroz tem sido estudado pela critica, dada aos louros ou aos tiros, louros de nada valendo a obras perecíveis, tiros como erros de alvo a obras de perenidade. Voltaire taxou Shakspeare de *sauvage ivre*. Nem por isto Will deixa de ser quem é.

Em materia historica ou critica o mais que o espirito humano póde pretender é aproximação da verdade. Quanto a Eça de Queiroz pensava o insuspeito catolico Carlos de Laet estar proximo da verdade o juizo de Jayme de Séguier a respeito do irreverente livre pensador anti-cristão autor de *A Reliquia*.

Séguier, o consul, literato qual Eça, sem excesso de afeto julgou o amigo como personalidade literaria, E Laet esposou-lhe opinião nestes termos e com autoridade de vernaculista:

"Sobre o merito deste operoso talento (o de Eça) parece-nos bem formulado o juizo do Snr. Jayme de Séguier, quando assim resume as notas caracteristicas de tão brilhante obra litteraria — um estylo original e colorido, embóra por vezes incorrecto e maculado de estrangeirismos inuteis, uma visão singularmente pessimista dos homens e das cousas, e os mais raros dotes de observação, de humorismo, de ironia, que bastam só por si para assegurar a Eça de Queiroz logar inteiramente a parte na galeria dos grandes escriptores do seu país."

Na mocidade o humorismo, a ironia expandem-se a bel prazer, um e outra em geral diminuindo ao avisinhar da velhice. Assim se explica como, tendo troçado a sua terra e a sua gente, no fim da vida, às primeiras sombras da ancianidade, Eça de Queiroz fosse vendo a sua terra, a sua gente, com olhos de ternura Basta ler a pagina dedicada à quinta de Tormes em *A Cidade* e *As Serras*.

Naquela pagina desdobrou o enternecido autor uma das muitas passagens que Portugal guarda para cativar a vista e a alma. Em muitas são de encontrar, pouco antes de "grossos ribeiros açodados saltando com fragor de pedra em pedra, espertos ribeirinhos fugindo, rindo, rindo com os seixos."

Na pagina de Tormes tudo é paisagem portuguesa, nela a vêr-se "um cabeço de monte onde, solitario e ancestral, um carvalho senhoreia e guarda seára inteira, uma ruasinha de aldeia com dez ou doze casebres, sumidos entre figueiras, onde se esgraça, fugindo do lar pela telha van, o fumo branco e cheiroso das pinhas."

No entrarem na quinta de Tormes até as que a ela chegassem, por uma avenida de faias, os recemchegados ouviam com gosto um aldeão retorcêr a gramatica gritando:

Aqui é que *estêmos*, meus amos.

Na seára das belas paginas de Ea de Queiroz a consagrada a Tormes é das que mais despertam emoção nos que são de Portugal ou o viram algum dia para não esquecel-o. Cumpre lembral-o na passagem do centenario de Eça, a coincidir com outro assaz sem relevo, o de Oliveira Martins.

Dizendo de Eça de Queiroz, já nos referimos a homens de letras portuguêses servidores de cargos diplomaticos no Brasil. Referimo-nos agora a um deles digno de menção nossa especial. E' Alberto d'Oliveira, prosador e poeta de escolhida marca, amigo de Eça e seu analisador em *Paginas de Memoria*.

Sem apresentação de ninguem, procurando-nos de motu proprio, Alberto d'Oliveira ofereceu-nos gratas relações, sabendo-nos interessados em não viver na cidade natal sem conhecel-a no seu tão interessante outrora, o de uma capital de paiz que progrediu com regra acompanhando o desenvolvimento de outras capitais do mundo.

Alberto d'Oliveira queria saber o Rio antigo, lêr-lhe a história nos edificios tipicos e nos monumentos vetustos. Sempre que nos procurava era para marcar encontro e visita a algum recanto do Carioca onde na face do presente houvesse marca do passado.

Guardamos particular lembrança de visita de Alberto d'Oliveira ao mosteiro de São Bento, em tarde de um desses Maios de tão doce temperatura no Rio, como que a pedirem perdão á cidade de ter ardido tanto no verão.

Percorrendo o mosteiro beneditino, deteve-se mais Alberto d'Oliveira na igreja abacial, examinando-a como perfeito conhecedor de cousas de antanho nosso em confronto com o lusitano. Pena foi não termos reduzido a escrito todo o depoimento erudito e oral de Alberto d'Oliveira.

Ao deixar o solitario templo de São Bento já principiava a cahir a noite. Ainda assim Alberto d'Oliveira ficou absorto a contemplar o exterior da igreja do mosteiro, o crepusculo dando tom especial a velhos templos de velhas tintas.

Ao sahir do Brasil, Alberto d'Oliveira de nós se despediu. Disse-nos então, entregando-nos um papel: "Para que de mim e de nossos passeios cariocas se lembre algumas vezes, aqui está uma carta inedita do Eça, se lhe guardo o original. Utilise a copia quando e como entender."

Parece-nos chegada ocasião de pôr em publico o presente epistolar. Por informação de Alberto d'Oliveira, a carta de Eça é dirigida ao conde de Rezende, D. Luiz, amigo e companheiro de Eça na sua viagem à Palestina e seu futuro parente, Eça marido da irmã mais velha do conde.

Dirigida a carta a D. Luiz de Castro, descendente de antigo vice-rei do Brasil, a missiva de Eça relata a D. Luiz, então um Londres, o batisado de filho unico do ausente.

Para inteligencia da carta, Alberto d'Oliveira apoz-lhe anotações de proprio punho. Dizem-nos sucessivamente que D. Luiz de Castro tratava por Bourbon o filho recem-nascido, mostram Ramalho Ortigão e Antonio de Souza Canavarro, grande amigo de Eça, falecido em Honolulu como consul de Portugal. Ambos foram testemunhas do batisado na igreja dos Olivaes, a pouca distancia de Lisboa.

Datada de Lisboa, em Junho de 1870, a carta de Eça informa o conde de Rezende de ter ocorrido o batisado do filho "havia dois dias, de tarde, no meio de um vento e frio absurdos e em egreja deserta. Bourbon esperava os sacramentos (eu ia dizer a pé firme) a collo firme".

"Ramalho foi padrinho, a Virgem madrinha representada (dizia o assento) por A. Canavarro, oficial de marinha, escolhido por ser o mais loiro. Eu, grave, tinha uma tocha. Emquanto lhe leram alguns latins barbaros, Bourbon esteve indifferente e distraido. Viasse que naquelle dia tão marcante de sua vida o que o preoccupava eram as lunetas do Ramalho.

"A' sahida da egreja havia muitos garotos que sob o pretexto futil de que não lhes tinhamos dado algumas moedas de dez reis nos apuparam durante uns cem passos".

"Quando volta, meu caro Luiz? perguntava Eça a Rezende para dizer-lhe em fim de carta:

"Adeus. Quando voltar peço-lhe que traga uma daquellas sobrecasacas da côr que sabe a Lord Carrijons, mas de panno ordinario e de gosto bizarro, e calça egual, mas é bom que não exceda tudo a quarenta francos.

Adeus. Mil abraços ao Manuel e ainda mais para si.

Seu do C. Queiroz.

P. S. Você veste pelo meu corpo."

Eça morreu em 1900; a 25 de Abril de 1940 Portugal perdia Alberto d'Oliveira.

ESCRAGNOLLE DORIA

O bom exemplo é o melhor dos evangelhos. E' o evangelho que não se pode discutir, que não está sujeito a controvérsias, que não pode jamais sofrer interpretações diferentes. O bom exemplo é o evangelho ilustrado com as boas ações que você pratica. Procure, pois, ser, para seus filhos, uma espécie de lição ambulante, um livro de carne e osso, onde êles aprendam a viver uma vida feita de pureza, de bondade, de boa vontade e de caráter. "O hábito é uma segunda natureza". A outra natureza — a primeira — já é tão cheia de arestas, já é tão repleta de falhas... Para que havemos de cultivar esta segunda que o hábito cria em nossos filhos? E para isto é necessário que êles cresçam numa atmosfera saturada de bons ensinamentos, contemplando em você mesma a melhor das suas lições. E' claro que você não pode ser perfeita, mas não deixe que seus filhos contemplem o espetáculo da sua imperfeição.

Não minta diante de seus filhos, para que êles não se habituem à mentira. Mais tarde ou mais cedo seus filhos terão que ceder às imposições da vida. Uma vez ou outra êles irão mentir. Mas não deixe que êles a vejam fazendo malabarismos no picadeiro da mentira, para que não se acostumem, desde cedo, a mergulhar nessa teia tão deselegante.

Não fale mal de suas amigas diante de seus filhos, para que êles não se habituem à maledicência.

Não lhes falte com a sua palavra, não lhes faça promessas vãs, para que êles não se acostumem à incorreção.

Procure ser pontual nos encontros marcados com seus filhos, nos compromissos tomados com êles, para que os mesmos não se habituem à impontualidade e ao descaso para com os seus deveres.

Sacrifique as suas fraquezas, mas dê a seus filhos a lição de bom exemplo.

Jesy Barbosa

Nos Bastidores Femininos

★

PAT WHITE (Warner)

JANJÃO

Conto de **J. ETCHEVERRY** ★ Ilustraç.ões de MIGUEL H.

— Hoje tem goiabada?
— Tem, sim sinhô.
— Hoje tem marmelada?
— Tem, sim sinhô.

Ansioso pela passagem do circo que se aproximava, Joãozinho tinha nos lábios um sorriso insatisfeito, um sorriso triste, ao ouvir aquêle chôro. Se êle pudesse correr para se juntar à turma! Todos entrariam de graça na função. E êle, que tanto gostava de acompanhar o circo, de dizer, com os outros, "tem, sim sinhô", de entrar de graça, sem pular cêrcas ou por baixo da lona, tinha de esperar, quieto, na porta do casebre, contentando-se em ver a passagem. Era horrível aquilo! Que decepção, que tristeza! Que maldade de O. Nicota, proibindo-lhe aquela diversão tão inocente! Joãozinho tinha vontade de desobedecer, mas aquêle pedido de D. Nicota era uma ordem: "Pode-se precisar de ti, Janjão; não sai da porta, sim, meu negro? Tem paciência, Janjão, a tua mãezinha está doente".

O circo se aproximava. Rangidos. Música. A voz forte e pausada do propagandista de cartola. A algazarra da gurizada: "Tem, sim sinhô". Joãozinho olhava para o carro grande todo pintado de vermelho. Com certeza era a jaula do leão. Será que tem elefante? O Tonico lhe dissera que o palhaço era gozado a bessa. Nem que tivesse de entrar por baixo da lona, iria. Que pena! Se êle fôsse gritar entraria de graça...

E o côro ia aumentando nos seus ouvidos. Êle acompanhava baixinho, com aquêle sorriso triste, com aquêle mal-estar.

— Não sai daí, Janjão.

— Tá bem. Mas só um pouquinho não posso? — Eram suplicantes o olhar e a voz do menino.

— Não, querido; não vê que é a tua mãezinha?!...

— Mas que é que tem? Eu não demoro.

— Tem paciência, Janjão, sim? — E a mão de D. Nicota acariciava a cabeça de Joãozinho.

A todos os circos que chegavam êle não deixava de acompanhar. Era um dos primeiros e mais entusiasmados a saltar em volta do palhaço, a ficar boquiaberto ante a musculatura dos trapezistas e a atirar pedrinhas no elefante. Quando os circos se movimentavam era sempre o primeiro a sair pulando, entregando programas e respondendo com tôda a fôrça de seus pulmões àquelas invariáveis perguntas do palhaço. E agora, que tristeza! Ali estava, louquinho para tomar parte na fanfarronada e não poder. Que adiantava êle ficar ali? Não era doutor, nem nada, para fazer a mãe ficar boa. Vizinha chata a D. Nicota. Se ela fôsse embora êle iria. Era pêso mesmo!

— Hoje tem goiabada?
— Tem, sim sinhô.

E Joãozinho previa a situação quando o circo passasse bem na frente do casebre. Ia ser um buraco. Todos os da turma insistiriam com acenos de mão, com chacotas, para que êle não bancasse o maricas. Parecia-lhe já estar ouvindo: "Vem bobalhão, se não tu não entras de graça. Vem, Meio-Quilo! (Meio-Quilo é a tua avó.)

Tinha verdadeiro horror de quando lhe chamavam "Meio-Quilo". Mas o apelido pegara desde o primeiro dia em que se apresentara no "Diário" para vender jornal. No primeiro dia êle não se importou porque o dono do jornal podia ficar bravo, mas no segundo não aguentou:

— Vamo pará com êsse negócio de apelido, alemão ranhento.

— Meio-Quilo sim. Por que? Pegou alguma coisa?

— Pegou, sim. E o que pega se despega. — Joãozinho avançou no ruivinho, a turma atiçou e a "confusão foi geral".

Agora, quando o circo passasse, todos implicariam com êle. Joãozinho tinha vontade de se esconder atrás da porta. Mas queria ver de perto. Até, se D. Nicota não visse, êle seria capaz de ir, ao menos por um pouquinho, no meio da rua. Como era grande o elefante. D. Nicota era má, puxa! que é que tinha? Que palhaço gozado! Estava quase desobedecendo a D. Nicota. Diabo, mesmo! O circo já vinha na esquina. Tôda a quadra enchia-se de gente. As janelas se abriam. Os guris gritavam para dentro das casas, chamando as mães, as tias, as irmãs. Joãozinho teve vontade de chamar também. Não adiantava; ela estava doente.

— Deixe eu ir, D. Nicota, só um pouquinho!

E a vizinha, enxugando os olhos com a ponta do avental, sempre com a dolorosa negativa:

— Vê daí mesmo, Janjão. Tem paciência...

O côro aumentava. A música também. A gurizada fazia uma algazarra. O palhaço vinha bem na frente, virando cambalhotas. Fingiu tropeçar numa pedra e ficou pulando num pé só. Depois deu um salto mortal que arrancou aplausos.

— E o palhaço o que é?
— E' ladrão de mulhé!

Joãozinho, aflito, metia o dedo no nariz, olhava para tudo, ria, mas tinha a atenção para dentro do casebre. Podia ser que ela ainda deixasse!

— Tem, sim sinhô. E' ladrão de mulhé!

Dentro do casebre caminhavam, apressados. Joãozinho esperava: "Vai, mas não demore, Janjão". Mas qual, D. Nicota não vinha. Que pena! Já estava passando tudo!... Se a mãe não estivesse doente deixaria. Ela era má, às vêzes, mas D. Nicota era mais ainda. Velha nojenta. Uma vez deu um tapa com fôrça na bôca do Zeca, só porque, sem querer, êle dissera um nome feio. Lembrava-se tão bem: "Ú seu grandissíssimo malcriado!" Blef. E a mão de D. Nicota estalou na bôca do filho. Agora, o palhaço deu um adeus para o lado de Joãozinho. Seria para êle? Era, sim. Não havia mais ninguém ali. Que palhaço gozado!

— Vem, Meio-Quilo; vem, bobalhão!

— Meio-Quilo é tua avó!

D. Nicota apareceu, chorando, afobada. Que bom! Ia deixar.

— Vem, Janjão, ligeiro. — Segurou o braço do menino, com delicadeza. — Vem, meu negro, tua mãezinha está muito mal. Vem dar um beijo nela, vem...

Joãozinho suplicou:

— Depois eu vou, D. Nicota. Deixa passá primeiro. Falta pouquinho...

— Não, não, vem ligeiro.

O menino teve vontade de chorar. Bateu com o pé no chão, deu um sôco em si mesmo e protestou com raiva:

— Porcaria! Nunca vi mulher tão má como a senhora. Ladrão agora...

A porta fechou-se atrás dele, mas êle continuou ouvindo: "Tem, sim sinhô. E' ladrão de mulhé". E lembrava: "O Meio-Quilo não vai entrá de graça. O elefante era grande. O Zeca rou um papel e êle pegou a tromba. "Tem, sim sinhô" com raiva. D. Nicota conduz com ternura. Chorava a vizinha, com pena de Joãozi Mas que é que ela ia fazer! ficava com pena, mas... Q do Joãozinho chegou perto cama, rodeada de vizinhas, da prestou atenção e ouviu reitinho: "E o palhaço o que E' ladrão de mulhé". Agora pensava êle — faço as vont de D. Nicota, beijo a mamãe ainda pode ser que eu veja. que eu corra p'ra pegar na tra quadra". Esticou o pesco A mãe fez um esfôrço e ap tou-o de encontro ao seu r frio e úmido, com dois o fundos. "Como a mamãe magra!". Todos choravam. D. cota benzeu-se e juntou as m "Ué, rezando? Aqui não é c cismo. A gente reza é de m ajoe'hado na cama. No do go vou falhar o catecismo ir ao circo. Depois eu peço cu'pa p'ra Irmã". Sentia a fria da mãe roçando-lhe no to, nos braços, no cabelo. T choravam. Até "seu" Ant que era um homem tão br D. Nicota chorava e rezava, fu gando e passando a mão n olhos. Ninguém falava. Ainda se ouvia, ao longe: "Tem, si sinhô". A mão fria, magra, ap tava-lhe os braços. Joãozin lembrou-se: "Quando o pa morreu foi igualzinho. (Beija papai, beija, Janjão.) E agora D. Nicota mandava beijar

CLASSIFICADO NO CONCURSO DA "REVISTA DA SEMANA"

mãe. "Será que ela vai morrer? Já não posso ir ao circo, nem hoje nem amanhã". Olhou para os lados, para todos, assustado, com um olhar grande. D. Nicota ajoelhou-se perto dêle, acariciando-o. "Seu" Antonio chegou-se para perto da cama. As outras vizinhas também choravam. Joãozinho olhou para o rosto da mãe. Olhou-a bem nos olhos que estavam cravados nos dêle.

— Não te esqueça de ir ao catecismo, meu filho. Olha que tu vais fazer a Primeira Comunhão, sim? Reza pela mamãe e obedece à D. Nicota. Ela vai ser boazinha p'ra ti... (Não me dei-

(Continua na pág. 48)

EDUARDO GOMES

CANDIDATO À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Fotografia feita em seu escritório, à praia do Flamengo, nesta Capital, especialmente para a REVISTA DA SEMANA

PARA TODAS AS HORAS

Marguerite Chapman, da Columbia, apresenta-nos nestas duas pôses, em que tanto se destaca o seu encanto, uma "toilette" elegantíssima, que pode ser executada em seda espêssa azul marinho, verde ou marron, com a "vista" do casaco e a barra da manga em seda escossesa, onde se misturem o vermelho, o verde, o marron e o azul marinho. E' um traje encantador o que nos apresenta Marguerite nestas fotografias.

Claire Trevor, da RKO, mostra que se pode vestir com elegância e economia. Ao alto, um modêlo para o "lunch". O casaco do segundo figurino combina com a saia do terceiro, e esta pode realçar ainda com o último figurino. Tons discretos.

SALA DE ESTAR

Ornamentada com sobriedade, esta sala de estar apresenta entretanto um aspecto luxuoso e elegante. Não há aqui essa prodigalidade de enfeites e objetos de arte que caracteriza em geral as residências dos "nouveaux-riches". Na parede, apenas uma paisagem de tamanho médio e algumas miniaturas constituem tôda a ornamentação. A um canto, uma mesa alta serve de aparador para um grande jarro ou outro qualquer objeto ornamental. A mesa do centro é quadrada e de pés arqueados, como as poltronas que a cercam. O sofá, de almofadas sôltas, trabalhadas em couro nobre, tem o encôsto estofado do mesmo material. Cortinas de seda com estampados discretos completam a decoração do ambiente.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS
CASA MARCA UNES REGISTRADA
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE
65 · RUA DA CARIOCA · 67
NÃO TEM MAIS ANEXOS NEM FILIAIS

Quem seria aquêle homem que falava como se estivesse ao par de tudo?

O HOMEM DE SOBRETUDO

Novela de EDGAR WALLACE

O diretor fez-lhe uma série de recomendações de última hora.

— Esqueça seus projetos.

Êle sorriu:

— Não sei de que se trata.

O diretor suspirou:

— Carl, acredite que é para seu bem. Não quero vê-lo aqui de novo somente por causa de uma vingança tola.

Carl tornou a sorrir e apertou a mão do diretor.

— Adeus, doutor; o senhor foi muito bom para mim.

O dr. Johnson ainda disse:

— Não se esquece do que eu lhe disse.

— Não esquecerei.

Fechara-se a porta, finalmente. Carl partira. De pé, à porta do presídio, contemplava as letras imensas: Penitenciária de X... Só vira aquelas letras uma outra vez: no dia em que entrara. Desde então não saíra de lá. Dez anos! Um sorriso amargo deu à sua fisionomia, habitualmente de expressão agradável, um ar feroz. Enfim! Enfim a vingança! Quanto esperara por aquêle momento!

— Enfim!

Sem querer falara alto e o guarda que o acompanhara até o portão voltou-se.

— Alguma coisa?

— Não. Nada. Adeus.

— Boa sorte.

— Obrigado.

Afastou-se caminhando rapidamente. Descobriria o lugar onde Star se escondera? Naturalmente Cregan saberia... Cregan era medroso. Por mais fiel que fôsse ao velho bando bastaria uma ameaça para contar tudo.

— A verdade!

Sim, dizer a verdade! A verdade que não tinham dito, quando êle fôra prêso e pagara pelo crime de todos, êle, o testa de ferro.

— Descanse, meu amigo; nós arranjámos ótimos advogados.

Até o último minuto acreditara que Star, por uma prestidigitação legal que êle sabia fazer quando estava em perigo, haveria de salvá-lo. Tinha confiança absoluta naquele homem.

— Star!

Na última entrevista, bem antes da sentença ser lida, Star ainda o animara com alusões veladas a uma possível fuga. E êle, Carl, ouvira calmo a condenação.

Quem o procurara? Onde estavam seus amigos? Ninguém se lembrara mais daquele que pagara pelo crime de um bando inteiro. Êle estava ali para isso. Sem suspeitá-lo a princípio, naquelas longas vigílias no cárcere êle fôra, lentamente, compreendendo que estava ali justamente para isso. O testa de ferro da quadrilha! O homem que pagaria por todos. As provas contra êle tinham sido acumuladas pelos próprios companheiros afim de salvarem a própria pele. Êle não falara. Calmo, esperara o momento da vingança. Onde estava Star?

Cregan sorriu, desajeitado, ao ouvir a pergunta.

— Não sei, Carl, juro que não sei. Depois que êles fizeram aquela sujeira com você desapareceram daqui. Nenhum dêles apareceu mais aqui.

Com o guardanapo com que limpava o balcão do bar imundo, limpou a própria testa, molhada de suor.

— Juro que não sei.

— Não minta, Cregan. Você sempre foi o homem de confiança dêles. Isos eu sei. Não era aqui que êles se reuniam, naquela sala ao fundo? Não era você que avisava quando a polícia vinha chegando, correndo o risco de ser prêso conosco?

— Eu já disse a você que não sei de nada.

— Escute, Cregan: eu saí da prisão para matar Star. Matar você também, para mim tanto faz, ouviu.

— Espere, Carl, mais calma! Eu sempre fui seu amigo.

— Amigo nada! Eu vi você no tribunal, no julgamento. Você sabia de tudo e não me defendeu.

— Mas se eu falasse a morte era certa.

— Nem me avisou.

— Não podia, Carl. Êles me matariam da mesma forma.

— E agora você vai me dizer onde andam.

Uma expressão obstinada no rosto do outro fez Carl perder a paciência.

— Quer morrer?

Cregan estava tremendo.

— Carl! Pelo amor de Deus!

— Onde estão?

— Já disse que não sei.

— Onde estão?

— Pelo amor de Deus!

— Onde estão?

★

Um crime, naquele bar, era coisa corriqueira. Ninguém se espantou quando Carl puxou um revólver do bolso. Todos continuaram a conversar e beber. Se quisesse matar matasse, pois no mundo dos gangsters ninguém se mete na vida alheia, exceto para pôr fim a ela.

— Está vendo esta arma? Comprei-a agora mesmo, somente para matar Star. Posso matar um, posso matar dois. Da mesma forma serei enforcado.

Cregan estava suando mas já não tinha mais coragem de passar aquêle guardanapo sujo pelo rosto.

— Onde está Star?

O outro fez um esfôrço violento.

— Não sei.

Com voz estrangulada pelo medo ainda conseguiu negar. Carl não esperou mais. Levantou a arma e apontou. Foi justamente nesse momento que aconteceu uma coisa surpreendente. Um homem, vestindo um enorme sobretudo marron, segurou-lhe o braço e disse:

— Não faça isso!

Carl voltou-se irado:

— Quem é o senhor?

— Um amigo.

— Não o conheço.

— Nem é preciso. E repito: não faça isso.

— Meta-se com sua vida, se não quer levar uma bala.

— Não faça isso. Para que matar êsse pobre homem? Você **sabe** onde Star está escondido...

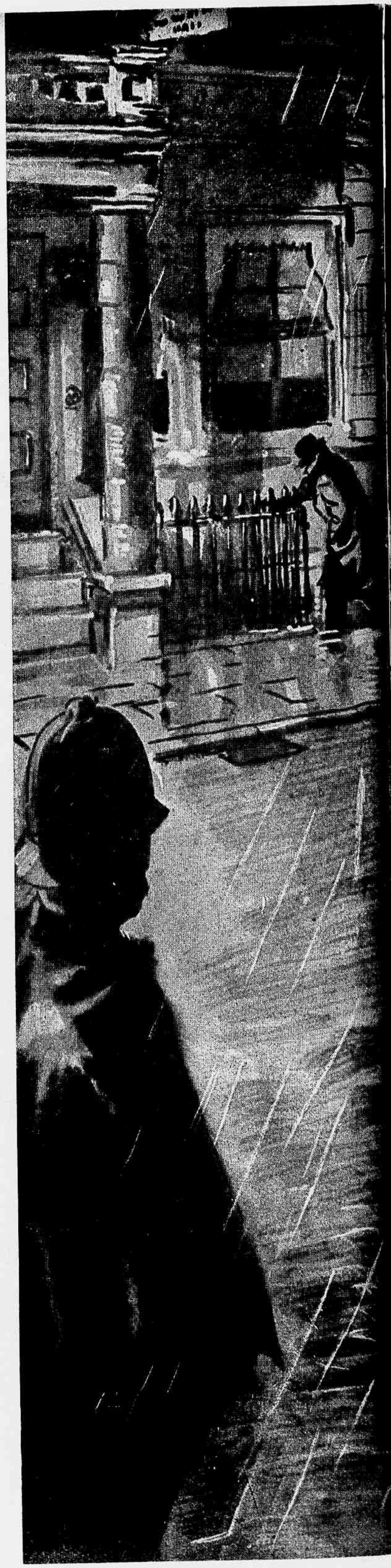
— Eu?

Carl voltou-se bruscamente para Cregan e disse:

— Pare de tremer. Não vou matá-lo.

Um sorriso amarelo esboçou-se nos lábios do velho gangster.

(Continua na pág. 47)



DESCOBRIRÁ O

Inimigo Invisível

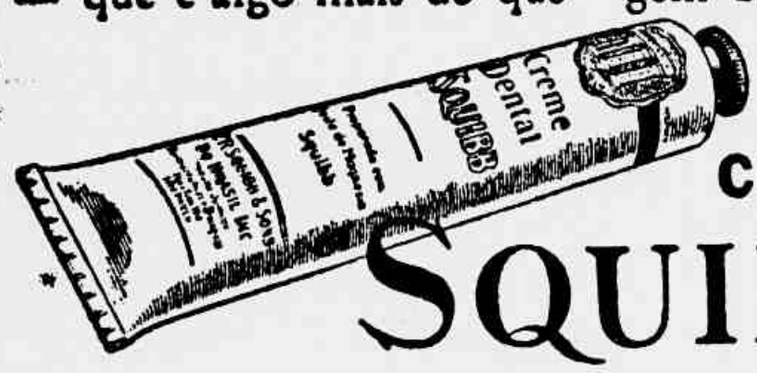
ANTES QUE SEJA TARDE DEMAIS?

Muita gente só vem a conhecer o "Inimigo Invisível"... depois dos dentes estarem afetados

Êsse "Inimigo Invisível" é a acidez bucal de origem bacteriana. Não é possível vê-lo: no entanto, pode estar dentro de sua bôca — atacando o esmalte e produzindo cáries.

Para combater a acidez de origem bacteriana, é preciso limpar os dentes com regularidade. Mas faça questão de usar o dentifrício certo — o Creme Dental Squibb — que é algo mais do que uma simples pasta dental. Com o Creme Dental Squibb é fácil lembrar-se de escovar os dentes duas vêzes por dia. Tem tão bom paladar! Não é possível esquecer o seu sabor refrescante, delicioso!

E o Creme Dental Squibb contém também Leite de Magnésia Squibb, cujo contato é tão eficiente para neutralizar os ácidos de origem bacteriana.



CREME DENTAL

SQUIBB

L.006

Livros

ROSA EXTINTA, versos de Domingos Carvalho da Silva — Livraria Martins Editora — *São Paulo, 1945.*

Excetuada uma composição única, em metro heróico, as poesias reunidas neste volume são de sete ou cinco sílabas. Todos os versejadores, quer os de alta inspiração e labor continuado quer os que se contentam em *taquiner la muse*, sabem como é árduo, imperioso, tirânico o terceiro dos modelos aí citados. Com a sua sonoridade jovial, que, no primeiro momento, traz à idéia um jogo de atitudes ou uma leve dansa e por isso mesmo parece fácil de obter e manejar, logo o pentassilabo se revela duma intransigência e um despotismo ferozes. Não dá margem a rodeios nem variantes: comprime, entala, escraviza a técnica e a estrutura musical; à natural cadência da nossa lingua, que tão azadamente se presta à redondilha maior, a esta, a menor, opõe barreiras crueis e toda sorte de hostilidades. Pois bem o autor de *Rosa extinta* cultiva êste padrão poético de maneira a deixar presumir a perfeita espontaneidade. Antes por êle, segundo a expressão daquele rimador faceto, como nós por nossa casa. Verdade seja que ilude a exigência da rima, pelo sumário processo de a suprimir. Todos os versos do livro são brancos. Nem por isso lhes falta beleza de forma ou sugestiva eloquência. Se o poeta, de vez em quando, cede à tentação do excêntrico ou do arbitrário da corrente chamada modernissta — e que tão velha, coitada, está já parecendo — em geral se exprime por meio de belas imagens e frases escorreitas. Não reproduziremos integralmente, por extensa de mais para este registo, a elegia *A inútil busca*, inspirada na morte dum filhinho; do melhor grado, porém, lhe citaremos as últimas estrofes:

A aurora nasce de novo.
Outra vez murmuram rios.
Espumam ventos e vagas,
mas o meu filho, onde está?

Quando virá o Anunciado
com sua espada de justiça?
Meu filho morreu sem culpa
eu reclamo Vladimir.

Levanto os olhos ao céu.
Espero o grande sinal.
Mas o céu é a mesma poeira
aniquilada a meus pés!

E a vida segue o percurso
das suas iniquidades.
O realejo de misérias
redila a sua harmonia,
Obra-prima do demonio
disfarçado em juiz supremo,
tudo brilha como um facho.
Só a morte governa o mundo.
Ninguem me traz o meu filho
da sombra do irrevogável.

● ● ●

CROMOS, sonetos de Abílio Barreto, 3.ª edição — Oliveira Costa & C. editores — *Belo Horizonte, 1945.*

Em livros de versos, terceira edição é caso raro. Poder-se-ão talvez contar pelos dedos os poetas vivos que, no nosso idioma, tenham alcançado tal triunfo. Logrou-o, e com evidente facilidade, quer dizer: com serena emoção e técnica ligeira, o Sr. Abílio Barreto. Os seus *Cromos* apareceram em 1918, reapareceram em 1924 e aqui está-lo de novo, trazendo na capa o nome do autor em *fac-simile*; um cavaleiro nobremente montado, a destacar-se de suave paisagem; ao fundo da gravura, em caracteres góticos, o título pictural e ainda por baixo o indicativo glorioso: terceira edição. Terceira, sim, e cumpre notar, como o poeta cuidadosamente explica em nota liminar, que o longo intervalo das datas de publicação obedeceu a "uma série ponderada e poderosa de motivos", realmente de lamentar. Esperemos que nenhuma circunstancia, penosa para o autor como para todos nós venha retardar a quarta edição, a quinta e assim por diante.

O cavaleiro que, na sua montaria puro-sangue, atravessa o quadro idílico representado, está claro, o próprio Sr. Abílio Barreto, em passeio ideal, ao sol da inspiração. Nem só aspectos da natureza lhe ha de oferecer a excursão. Esperam-no, para serem apanhados de passagem, episódios galantes, enternecedoras cenas domésticas, temas de reflexão e filosofia, meros pretextos de anedota... Assim o viajante vai, tanto quanto pode, variando a feição e o sentido das imagens que converterá em versos. Mas a forma será sempre a mesma: o soneto em redondilha maior. Vai a noventa o numero de composições reunidas no volume e logo a primeira, na singeleza e na boniteza da idéia de tudo o mais:

Vasta campina se alonga,
Verdoenga, a perder de vista;
E ao fim dela surge a crista
De alta, negra serra oblonga.

Da mata que pouco dista
Vem um canto de araponga
E a cigarra em toada longa
Solta a canção panteista...

Arde o sol. A areia escalda.
O campo — imensa esmeralda —
Tem o céu a limital-o.

Da estrada na branca fita,
Larga, arenosa, infinita,
Passa o viandante a cavalo.

Novos

O PECADO ORIGINAL, versos de Rocha Ferreira — A Bolsa do Livro editora — *São Paulo, 1945.*

E' uma segunda edição. E, tratando-se de livro de versos, é, nos tempos que correm, uma espécie de milagre. Excelentes poetas o teem esperado em vão. E o Sr. Rocha Ferreira, que o alcançou conscienciosamente, o deve atribuir, não só a um incontestável valor próprio mas também a outras circunstancias felizes. A musa o inspirou, a deusa da Sorte não menos eficientemente o protegeu. E não deixamos de assinalar que ainda o Sr. Monteiro Lobato contribuiu para tal triunfo, anunciando, em curto mas ardoroso proêmio, que se tratava verdadeiramente de "um livro de poesia".

Todas as composições aqui reunidas formam dois tercetos. Nelas se encontram finos conceitos, belas imagens. O poeta tem ao lado uma criatura — a criatura que êles, no momento, julgam sublime e única — da qual recebe o complemento, seja confirmação, contraste ou simples variante, das suas concepções idealistas. Fórma curiosa e na qual, sempre repetida embora, não chega a haver monotonia. Tomemos ao acaso uma das poesias, a que se intitula *Da vida:*

Vive-a, quando sem risos nem abrolhos;
põe-te deante do espelho e fica a meditar;
e ela se mostrará núa aos teus olhos...

Ela tomou do espelho e viu, num arrepio.

um rio que fugia de outro rio,
dois rios que rolavam para o mar...

❁ ❁ ❁

VOZES EM SURDINA, versos de Abimael Silveira, prefácio de Afonso Schmidt. — *São Paulo, 1945.*

No breve prefácio deste livro faz-nos o Sr. Afonso Schmidt uma revelação que certamente muitos poetas não levariam a bem. Diz-nos a idade do autor. Conta-nos que, há quarenta anos, já o Sr. Amibal Silveira era pintor. E, não satisfeito com tal indiscreção, acentua a circunstância de haver o seu afilhado, "durante sessenta anos", ocultado que era poeta.

Mas o Sr. Amibael Silveira não se suscetibilizou — do contrário pediria ao padrinho para retirar tudo quanto corresponoesse a certidão de registro civil. Não ficou zangado nem triste, naturalmente por saber que aos seus doze lustros bem puxados corresponde uma espécie de juventude e que a velhice de certos homens se avantaja à mocidade de outros, os quais de certo não chegarão nunca onde aqueles ainda conseguem estar. Aos setenta anos o Marechal de Richelieu amou uma bela moça que dêle teve um filho. A musa do Sr. Abimael Silveira acaba de lhe dar um bem sentido e bem rimado livro.

Eis uma das poesias, a intitulada *Ilusão:*

Choquem-se os sóis e mundos nos espaços.
Ribombem explosões.
Faça-se tudo chamas e estilhaços.
Diluvios e vulcões
Fundindo terra e céus!
Mas não se afastem nossos corações
Do coração de Deus!

Cérra os teus ólhos para o mundo extérno
E fecha os teus ouvidos..
Então verás que o tumulo, que o inférno.
Que os gritos e os gemidos,
Toda essa confusão,
E' um reflexo, apenas dos sentidos
E da imaginação!

❁ ❁ ❁

UM MINUTO DE VIDA, crônicas e contos de Borges da Cruz. — Editora Aurora — *Rio de Janeiro, 1945.*

O Sr. Borges da Cruz reuniu num volume de cerca de 150 páginas "em oitavo" 30 contos ou crônicas primeiramente destinadas à imprensa. Esses dois números, dividido o primeiro pelo segundo, indicam as dimensões, termo médio, dos trabalhos em apreço. Trata-se de comentários ou fantasias lançados ao papel sob a impressão do momento. Inspiraram-se em notícias do dia, casos principais ou sensacionais duma época, téses doutrinárias, aspectos sociais, problemas de classe ou simples acontecimentos de rua. Ao verdadeiro jornalista tudo pode servir de assunto e o Sr. Borges da Cruz é, antes de mais nada, um jornalista. Embora não rigorosamente profissional — aquilo que julgamos saber — tem a imprensa, que se diríamos a tinta de imprensa na massa do sangue, Lê os jornais com o interêsse, o amor especialíssimo, e por mais ninguém experimentado, de quem vive dentro deles. Sente, na sua intimidade, tudo o que se encontra naquelas linhas — e naquelas entrelinhas. Está no segredo do oficio. E quem se possuiu de tal mistério nunca o poderá esquecer — muito menos traír.

As págnas de *Um minuto de vida* primam pela sinceridade. Trazem a marca das criações espontâneas, que o escritor não precisou de amaneirar, adornar de rebuscamentos e requintes, assim disfarçando, pelo enfeite, a vacuidade essencial... Por isso esta leitura não entretem apenas. Vai muito além disso: dá prazer.

J. L.

❁ ❁ ❁

EXEMPLO E INSPIRAÇÃO — João Daudt D'Oliveira — *Rio — 1945.*

Recebemos sob o titulo acima, em ótimo trabalho gráfico, o discurso que o nosso eminente patricio Sr. Dr. João Daudt d'Oliveira, Presidente da Federação das Associações Comerciais do Brasil, como paraninfo da 26.ª turma de especialistas da Escola Técnica de Aviação, proferiu em São Paulo, a 31 de Agosto do corrente ano.

NO CALOR...

Dê à sua cútis uma agradável sensação de frescor, com uma leve fricção de Água de Flórida. Perfumada, desodorante, antissética e estimulante da circulação sub-cutânea, Água de Flórida mantém a pele fresca e perfumada o dia todo... A venda em tôdas as farmácias e perfumarias.

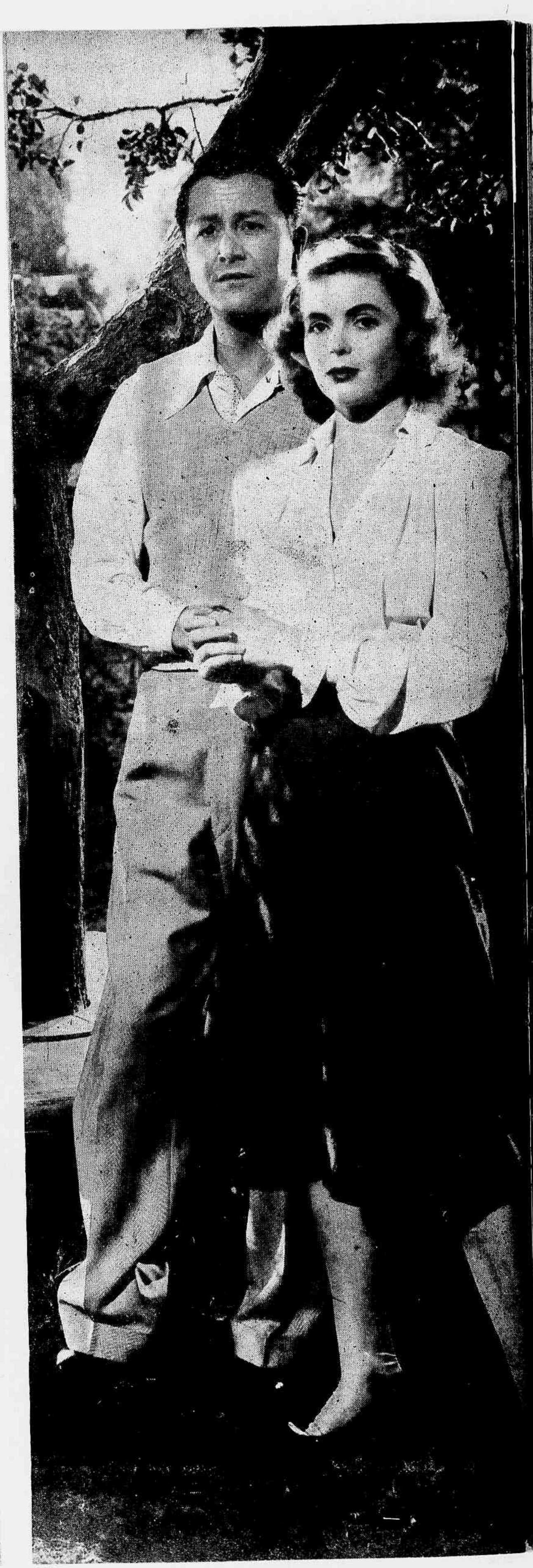
ÁGUA DE FLÓRIDA

De Lábio em Lábio...

dou volta ao mundo!

A REVISTA EM HOLLYWOOD

No seu mais recente filme, Cary Grant tem um sério concorrente para pôr em evidente perigo o seu prestígio: é nada menos que o velhote Monty Wooley, com o qual vai dividir o "estrelato". Ela é Mary Martin, e o filme "Night and day", titulo que faz lembrar, desde logo, aquela bonita melodia. O filme da Warner está concluido e deve ser apresentado aqui no Rio, por certo, só em 1946. E aqui está, na gravura inferior, alguma coisa de inédito para os "fans": uma loura e uma morena, que vêm a ser, no final, a mesmíssima "estrêla". Ela é simplesmente Jean Trent, da Universal. Vejam as leitoras até onde pode ir o recurso dos maquiladores e embelezadores de Hollywood!

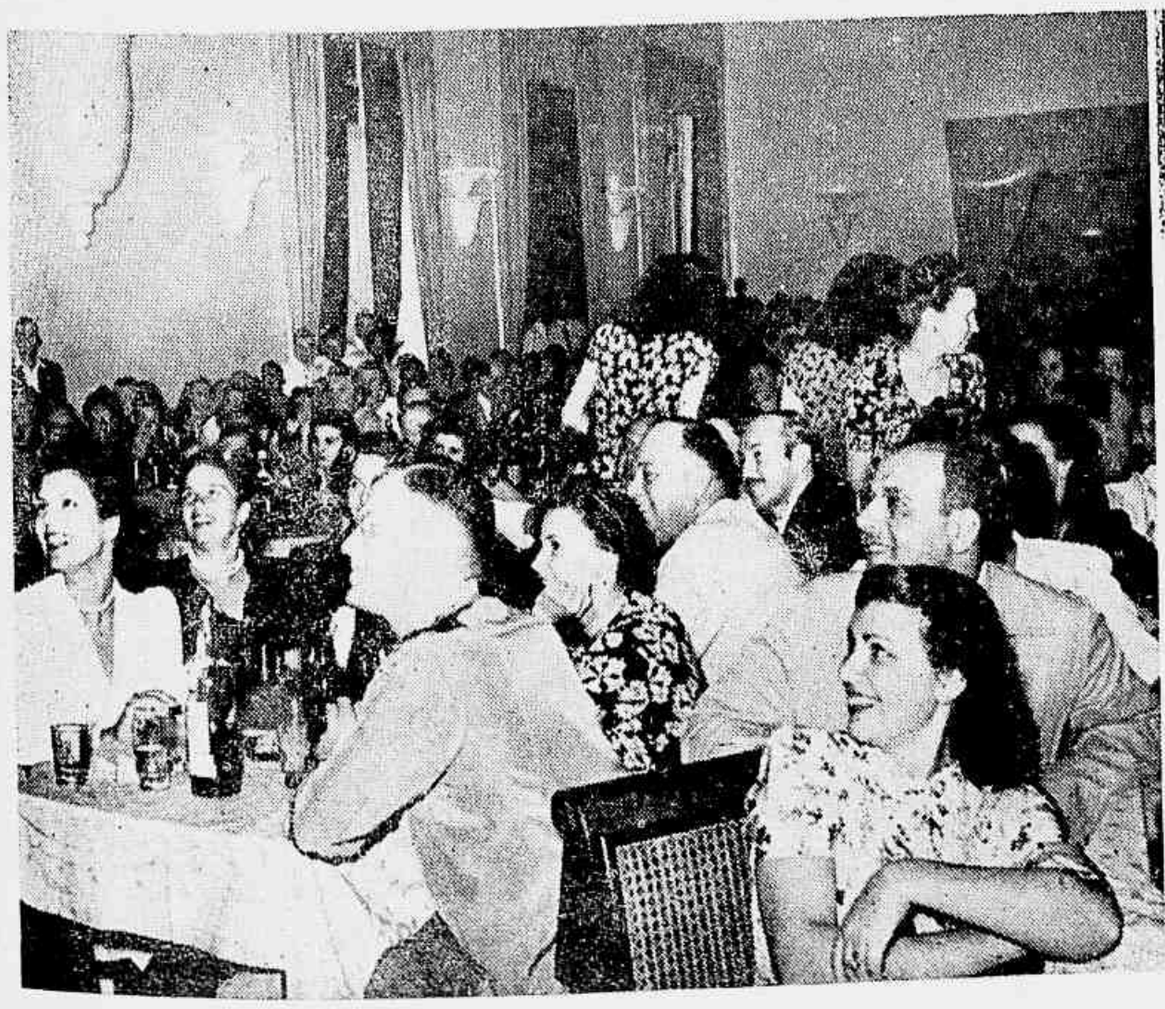


Ao alto, Barbara Bates tal como será vista em "Uma noite no Paraiso", a pequena que apareceu graças a um concurso de cartazes murais. De fato, a garota habilitou-se a uma prova dêsse gênero, na Califórnia, e de tal maneira se destacou que Kenny Ketchum, da Universal, imediatamente a contratou. À direita, Dorothy Mc. Guire e Robert Young, os heróis de "Milagre de amor", um intenso romance da RKO, agora em vias de conclusão.

Em baixo, Charles Boyer e Lauren Bacall num intervalo da filmagem de "The Confidential Agent", da Warner.

GUARUJÁ, UMA PRAIA DIFERENTE...

GUARUJÁ não é uma praia como as outras. Diferente e original, a magnífica estância balneária da ilha de Santo Amaro se apega à sensibilidade de seus visitantes e nela se fixa para sempre como um visgo indelével. Não iremos ao exagêro de dizer que ver o Guarujá e depois morrer seja a aspiração suprema de quem quer que a visite. E isto porque não há quem uma vez lá não deseje regressar para deliciar-se com a beleza de suas paisagens e o brilho de suas festas magníficas de finura e requinte. Centro de recreio preferido pela melhor sociedade patrícia, que lá se reune principalmente na estação calmosa, a encantadora praia bandeirante casa perfeitamente ao primitivismo de seu ambiente o requinte de sua vida social, redourada pela jovialidade e pela juventude dos elementos mais destacados da "haute-gomme" brasileira. À noite, no palco do "grill" do Grande-Hotel, o desfile de artistas de fama internacional infunde um halo de poesia em tudo, poesia que se derrama, lenta e musical, por sôbre as coisas e os seres na magia do plenilúnio tropical. As fotos destas páginas registram momentos de alegria, emoção e arte vividos naquele "music-hall" de tão estranha sedução.



UMA LIÇÃO DE CONGA

As danças, mais do que as palavras, sempre trabalharam pela aproximação dos homens. Os homens pensam com a cabeça, brigam com as mãos e com os lábios e — mercê da coregrafia — confraternizam com os pés. Houve o período da Furlana, do Tango, da Rumba. Houve o aparecimento do Fox, do Charleston, do Black-Botton. Muito antes um velho dançarino brasileiro levou o Maxixe aos salões parisienses e fez furor. Autoridades eclesiásticas protestaram quando o Tango à moda antiga, um quase-arremêdo de dança dos apaches, andou em "tournée" pela Europa, a antiga Europa de antes da primeira grande guerra, quando ninguém sonhava com a bomba atômica e a desagregação da paz universal.

Veio depois a Conga. E a Conga, depois da Rumba, fez mais pela divulgação de Cuba que cem anos de diplomacia, tal como aconteceu com Carmen Miranda na Broadway em relação ao Samba. Mas a Conga tem arte, tem estilo. E' modernissima, e para ser dançada a rigor demanda muita classe.

Aqui está uma perfeita lição de Conga, já estilizada, em execução à maneira de Hollywood. Todavia, não foi dançada lá na Califórnia nem pertence a nenhum filme cinematográfico. As pôses, gentilmente feitas por Wladimir Irman e Madeleine Rosay, mostram as fases culminantes de sedução, de conquista e de elegância do par. Foi Earl Carroll, o "showman" n.º 1 dos Estados Unidos, quem disse: "Êles dançam a verdadeira Conga". E dançam, realmente. O ritmo — um, dois, três... um, dois, três... — faz lembrar o "clima" da Pérola das Antilhas. Mas a Conga deixou de pertencer exclusivamente a Cuba, para ganhar foros de naturalização universal...

HISTORIA DE UMA DANÇARINA

ARGÉLIA, PARIS, BROADWAY, HAVANA, VINA DEL MAR, COPACABANA, PAUL E ANDRÉE TRAÇARAM CAMINHOS DE BELEZA SÔBRE O "MAPA-MUNDI"

ANDRÉE nasceu na Argélia. Filha de francesa e mãe moura, apresentava-se com dois olhos negros e profundos cêr de ébano em rostos pretos quentes, sólidos como vem escritos nossos manuais. Na Argélia, nada pensava em comparações sôbre pelo o cabelo de ébano e os olhos de Mlle. Pulgini não se pareciam com o resto da população. São quaisquer expressões humanas as vezes particularmente típicas as vêzes numerosas e duvidosas. São todos o sangue que aos desertos vindo da costa do Atlântico, que são vem desenvolvidos através de idéias de cruzamos de exploração e sedução.

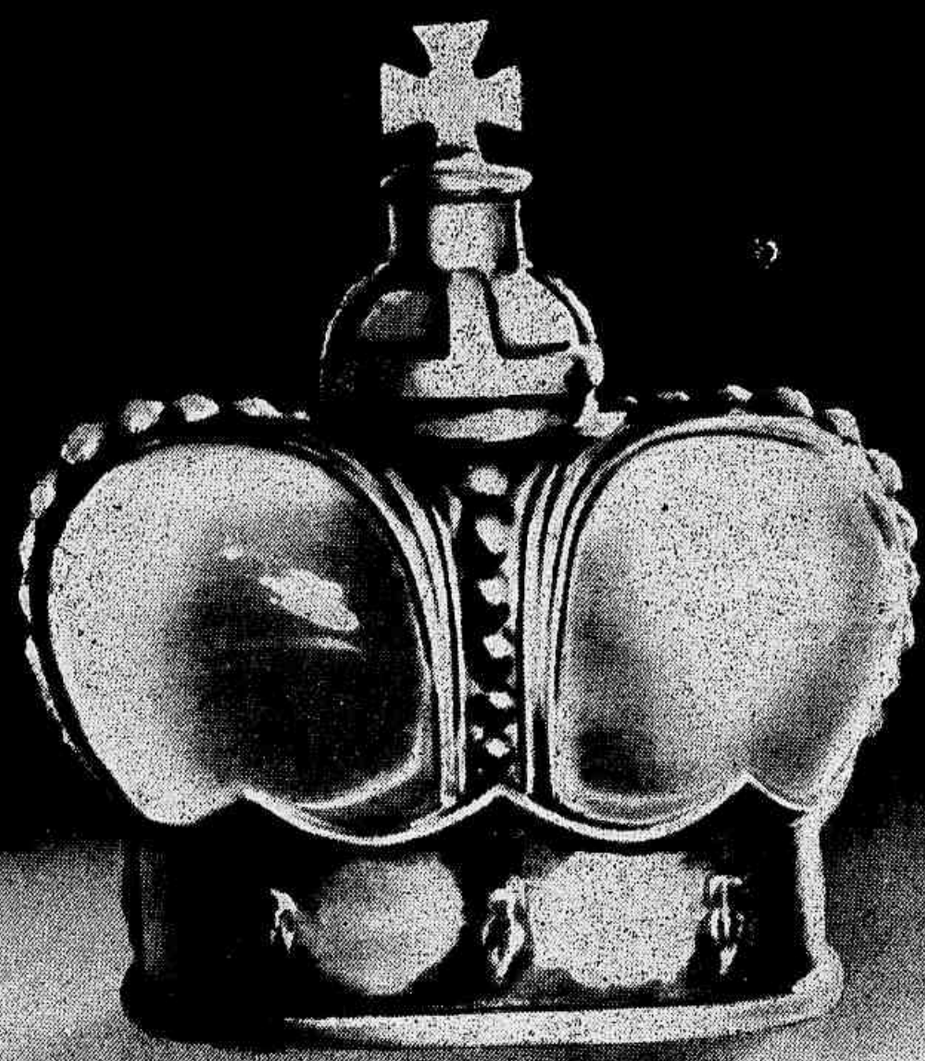
Chegou o tempo dos 21 anos. Em 1936 entrou no "Folies Bergères" no coração da cena permanente luminosa de todo o movimento do mundo. Paul Meeres voltava para o "show". Ele vinha dos Bulevares, das lôjas que ficam na rua dos Capucines, onde tocava da varandada de Edem. Vinha. E aconteceu que aquêle morto existia. Aquêle morto de fôr aquêles gestos em que o pensamento e o sentimento se desenvolvem, complementam e seu lado artístico, sendo o outro metade de um corpo ao mundo sonhador.

Pouco menos depois Paul Meeres e Mlle. Andrée Pulgini eram um para a unidade de um pensamento de belezas vivendo o romance dos grandes mundos. Juntos dançaram no Folies num "show" de elegante sonoridade — Madame La Folie. Juntos foram a Londres, a Broadway, ao México, a Buenos Aires, ao Chile, na Argélia. Juntos estão dançando no Rio e conversam com o reporter num intervalo dos ensaios. Com uma espontaneidade disse-lhes Mlle. Pulgini nos diz que de tôdas as cidades que viu o Rio é a mais bonita. E que só lá pra aqui o Copacabana pelas coisas culturais naturais ou do Paraíso. Paul Meeres aprova com o seu gravo e conhecedor que o cosmopolita inglês deixou no seu meio natural.

Têm saudades de Paris, sim. Dos grandes bares do Folies quando tôda a alegria do mundo parece concentrada no "boite" Lucia. Mas "se vamos passar fome em França para que multiplicar o número de bôcas famintas se eu não sei fazer outra coisa senão dançar?", pergunta Andrée.

Ainda estão sensacionalistas no Rio. Acham que o "boite" do Atlântico tem muito de Paris, com o seu ar cosmopolita de brasileiro, o seu luxo sem pose e sem complicações. Nosso tempo se inscreve por uma porção de aspectos: a paisagem, a variedade dos tipos humanos, a riqueza do mulato apresentado nos pedaços nos mais sonoros, como gotas dágua de uma fonte pura. Pensam até em oferecer uma surpresa aos cariocas: incluir um samba típico em seus últimos programas entre as danças do Africa e do Asia. Querem ver o macumba dos morros. Querem saber um Brasil diferente do Brasil cosmopolita dos praias.

Como se vê não são gente da "fôrma do mundo" os bailarinos esplêndidos do Atlântico. São vida em movimento, com uma receptividade generosa aberta a tôdas as formas de beleza.



Matchabelli

"Stradivari" "Abano"

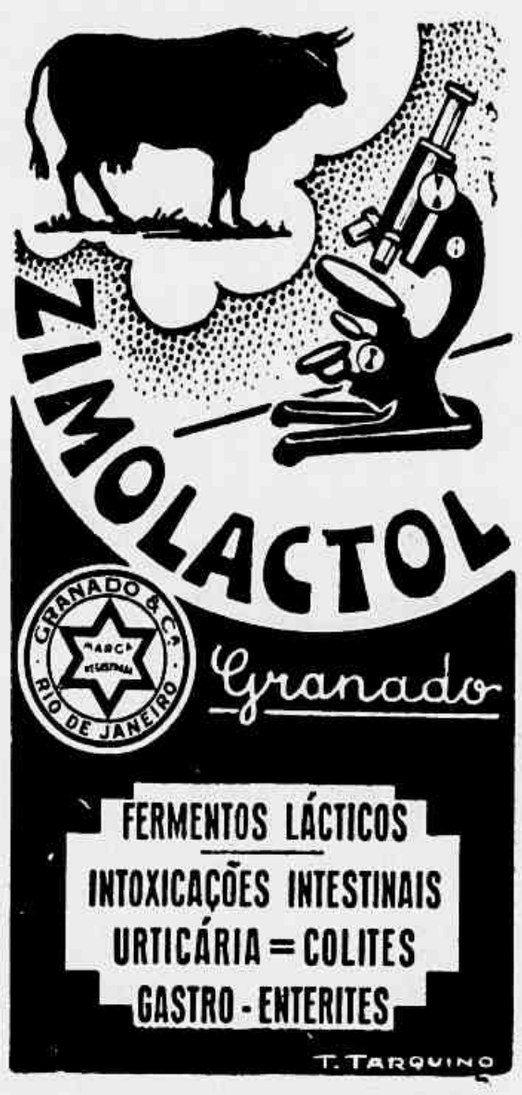
"Duchess of York" "Catherine the Great"

"Princess Marie" "Royal Gardénia"

CASA HERMANNY

FUNDADA EM 1855

MATRIZ GONÇALVES DIAS, 50 — FILIAIS: COPACABANA — NITEROI — PETRÓPOLIS



Moças e senhoras "chics"

A "Depilina Sarah" destrói os cabelos supérfluos em qualquer parte do corpo que se deseje. Maravilhoso invento norte-americano de fácil aplicação. Faça seu pedido a F. S. NEVES — Caixa Postal 2398 — Rio de Janeiro. Cr$ 20,00 em valor declarado ou pelo Serviço de Reembolso Postal. A' venda nas Perfumarias, Drogarias e Farmácias do Brasil.

O NOME É UMA VOZ...

Dolôres Fôrtes

Pinto Quádros

Thomáz Remédios

Texêira Rósas

Conde Corádo

Jacome Terra

Alísio Crêspo.

O homem de sobretudo

(Continuação da pág. 35)

— Carl, eu...

— Não me amole mais.

Quando se virou, Carl notou que o homem de sobretudo contemplava-o com um sorriso.

— Eu sabia que você não tinha coragem!

Carl explodiu:

— Quer que lhe meta uma bala para provar que tenho coragem?

— Eu **sabia** que você não tinha coragem de matar. Você não é um assassino, Carl.

— Quem lhe disse meu nome?

— Ninguém, e no entanto eu o conheço melhor do que ninguém.

— E' da polícia?

O outro riu.

— Não.

De repente, Carl desinteressou-se de desvendar aquêle mistério. Onde está Star? Era o que o preocupava.

— Onde está Star?

— Você quer mesmo saber?

— Sim.

— Procure então na sua própria memória. Onde é que êle passa as noites de sábado?

— Na casa de...

Sim, lembrava-se: com a mulher que amava. Um gangster que tinha o seu amor: eis Star. Era uma loura cheia de curvas, que fala com voz fanhosa. Star era louco por ela.

— Vou matá-lo.

— Por que?

O homem de sobretudo tinha perguntas embaraçosas.

— Porque êle merece morrer, porque me traiu, por que me fez passar dez anos na prisão por um crime que não cometi.

— No entanto você pertencia à quadrilha, era um malfeitor, tão errado quanto êles. Pode queixar-se?

— Mas êle é que era o assassino, o responsável pelos roubos, o homem que...

— Você nunca matou um homem, não é verdade?

— Sempre me recusei a isso.

— Terá coragem agora?

— Agora é diferente. Êle roubou dez anos de minha vida. Tenho um ódio tão grande!...

— Mas terá coragem?

— Por que fica repetindo isso?

— Porque você não foi honesto no princípio de sua vida. E pagou — não pelos crimes que cometeu, mas pela associação com criminosos, sua cumplicidade. Viu como essa gente age, sem manter os compromisso, rindo da "honra entre ladrões". Aprendeu sua lição. Por que voltar atrás e cometer o mesmo erro?

— Foram dez anos de minha vida...

— E por isso você vai deixar que êle lhe tome a vida inteira? Procurar as provas para prendê-lo, isso sim. Matá-lo? Não.

— Quero vingar-me..

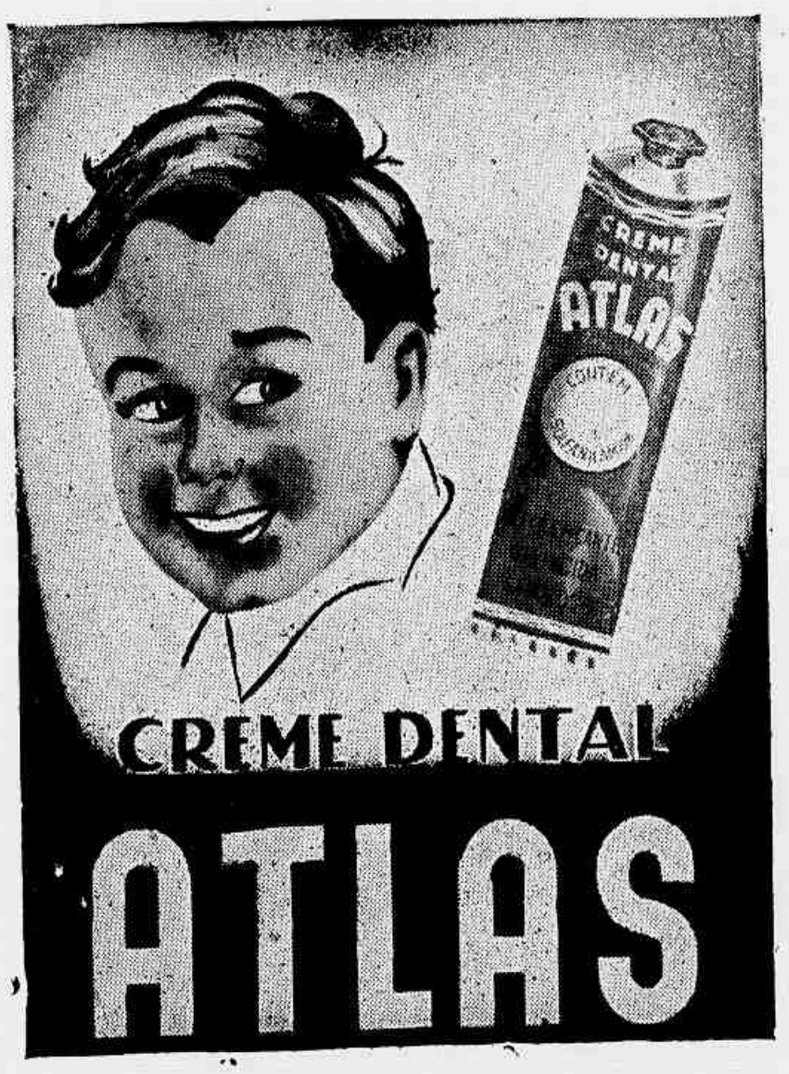
Êle se concentrava naquela obstinada vingança planejada nas horas de vigília no cárcere para onde o tinham mandado. Queria ver Star cair, morto, numa poça de sangue. Queria rir diante do seu cadáver! Canalha! Miserável !Riria, riria, sim!

Por que?

— Matarei.

— Será prêso.

(Continua na pág. 50)



Senhoras! Se a Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

Janjão

(Continuação da pág. 29)

xou ir ver o circo. Mas, mas...)

Joãozinho perguntou horrorizado:

— A mamãe vai morrê, D. Nicota? — Ninguém respondeu. Os soluços encheram o casebre. — Não morre, mamãe, não morre! Por amor de Deus, mamãe, não morre! Eu prometo que não jogo mais bola, nem quebro os vidros da venda... (Era tão bom quando a mamãe estava doente! Eu jogava futebol à vontade, mas...)

Joãozinho pedia aflito, chorando de verdade:

— Não morre, mamãe. Eu prometo. Eu tomo a Primeira Comunhão bem direitinho e não faço malcriação p'ra senhora, e levo a roupa, sem sujar, pro doutor. Não morre, sim? Não deixa ela morrê, D. Nicota, sinão eu tenho de ir pro asilo, de avental igual o Beto. A mãe dêle morreu e o asilo levou êle. Mas eu não quero, D. Nicota. Eu prometo, mamãe, eu juro por Deus Nosso Senhor...

D. Nicota encheu-se de coragem:

— Não chora, Janjão. A mamãe vai ficar boa, sim? Não chora. Dá um beijo nela e vem...

— Não vou. Eu não quero que ela morra. Não morre, mamãe, sinão o asilo me leva.

"Seu" Antonio conduziu-o para outra peça. D. Nicota era incansável. Há duas noites que não dormia. Consolava o menino, olhava para a moribunda, cuidava, esperando... Nisto, dirigiu um olhar apressado para outra vizinha. Veiu a vela.

— Traz o crucifixo também, ligeiro... Chama a D. Hortência. — E segurando as mãos da moribunda: — Diz "Meu Jesus", diz, Maruca, diz assim: "Meu bom Jesus"...

D. Nicota arrumou, entre lágrimas, o terço entre as mãos da morta. Depois ajoelhou-se, tapando o rosto com as mãos:

— Descansou, a coitada. Sofreu tanto. Morreu como uma santa. — E rezava.

Os soluços enchiam o casebre.

*

Joãozinho segurava com as duas mãos a caneca de café que D. Nicota lhe preparara e depois lhe dera, cheia de recomendações: "Toma todo, Janjão, senão tu pode pegá uma fraqueza. Deus nos livre e guarde!". E, enquanto engulia, em goles grandes, aquêle café muito fraco, Joãozinho ia pensando, pensando...

Coitada da mamãe! Quando que eu ia pensar que era por isto que a D. Nicota não deixava. (Não se ouvia mais o barulho do circo.) Agora vou ter que morar com ela. Pode ser que seja boa. Que vale que eu tenho o Zeca p'ra brincar. Será que o Zeca já tirou o Errol Flynn, nas balas? O Errol é difícil de sair. Até é capaz que não tenha, sim, p'ra gente ir comprando bastante. E agora como vai ser? Quem me dará dinheiro para as balas? A coleção está quase completa. Sempre que eu trazia o dinheiro do jornal a mamãe me dava duzentos réis. Não é mais réis, é centavo. Não posso me acostumar. Será que D. Nicota me dará também? O Zeca vai querer. Que engraçado! Sou eu que vendo; o Zeca não tem nada que se meter...

Enquanto pensava e tomava café, Joãozinho esfregava os pés, um no outro, fazendo rodinhas.

Agora a mamãe não me obriga mais a lavar os pés, tôdas as noites. Mas eu não queria que ela morresse. Ela sempre me ensinava a lêr e escrever. E gostava tanto de rezar, de noite, junto com ela. Como ela ficava contente, quando eu recebia pontos no catecismo! Será que a Irmã já sabe que ela morreu? Garanto que ninguém sabe, não.

Proteja seu filho contra as afecções do couro cabeludo. Após o banho, friccione-lhe a cabeça com **Tônico Oriental.** Êle ficará imune à ação de germens nocivos e terá cabelos fortes e belos para o resto da vida.

candidata-se a um novo "Musaphonic" G-E *Tom Natural*

Os novos rádios G. E. *Tom Natural* lhe permitirão desfrutar de uma recepção clara e cheia de vida, que ultrapassará tudo quanto ideou sua imaginação. Tôda nota, tôda sutil diferença no timbre da voz humana ou dos instrumentos musicais vibrará aos seus ouvidos com a pureza original e o palpitante realismo de uma execução ao vivo!

Não é pois de admirar seja a nova série de rádios *Tom Natural* da General Electric o marco inicial de uma nova êra da rádio-recepção.

Para completar o valor artístico dêsse instrumento maravilhoso, cada gabinete será estilizado com requintado gôsto, combinando e realçando a beleza de sua mobília. Os artífices da G. E. já estão desenhando êsses móveis, segundo as tendências e preferências indicadas pelo público latino-americano. Não está longe o dia em que V. S. poderá adquirir o rádio G. E. *Tom Natural* com o "Equilíbrio Acústico" e o "Altofalante Coordenado" — para citar apenas dois dos aperfeiçoamentos eletrônicos exclusivos da General Electric.

Assim como a sedutora Ann Sothern, V. S. concordará que vale a pena esperar para ser também proprietário dêste magnífico instrumento cuja posse lhe produzirá legítimo orgulho.

Ouça "FESTIVAIS G. E." às 5as. feiras, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, às 22,05. PRE-8 (ondas médias, 980 kcs.) e PRL-7 (ondas curtas, 30,86 metros). Um programa sempre novo e sempre do agrado de todos.

• Mais uma oferta da General Electric: "BAZAR FEMININO" com Helena B. Sangirardi, todas as quartas-feiras às 16 horas pela PRE-8, Rádio Nacional.

INSUPERÁVEL TANTO NA PAZ COMO NA GUERRA

Foi a General Electric que fabricou a maior quantidade de aparelhos de rádio para uso bélico. Os melhoramentos obtidos com esta experiência contribuirão para fazer do seu novo rádio G. E. o melhor que V. S. jamais possuiu.

Construção à prova do CLIMA TROPICAL

Na Câmara Higroscópica G. E., os receptores e as partes que os compõem são submetidos a uma atmosfera artificial mais rigorosa que a dos climas tropicais, trazendo constantes melhoramentos ao rádio General Electric.

8078

RADIO
GENERAL ELECTRIC
Na vanguarda em Rádio . FM, AM . Televisão . Eletrônica

Condomínio residencial como solução para o problema da habitação em São Paulo

Construção de majestoso edifício para apartamentos à avenida Ipiranga e rua da Consolação — Subscrição de vultoso capital, no "Escritório Euro - Corretor de Bons Negócios", para aplicar em construções no centro urbano da Capital — Oportuno programa de uma interessante iniciativa particular.

A cada dia que passa, o problema da falta de habitação em São Paulo vem assumindo as mais elevadas proporções, exigindo, por isso, uma solução adequada que, dentro do menor prazo, venha aliviar tão premente situação.

Várias iniciativas têm sido postas em prática para resolver tal problema, merecendo destaque o empreendimento de um grupo de pequenos capitalistas que idealizou interessante plano de construções de edifícios para apartamentos no centro urbano da Capital, para venda em condomínio.

Tal plano teve auspicioso início, pois os seus idealizadores já o concretizaram, tendo deliberado a construção de majestoso edifício de apartamentos, para venda em condomínio, à avenida Ipiranga e rua Consolação, com frente para essas duas vias públicas. O grupo já organizado para essa iniciativa deliberou ampliar o seu número, e com o fim de pôr em prática tal deliberação realizou-se concorrida reunião no "Escritório Euro — Corretor de Bons Negócios". A reunião teve a presença de numerosas pessoas de merecido conceito em nossos meios comerciais e sociais e, a julgar-se pelo entusiasmo que a caracterizou, poder-se-á considerar de bases sólidas e de assegurado êxito.

Com efeito, projeta-se para o plano amplo desenvolvimento, com vantajosas oportunidades aos seus aderentes, pois pretende-se levantar grande capital, no mínimo de cinquenta a cem milhões de cruzeiros, com o qual se tem em vista única e exclusivamente realizar construções no centro urbano da capital, mediante lucro módico e razoável.

O plano tem caráter eminentemente popular, sendo, por certo, facilmente formado aquêle capital, contando-se para isso com dois fatores essenciais, tais como: 1.º — Todos os que disponham de pequenas importâncias, desde cinco mil cruzeiros, terão nesse plano oportunidade de uma boa aplicação de seu capital, com resultados evidentemente mais compensadores do que os insignificantes juros bancários ou de outras aplicações em títulos. 2.º — A idéia tem merecido a mais franca aceitação, evidenciando-se que estão sendo bem interpretados os seus fundamentos que compreendem bem orientado esfôrço para a solução do importante problema da habitação em São Paulo.

A fotografia ao lado focaliza um aspecto da reunião realizada no "Escritório Euro — Corretor de Bons Negócios", da qual participaram os primeiros subscritores do grande empreendimento, aos quais foi oferecido um "cocktail". A reunião, que decorreu em ambiente de grande animação, estiveram presentes, entre outras, as seguintes pessoas: sr. Leon Worms e senhora; sr. Antonio Gomes Xavier e senhora; sr. Pedro Di Perna; sr. Agenor Camargo Filho e senhora; dr. Otto Meinberg e senhora; dr. Pedro Farina, srtas Elvira Farina e Lazarina Farina; sr. Mauricio Israel e senhora; sr. Pascoal Scavone; dr. Euro do Vale Nogueira e senhora; tabelião dr. Francisco Teixeira da Silva Junior, sr. João Luis do Vale Nogueira e senhora; sr. Heitor Ferreira Gandra; dr. Spencer Machado de Campos e senhora; escrevente Pedro Gouvêa; sr. Latif Melik Issa; sr. Paulo Cristiano de Faria; srta. Vanda Teixeira; dr. Francisco Malta Cardoso; sr. Orlando Rodrigues Coelho; srs. Manoel Marcondes e Domingos Mazzei, da "Fôlha da Manhã"; srs. Fortunato Vernier e Manuel Saldanha do Amaral, do "Correio Paulistano; e sr. Barbosa Pupo, da Agência Petinatti.

o Vicentino, que nos trazia roupa e comida. A mamãe gostava do Vicentino. Ela sempre rezava p'ra São Vicente e queria ir pro céu. Agora ela vai. Será que o entêrro demora muito? Faz tempo que eu não vou no "cemintério". Hoje eu vou. Mas... que pena que a mamãe morreu!...

Bateram à porta. Joãozinho terminara de tomar o café e correu para atender. "Será o caixão? Que ligeiro!". Abriu a porta. Era um seu amigo que, conforme o viu, perguntou, cansado de correr:

— Ó Janjão, vamo no circo, logo?

— Não posso. A mamãe morreu... — Joãozinho esperou o efeito da notícia. — Morreu aindagorinha...

O amigo ficou de olhos arregalados:

— Morreu, é? Mas coitada! — Entrou devagar, na ponta dos pés, e com o boné na mão. Perguntou: — Tu vai botá luto, Janjão?

Joãozinho lembrou-se e não pôde esconder um sorriso que instintivamente lhe veiu. E respondeu, com firmeza, satisfeito:

— Então! Pois tu não vê que agora eu sou órfo?!...

Longe, quase no fim da rua, começavam a armar o circo.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cútis.

Depois de aplicar êste crême, observe como a sua cútis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas, e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso de Crême de Alface "Brilhante". Experimente-o.

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 86 — 2.º Loja

O homem de sobretudo

(Continuação da pág. 47)

— Terei a vingança.

— E a morte para você mesmo. A sentença, justa.

— Mas...

— Essa vingança custará a você a vida. A êle a mesma coisa. Assim você não conseguirá que pague a dívida de um compromisso quebrado...

— Matarei!

Era um estribilho desesperado que êle repetia.

— Pense como um homem, raciocine.

— Raciocinar?

Riu sem vontade.

Raciocinar quando espero fazer aquilo que planejei há tanto tempo. Eu passava noites em claro pensando nesse momento.

— E há de passar noites em claro arrependendo-se dêsse impulso pouco antes de morrer, também condenado!

Estavam diante da casa da mulher. Star, com certeza, estava lá. Na noite de sábado saía de lá às cinco horas da manhã. Seguia para casa, o luxuoso apartamento em que morava. Era preciso esperar. Já tinham batido quatro horas. Com o revólver na mão, e portanto na expectativa, Carl encostou-se num muro. O homem do sobretudo curvara-se sôbre êle. Falava agora mais depressa, como quem tem pouco tempo para convencer.

— Não faça isso!

— Deixe-me.

— E' uma loucura!

— Deixe-me.

— Será possível que não possa raciocinar?

— Raciocinarei depois. Deixe-me.

— Vai sofrer pela própria vingança. Isso é vingança?

— Deixe-me. Matarei. Matarei.

— Você está louco. Está fora de si.

— Ainda duvida? Não é de se esperar, depois de dez anos de tortura?

— Não faça isso.

— Deixe-me!

As mesmas frases repetindo-se num crescendo angustioso: "Não! Não faça isso". E êle retrucava, num estribilho: "Deixe-me". Por que não matava aquêle homem, que era como que sua consciência? Por que permitia que ficasse ali a atormentá-lo? Mais ainda, a impedir o seu delicioso momento de vingança?

— Deixe-me!

Star ia sair. A porta se entreabrira. Um

(Continua na pág. 53)

COMO O SOL DÁ VIDA À NATUREZA, ANTISARDINA REALÇA A SUA BELEZA

ANTISARDINA, o creme que não rejuvenesce, prolonga a mocidade da CÚTIS.

Suavize admiração
Que atinja o coração...
"Amor" é o tom
Ideal do seu Baton...

Longevidade sensacional... divina... sem igual... a base exclusiva do "creme veludo" desta famosa marca norte-americana suaviza, protege e embeleza os labios

Baton para os labios VanEss

a famosa marca americana!
criação ao mesmo tempo da arte e da ciencia!

★ Use tambem o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS, que tornarão irresistivel a sua cutis.

CABELLOS BRANCOS
CASPA
Quéda dos Cabellos
JUVENTUDE
ALEXANDRE

tivesse morrido poeta laureado se eu não o tivesse feito tomar outro caminho.

— Foi, então, por sua causa que êle teve aquela outra fase. A fase em que publicou "O Livro da Outra"?

— Sim. "O Livro da Outra" ainda foi dedicado a mim, sabia?

— Mas...

— Mas...? Ah, sim, compreendo. A Outra do livro é uma mulher de má vida, uma leviana não como eu era, uma verdadeira... uma mulher má.

— Como foi possível isso?

— Foi um livro desesperado. No seu tormento êle, num delírio, me viu assim, compreende?

— Então êle escreveu aquêle livro para vingar-se?

— Para vingar-se? Não. Não era vingativo. Era bom. Êle realmente me viu assim.

Fez uma pausa. Depois, novamente com aquela voz de inesperada sonoridade grave:

— Miss Martin, eu **fui** aquela mulher... As duas... A môça leviana... e a **mulher** leviana... Daí ao mau caminho foi um passo e... e eu dei êsse passo. Depois... depois voltei para êle. Disse que o amava realmente, mas nunca o amei. Eu sou um monstro, não vê? Voltei para êle, porque já não havia quem quisesse me dar o seu nome. Mas êle me daria. Eu **sabia** e por isso voltei. Mas não era digna, porque antes de receber aquêle nome, eu já o manchara.

A exaltação tomara conta dela. Levantou-se, tremendo, e subitamente aquela mulher alta e magra, fremente de emoção, assustou-me.

★

Meses depois soube que ela morrera também num asilo, completamente louca. Já havia quase terminado minha tese quando inesperadamente recebi uma nova carta:

"Cara Miss Martin: esta carta é talvez uma das mais penosas da minha vida. Entretanto devo esclarecê-la sôbre o caso de George Ramsay e, se ainda estiver em tempo, reparar uma grande injustiça. Miss Martin, sou eu a inspiradora do "Livro

Continua na pág. 53

A Inspiradora

Continuação da pág. 23.

— Então...

— Então...?

— O livro foi dedicado à senhora?

— Sim, foi dedicado a mim. Eu era... Eu era môça, leviana, compreende?

— O "Livro Dela" dá bem a imagem de uma môça linda e frívola, graciosa, com uma porção de admiradores...

— Sim...

— Como a senhora o fez sofrer!

Ela olhou-me e notei que nos seus olhos brilhavam duas lágrimas solitárias, duas tristes lágrimas como eu já vira descerem lentamente. Ela não as enxugou.

— Sim, êle sofreu muito por minha causa.

— Como chegou a escrever aquêle livro?

— Aquêle livro custou o maior sofrimento que êle passou na vida. Cada poema, tão genuinamente comovido, era o testemunho de uma traição minha. Enquanto eu dançava nos braços de outro, enquanto eu ouvia os elogios dos outros e distribuia sorrisos, enquanto eu me deixava beijar por outros, êle escrevia aquêles poemas tristes...

— Como deve ter sofrido!

— Sim, eu o fiz sofrer muito, já lhe disse. Êle foi perdendo tudo o que tinha. Era moço, alegre, despreocupado, deu para beber, não se importou mais com a sua carreira. Perdeu a seriedade de moço respeitado e deu para andar em más companhias. Isso, Miss Martin, na sociedade vitoriana, era um caso muito sério... Uma sociedade tôda de convenções. Sim, êle perdeu tudo por minha causa. Talvez

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

Uma carícia perfumada!...

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.

Nas côres:
* Branco
* Rosa
* Raquel
* Ocre-claro
* Ocre-escuro

PÓ DE ARROZ
Lady

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO!

À VENDA EM TODO O BRASIL

P. FERRAZ

SOIRÉE
Forhan's
AGUA DE LAVANDA
RION
TIPO PERFEITO DE
OLD ENGLISH LAVANDER
Rion

A INSPIRADORA

Continuação da pág. 51

Dela" e "Livro da Outra. A história que lhe foi contada por Anne Ramsay é verdadeira, mas não foi ela a protagonista... Fui eu quem o torturou até a morte. Anne era minha irmã. Apaixonou-se por George quando êle morria, quase morria por minha causa. Depois, mais tarde, enquanto êle sofria, ela velava, ajudava-o. Êle, absorvido no seu desespêro, nem notava o amor de Anne. Finalmente porém ela não pôde mais ocultar o seu amor e êle descobriu tudo. Comovido, agradecido pela devoção, êle ficou noivo dela. Foi quando eu voltei da minha vida indigna, querendo retomá-lo para mim... George não teve coragem de negar-se aos meus rogos especialmente vendo-me humilhada, vencida. Desmanchou o noivado com Anne. Mas eu não tive coragem, na última hora, fugi novamente, desapareci, dei a êle mais êsse desgôsto: o último.

(Continua na pág. 55)

O homem de sobretudo

(Continuação da pág. 50)

vulto de mulher aparecera. Um ódio negro tomou conta de Carl. Apertou-lhe a cabeça; o coração batia como que sob uma manta que o oprimisse, o cobrisse. Êle sentia a cabeça latejando de ódio. Beijando a mulher. Naquela noite de sábado, como em tôdas as noites de sábado. Rindo, rindo dêle, como era natural. Com uma mulher, perfumada, carinhosa, que se abandonava nos seus braços, passiva, para receber as suas carícias, num calor, num aconchêgo. E êle de pé na chuva. E antes: êle de pé sem poder dormir, no cárcere. Por culpa daquele homem. Tomou o revólver.. Ia apertar o gatilho.

— Não faça isso!

— Que poder tinha aquêle homem de desarmá-lo. Como o conseguira? Um frio passou pelo corpo todo de Carl e êle sentiu a arma tombar aos seus pés. Abaixou-se para apanhá-la. Star vinha descendo a rua. Nos seus lábios brincava ainda um sorriso satisfeito. Viu o vulto de Carl, abaixado para apanhar a arma. Precipitou-se para ajudá-lo. Ao segurar o objeto notou que era um revólver. Ia devolvê-lo ao dono, quando os olhos dos dois se encontraram. Star empalideceu. Suas mãos tremeram. Houve uma pausa. Depois, muito franco, num gesto de coragem apesar de tudo admirável, êle lentamente depositou na mão aberta do outro a arma. Esperou o disparo. Tinha chegado o fim. Carl contemplou-o em silêncio, depois riu. Foi um estranho riso diante daquele homem à sua mercê. Um riso como que de alívio.. Tivera-o ali, diante dêle, tremendo diante da arma. E não matara. Riu mais, mais alto, aliviado.

Voltando-se para o homem de sobretudo disse:

— Vamos.

Mas o homem de sobretudo desaparecera. No bar de Cregan êle perguntou:

— Quem era aquêle homem de sobretudo?

Cregan olhou-o espantado.

— Que homem?

— Aquêle que segurou meu braço quando eu quis matar você.

O outro contemplou-o em silêncio um momento; depois respondeu, surpreendido:

— Não havia ninguém.

Um dos frequentadores do bar riu:

— Quem sabe se não foi a consciência dêle?

— A consciência?

Carl perguntou a si mesmo...

— Talvez tenha sido — disse, com um sorriso. — Vamos, Cregan, dê-me um duplo! Eu preciso de beber muito esta noite! Muito. Amanhã tenho que ir procurar trabalho.

— "trabalho"?

— Não, Cregan. Não vou procurar "trabalho", da forma que você pensa. Vou procurar trabalho!

Bebeu tôda a dose que Cregan lhe preparara de um trago e disse, despedindo-se:

— Senhores, boa noite!

Saiu, sozinho. A noite acolheu-o como uma amiga. O ar estava fresco. Êle caminhou muito tempo pelas ruas, depois, cansado de andar e refletir, procurou um quarto num hotel e foi dormir. Um sono calmo, tranquilo, honesto.

SUA CÚTIS ESTÁ DIANTE DESTA AMEAÇA:

Beleza de Máscara!

QUE É BELEZA-DE-MÁSCARA? É esta falsa aparência de beleza conseguida com os recursos de um "maquillage" excessivo, com o fim de ocultar ou disfarçar imperfeições da cútis. Além de artificial e efêmera, essa "Beleza-de-Máscara" constitui perigo para a vital respiração da pele.

PARA EVITÁ-LA, NÃO OCULTE, NÃO DISFARCE!

CORRIJA AS IMPERFEIÇÕES COM LEITE DE COLÔNIA!

Não é frivolidade... Mirar-se demoradamente ao espelho é um dever para com sua beleza... Mas, se alguma imperfeição aparecer, pense bem! Não procure ocultar rugas, espinhas, cravos, sardas e manchas, asfixiando a pele... Uma "Beleza-de-Máscara" não é a solução para êsse caso! Ao contrário... É um perigo!

Adote, pois, êste método prático, fácil e simples - corrija essas imperfeições, eliminando-as! Leite de Colônia - o amigo ideal da beleza feminina - limpa, alveja e amacia a pele, livrando-a das imperfeições. Dê, pois, à sua cútis, uma beleza jovem, radiante e, sobretudo, real, com Leite de Colônia!

Leite de Colonia

LIMPA, ALVEJA E AMACIA A PELE!

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferencia ao dentifricio mais indicado para hygiene e conservação dos dentes.

PASTA DENTIFRICIA S.S. WHITE
INDUSTRIA BRASILEIRA

Mmes. **EVA e SYLVIA**
(Ex-auxiliares de Mme. Campos)
no seu Instituto de Beleza
Rua Ouvidor, 138, 1.º — Tel. 42-8778
— Insc. S. N. F. M. —

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
À VENDA EM TODA A PARTE

RUGÓL
O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreta
Informações:
Rua Flack, 153-Rio. T. 29-2840
ÓLEO — LOÇÃO

Janet Blair, nesta pôse harmoniosíssima, como que desafia os estetas e pergunta: onde está a beleza do meu vestido? No feitio do vestido que eu visto ou na beleza do corpo que o vestido veste? Concordemos que ambos são dignos de reparo.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO
O PINCE-NEZ DE OURO
ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28
Joalheria
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO
JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES

A Inspiradora

(Continuação da pág. 53)

Muitos anos depois êle casou-se com Anne. E ela, coitada, passou a vida inteira cuidando dos "restos" de um homem que eu inutilizara. Êle perdeu a vida, o entusiasmo, não escreveu mais. Vegetava ao lado dela... E ela o amparava, o tratava como uma mãe... Quando êle morreu ela perdeu a razão. Imaginava-se, no seu desespêro de ver-se separada dêle, que era eu, que era a mulher que êle amara realmente, porque isso seria um consôlo, e êsse consôlo ela não teve, porque êle morreu com o meu nome nos lábios."

★

Depois de lêr aquela carta, resolvi escolher outro assunto para a minha tese. Não tinha coragem de usar aquela informação...

Lábios ARDENTES...
Faces AVELUDADAS...

O desejo de toda mulher cuidadosa, é manter-se atraente, apresentando uma cútis bem tratada. Realize êsse ideal, usando os produtos de Mme. GRAÇA, creados para as mulheres de fino trato. Para limpar a cútis, eliminando sardas e manchas, use o ÓLEO DE VIOLETAS, que torna a sua face aveludada. Ao deitar-se, aplique o CREME ANTI-RUGAS, que enrijece a pele, dando-lhe uma aparência juvenil, eliminando as rugas e a flacidês. Aos seus lábios, o BATON SEMARAP dá um encanto duradouro e uma tonalidade ardente... Use os produtos de Mme. GRAÇA, indispensáveis aos cuidados da beleza feminina.

- Rouge
- Pó de Arroz
- Loção Acnea
- Adstringente
- Balsamo Branco

Catálogo gratis pelo Correio

Distribuidores Gerais: ESPAÑA PARAMÉS & IRMÃO • Rua da Alfândega, 181 - RIO

OS PERFUMES DE
ROGER & GALLET
PARIS - RIO

fleurs d'amour — EXTRATO - LOÇÃO - PÓ DE ARRÔS - BRILHANTINA.

pavots d'argent — PÓ DE ARRÔS - LOÇÃO - EXTRATO - BRILHANTINA.

vera violeta — LOÇÃO

anthea — PÓ DE ARRÔS CRAVO - HELIOTROPE - VIOLETA.

santal — PÓ DE ARRÔS

jean marie farina — AGUA DA COLONIA
A GRANDE MARCA FRANCEZA

TELEFONISTA INTERNACIONAL

Uma profissão atraente para moças que falem inglês

Emprêgo permanente
- Idade de 18 a 30 anos
- Férias anuais remuneradas
- 8 horas de trabalho por dia
- 6 dias de trabalho por semana
- Aprendizagem fácil e gratuita
- Salário inicial Cr$ 900,00 desde o primeiro dia do curso.

- Salões de recreio
- Máximo confôrto e higiêne
- Acesso aos cargos de chefia
- Restaurante no local do trabalho - Ambiente agradável e trabalho interessante
- Refeições completas a Cr$ 1,00 ou menos, cada uma; café e mate gratis

Além das quatro operações, as candidatas devem saber ler e escrever inglês e português

Procure na Rua do Costa n.º 69 a Telefonista-Chefe do Serviço Internacional, das 9 às 16 horas, exceto aos sábados (das 9 às 11 horas) - Telefone: 05 ramal 555

COMPANHIA TELEPHONICA BRASILEIRA

Os Distúrbios Glandulares na Mulher e o seu Tratamento Moderno

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher.
Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cútis e tôdas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo as primeiras drageas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral. PANSEXOL "F MINUTO" encontra-se à venda em tôdas as Drogarias e Farmacias.

Fórmula do Prof. AUSTREGÉSILO
Remetemos, pelo Reembolso postal
Cr$ 25,00 o vidro
Produtos Panvital - Rua da Estrela, 8
RIO DE JANEIRO

A mulher de Paris e de Londres

Paris — (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento Okasa, à base de Hormônios frescos e vivos (extratos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). Okasa, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres e Paris: é importado agora diretamente de Londres. O tratamento Okasa é uma medicação de escolha, ultra-racional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada, oferece o máximo de sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparêlho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cútis, queda ou falta da turgência dos seios, etc., tôdas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente Okasa e se convencerá. Peça a fórmula drágeas "ouro" em tôdas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos Arna Av. Rio Branco, 109 — Rio — Tel. 43-3378.

1 Êles viviam uma existência diferente e um tanto original. O velho mr. Barrett, de hábitos austeros e severíssimo quanto à educação dada aos filhos, mas principalmente às môças, impunha respeito e temor quando aparecia. Elizabeth, bela e paralítica, prêsa à sua poltrona, evitava muitos aborrecimentos da família, mas sofria intimamente... e fazia versos. Henriette, espírito afoito e jovial, formava um grande contraste com o de suas irmãs, Arabel e Bela. Os rapazes eram tímidos, mas Otavio, ainda mais tímido, animava os outros.

3 Mas descobre-se que também Elizabeth está gostando de alguém. Um jovem poeta com quem se correspondia, Robert Browning, faz-lhe uma visita, longe das vistas do pai de Elizabeth. Êle a conforta e anima; ela sente no peito uma afeição impetuosa pelo moço...

A FAMILIA BARRETT

Um dos mais expressivos sucessos da temporada teatral estão sendo as representações da conhecida peça de Rodolpho Besier, "A Família Barrett", que o cinema anteriormente já nos havia dado, agora com um irreprensível desempenho da Sociedade Amigos de Teatro, cujos espetáculos são dados apenas às segundas-feiras. Seus principais intérpretes são: Maria Sampaio, Elizabeth; Rodolpho Arena, Robert Browning; Nelson Vaz, mr. Barrett; Stella Perry, Henriette; Wayta Brasil, Arabel; Eugenia Levy, Bela; Altivo Diniz, Otavio; Sara Nobre, Wilson; Pedro Veiga, Bezon, tomando parte na representação também Antonio Henrique, David Conde, Wallace Vianna e Carlos Brasil.

O entrecho de "A Família Barrett" é sobejamente conhecido, e a encenação que lhe deu êsse elenco foi de molde a merecer calorosos aplausos do público e da crítica. O guarda-roupa a caráter, os menores detalhes do "script" fielmente obedecidos, tudo, enfim, concorreu para mais êsse êxito da temporada das segundas-feiras. A peça foi ensaiada pela sra. Henriete Morineau, e suas apresentações continuam sendo feitas nesta Capital, devendo a temporada estender-se mesmo durante os meses de verão.

2 Quando o velho Barrett se ausentava, o ambiente era outro. Otavio e Henriette procuravam distrair a irmã enfêrma, e o conseguiam facilmente. Henriette relata aos irmãos o seu "flirt" com um bonito rapaz, cujo uniforme o faz ainda mais imponente. Elizabeth sorri, animada com a felicidade da irmã, e Otavio faz gracinhas...

4 Mas a presença de mr. Barrett vem desfazer essa maravilhosa impressão. Para o homem austero e egoista a filha pertence-lhe; não poderia casar-se com ninguém, e a convence da sua incapacidade física. E' cruel, sem dúvida. Elizabeth procura então resignar-se.

5 E o milagre começa a operar-se! Animada pela visita de Robert, a enfêrma dá os primeiros passos. Agora está caminhando. Quando Henriette recebe a visita do jovem oficial, seu namorado, faz questão de apresentá-lo à irmã. É, sem dúvida, um guapo rapaz, e a jovem sente-se a mais feliz das mulheres. A seu lado Elizabeth contempla, embevecida, aquêle bonito quadro. Ela também poderá ser feliz se de algum modo seu sonho de amor se realizar com o poeta... Mas se o pai tomar conhecimento da visita dos namorados, as consequências serão terríveis!

6 E o que a princípio era apenas uma recíproca simpatia converte-se em uma forte afeição. Robert sabe, agora, que a sua amada sofre a tortura paterna, e está disposto a casar-se com ela de qualquer modo. Elizabeth surpreende-se. Poderá, acaso, enfrentar a ira do pai?

7 As irmãs trocam confidências. Bela, ausente, acompanha a alegria de Elizabeth, Henriette e Arabel, embora esta última seja, agora, a que mais sofre. Seu temperamento é outro; ela receia assustadoramente a vingança do pai. Mas esconde o seu temor e sorri para as irmãs.

8 Estala, enfim, o conflito! O velho Barret fica senhor da situação quanto ao namôro de Henriette, e a ricrimina com violência. Mesmo ignorando o "caso" de Elizabeth, vinga-se insultando a môça e de modo algum aceita suas explicações. Henriette pede clemência, de joelhos...

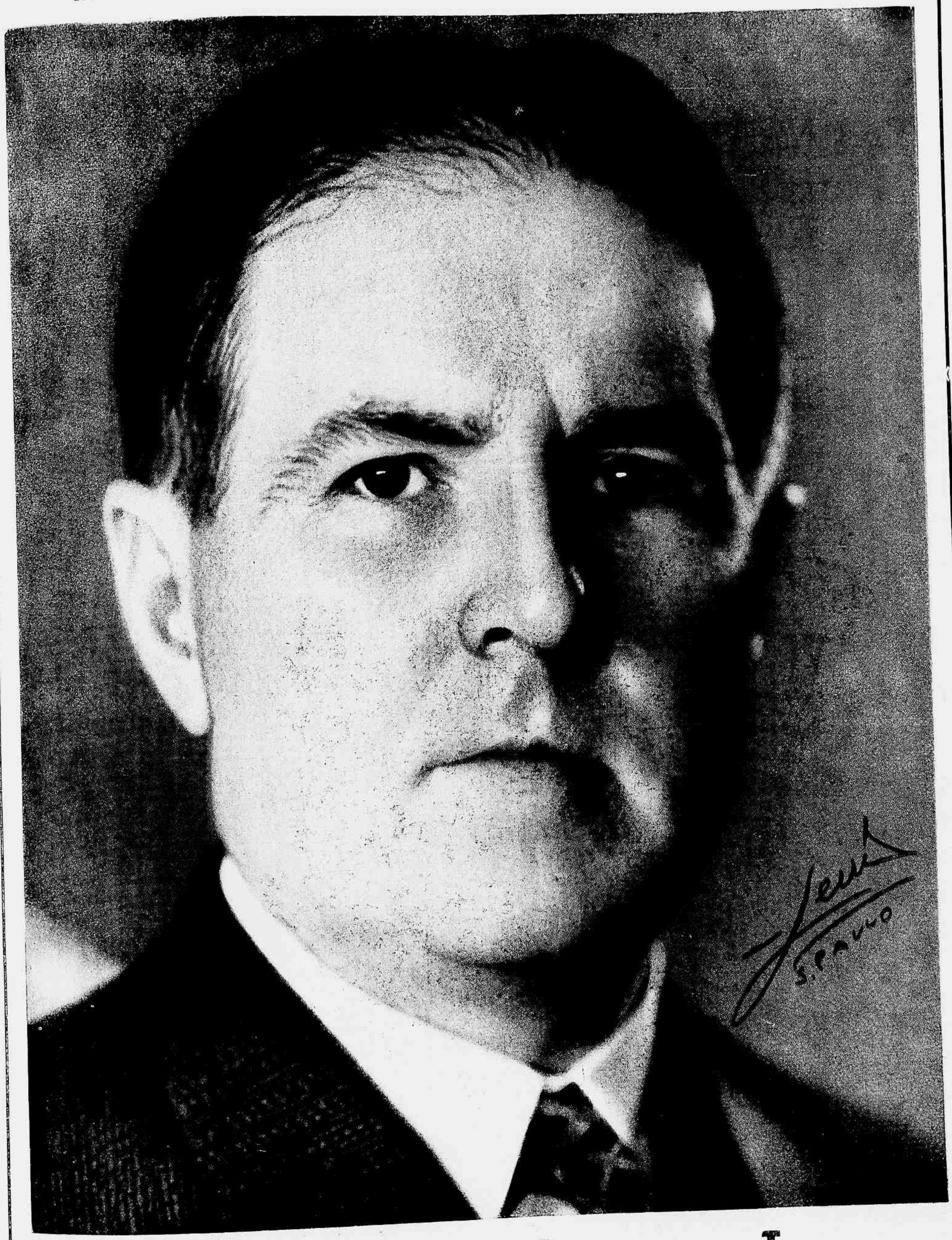
9 E surge o inevitável. Também Elizabeth foge em companhia de Robert, deixando um bilhete de despedida que Arabel encontra e, desesperada, mostra aos irmãos. O velho Barrett irá desesperar-se, mas inutilmente. A família Barrett não pode subjugar-se à sua vontade. E o amor vence, enfim!

JOCKEY CLUB MUNDANO

Aos domingos e feriados, o que o Rio tem de mais elegante e representativo se reune no Hipódromo da Gávea, gozando a emoção das carreiras ali realizadas, e estilizando a vista na contemplação do desfile de modas. Nesta página estampamos cinco sugestivos flagrantes, colhidos durante os intervalos das corridas de domingo último.

PARTIDO POPULAR SINDICALISTA

RUA SENADOR FEIJÓ, 30 — 1.º ANDAR — TEL. 3-7930 — SÃO PAULO



JOSÉ ADRIANO MARREY JUNIOR

Candidato a GOVERNADOR DE SÃO PAULO

HOLLYWOOD
Cigarros
Hollywood
Cia de Cigarros Souza Cruz
Rio de Janeiro
Hollywood
ANNIBAL
Cia de Cigarros Souza Cruz